



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ISRAEL LACERDA DO NASCIMENTO

ENTRE LINHAS E ANOS:
Cronologia da vida e das obras de Luís da Câmara Cascudo

RECIFE

2024

ISRAEL LACERDA DO NASCIMENTO

ENTRE LINHAS E ANOS:

Cronologia da vida e das obras de Luís da Câmara Cascudo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Murilo Artur Araújo da Silveira

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Nascimento, Israel Lacerda do.

Entre linhas e anos: cronologia da vida e das obras de Luís da Câmara Cascudo / Israel Lacerda do Nascimento. - Recife, 2024.

164 p. : il.

Orientador(a): Murilo Artur Araújo da Silveira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2024.

Inclui referências.

1. Biobibliografia de Luís da Câmara Cascudo. 2. Biografia. 3. Bibliografias. 4. Patrimônio Bibliográfico Documental. 5. Trajetória intelectual. I. Silveira, Murilo Artur Araújo da. (Orientação). II. Título.

020 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2024 - 68)

ISRAEL LACERDA DO NASCIMENTO

**ENTRE LINHAS E ANOS: CRONOLOGIA DA VIDA E DAS OBRAS DE LUÍS DA CÂMARA
CASCUDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Aprovada em: 07/03/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Murilo Artur Araújo da Silveira (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento (Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Eu quero expressar os meus sinceros agradecimentos a Deus, cuja orientação e graça foram fundamentais durante todo o processo de pesquisa e redação deste trabalho.

Em primeiro lugar, depois de Deus, ao meu orientador, Murilo Silveira, não só pela sua orientação propriamente dita, o que não é tarefa das mais fáceis quando se lida com uma pessoa confusa como eu, mas também pela motivação e confiança, que eu espero, acabe sendo devida no final das contas.

À minha mãe, Fátima Lacerda, à minha namorada, Julianna Araújo, e às minhas irmãs, Rebeca e Jessica Nascimento, pelo incentivo e apoio durante todo o processo.

Às minhas antigas chefes na Fundaj, Nadja Tenório, mas especialmente Veronilda Santos, pela flexibilidade e apoio que permitiram a conciliação entre o meu antigo trabalho e o início do curso. E à minha atual chefe, Denize Silva, pela mesma razão.

Além delas, toda a equipe de monitoras da Biblioteca Blanche Knopf, da Fundaj, e outros colegas que foram importantes como colegas de trabalho, incentivadores e auxiliares em vários estágios desta pesquisa.

Às instituições UFPE, que me permitiram e proporcionaram a ingressão nesse excelente programa de pós-graduação. À Fundaj, onde essa pesquisa começou e que serviu, até o fim, como minha principal fonte de pesquisa bibliográfica. Ao Luduvicus - Instituto Câmara Cascudo, que mesmo eu não acessando fisicamente, o seu trabalho tornou esse, como tantos outros trabalhos a respeito de Câmara Cascudo, possível.

—Já consultou o Cascudo? O Cascudo é quem sabe. Me traga aqui o Cascudo.

O Cascudo aparece, e decide a parada. Todos o respeitam e vão por ele. Não é propriamente uma pessoa, ou antes, é uma pessoa em dois grossos volumes, em forma de dicionário que convém ter sempre à mão, para quando surgir uma dúvida sobre costumes, festas, artes do nosso povo. Ele diz tintim-por-tintim a alma do Brasil em suas heranças mágicas, suas manifestações rituais, seu comportamento em face do mistério e da realidade comezinha. Em vez de falar Dicionário Brasileiro poupa-se tempo falando “o Cascudo”, seu autor, mas o autor não é só dicionário, é muito mais, e sua bibliografia de estudos folclóricos e históricos marca uma bela vida de trabalho inserido na preocupação de “viver” o Brasil.

— Carlos Drummond de Andrade ¹

¹ O texto é um fragmento de uma crônica publicada originalmente em jornal. O fragmento foi republicado por uma série de documentos, inclusive documentos oficiais do governo, mas nunca com a referência completa, até onde pudemos verificar. Sabemos haver uma transcrição da crônica na “Revista Província 2”, publicada em Natal pela Fundação José Augusto, em 1968.

RESUMO

Esta pesquisa biobibliográfica examina o legado científico e cultural de Luís da Câmara Cascudo, destacando sua posição como figura proeminente e, ao mesmo tempo, controversa na intelectualidade brasileira. Utilizando a teoria neodocumental como estrutura analítica, o objetivo foi mapear e analisar as dimensões documentais e cronológicas da memória biobibliográfica do autor. Isso foi realizado traçando as linhas do tempo de sua vida pessoal e de suas principais publicações, bem como uma linha biobibliográfica que integra vida e obra. A análise oferece percepções sobre a formação e evolução de Cascudo, contextualizando suas contribuições culturais. Além disso, examinamos as principais obras sobre e de Cascudo para fornecer um panorama abrangente. Utilizamos a análise documental para avaliar a autenticidade e confiabilidade das fontes, sem tentar resolver os problemas de que essas documentações tratam. Identificamos lacunas no conhecimento existente sobre o autor e destacamos a importância de uma infraestrutura básica de documentações para futuras pesquisas. Essa abordagem, fundamentada na Documentação e Ciência da Informação, visa estabelecer uma base sólida para investigações acadêmicas futuras.

Palavras-chave: Biobibliografia de Luís da Câmara Cascudo; Biografia; Bibliografias; Patrimônio Bibliográfico Documental. Trajetória intelectual.

ABSTRACT

This biobibliographical research examines the scientific and cultural legacy of Luís da Câmara Cascudo, highlighting his position as a prominent yet controversial figure in Brazilian intellectual circles. Employing neodocumentary theory as an analytical framework, the aim was to map and analyze the documentary and chronological dimensions of Cascudo's biobibliographical memory. This was achieved by tracing the timelines of his personal life, major publications, and a biobibliographical line that integrates life and work. The analysis provides insights into Cascudo's formation and evolution, contextualizing his cultural contributions. Furthermore, we examine the principal works about and by Cascudo to provide a comprehensive overview. Documentary analysis was utilized to assess the authenticity and reliability of sources without attempting to resolve the issues they address. We identified gaps in existing knowledge about the author and emphasized the importance of basic documentation infrastructure for future research. This approach, grounded in Documentation and Information Science, aims to establish a solid foundation for future academic investigations.

Keywords: Biobibliography of Luís da Câmara Cascudo; Biography; Bibliographies; Documentary Bibliographic Heritage. Intellectual trajectory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Fontes primárias da pesquisa	26
Figura 1 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1898-1920	49
Figura 2 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1921-1930	53
Figura 3 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1931-1940	57
Figura 4 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1941-1950	62
Figura 5 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1951-1960	65
Figura 6 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1961-1970	68
Figura 7 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1971-1986	72
Figura 8 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1910-1930	76
Figura 9 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1931-1940	80
Figura 10 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1941-1950	85
Figura 11 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1951-1960	89
Figura 12 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1961-1970	93
Figura 13 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1971-1986	98
Figura 14 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1898-1920	103
Figura 15 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1921-1930	109
Figura 16 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1931-1940	122
Figura 17 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1951-1960	127
Figura 18 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1961-1970	132
Figura 19 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1971-1980	137
Figura 20 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1971-1980	144

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL DA PESQUISA NA PERSPECTIVA DA DOCUMENTAÇÃO E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	27
4 DIMENSÃO DOCUMENTAL SOBRE A BIOBIBLIOGRAFIA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO	36
4.1 PRINCIPAIS FONTES BIOGRÁFICAS	36
4.2 PRINCIPAIS FONTES BIBLIOGRÁFICAS	40
4.3 PRINCIPAIS FONTES BIOBIBLIOGRÁFICAS	44
5 CRONOLOGIA BIOGRÁFICA, BIBLIOGRÁFICA E BIOBIBLIOGRÁFICA DE LÍS DA CÂMARA CASCUDO	48
5.1 CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO	49
5.2 CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO	76
5.3 CRONOLOGIA BIOBIBLIOGRÁFICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO	103
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	156

1 INTRODUÇÃO

O século XX, em sua totalidade, talvez seja o período em que a literatura brasileira desempenhou um papel mais preponderante na tarefa de tentar compreender o Brasil e de seu povo. Alguns intelectuais no Brasil exploraram as origens da formação do povo e das tradições e transformações culturais ao longo do tempo por meio da literatura. O foco desta pesquisa recai sobre um indivíduo cujos esforços estão voltados para desvendar elementos da cultura brasileira que, de alguma maneira, são cultivados pelas pessoas, mas cujo alcance e perspectivas de realização escapam à sua compreensão completa. No entanto, antes de entrar nos elementos constitutivos desta investigação, traz-se um caso semelhante, breve na descrição, mas revelador, que destaca o potencial das contribuições intelectuais para evidenciar a cultura mantida, preservada e cultivada pelos povos.

No transcorrer do século XIX e início do século XX, um intervalo temporal identificado como a Era Meiji¹, o Japão, na sua capacidade de nação soberana, identificou a impossibilidade de persistir em seu estado de isolamento cultural. Reconheceu, assim, a imperativa necessidade de estabelecer aberturas diplomáticas e comerciais com o Ocidente e a comunidade global de nações. Esta decisão foi impulsionada pela compreensão de que, sem uma integração internacional, o Japão enfrentaria um risco elevado de sofrer invasões e dominações estrangeiras, um destino já observado na China durante o mesmo período histórico. O país em que estão as origens antropológicas do povo japonês, um país cuja maior construção eram muros para manter fora o mundo estrangeiro, teve de reconhecer, com perplexidade, o quanto o mundo estrangeiro havia tomado com facilidade o seu país, apesar de seus “muros”, graças aos navios de guerra feitos de ferro, exércitos armados com espingardas e livros de ciência moderna. Quando os líderes do Japão perceberam que a China, assim como a Índia, vivia agora refém de estrangeiros que construía ferrovias, fábricas, rodovias, sem que eles pudessem dizer não ou se recusar a pagar por elas, deram-se conta de que um novo tempo havia chegado e que as duas únicas opções disponíveis eram modernizar-se como senhor, ou ser modernizado como escravo (Spence, 1995).

¹ Para mais informações sobre o tema, consultar: HENSHALL, K. História do Japão (IV parte): a construção de uma nação moderna: o Período Meiji (1868-1912).[sl]. 2018.

Para Spence (1995), o novo tempo para o Japão permitiu que a intelectualidade japonesa promovesse a abertura de escolas e universidades civis e academias militares, povoadas de professores estrangeiros de filosofia, ciências e artes. Os exércitos formados por clãs familiares ligados pelos laços de sangue, foram substituídos por exércitos formais permanentes com treinamentos regulares e padronizados para os seus soldados. Havia canteiros de obras por todo o país. Seus melhores alunos, civis e militares, eram então enviados para as melhores universidades e academias militares no Ocidente, quase como embaixadores de seu país, com a missão de absorverem o máximo possível e na volta liderar o país no caminho difícil para a modernização e ocidentalização (Spence, 1995).

Logo, foi ficando claro que modernizar-se era mais que construir estradas, ter trens e dominar metralhadoras. Modernizar-se implicava na adesão de toda uma nova forma de pensar, agir, manifestar-se, organizar-se cultural e politicamente. Paralelamente, observou-se uma evolução nos costumes rituais públicos e domésticos: práticas tradicionais como o ato de sentar-se em tapetes para a realização de cerimônias de chá ou para discussões em grupo cediam lugar a encontros em torno de grandes mesas, com os participantes vestindo trajes ocidentais, como ternos, em substituição aos *kimonos*. A justiça tradicional teve que ceder lugar ao Direito Internacional, enquanto o desenho "medieval" das cidades teve que ser substituído por uma estrutura que acomodasse carros, caminhões, trens e edifícios. Este conjunto de mudanças evidencia um processo de adaptação e integração à modernidade e às práticas globais

Não bastava mudar a casca, a alma milenar do Japão precisava se transformar para combinar com o seu corpo novo que estava sendo construído. Quando isso foi ficando claro, toda a nação japonesa, com a exceção de uma resistência conservadora firme, como não poderia deixar de ser, foi se organizando na destruição de um Japão Antigo para que um Japão Novo pudesse nascer. Professores de caligrafia eram ridicularizados nas ruas por crianças que mal sabiam escrever, guerreiros samurais se suicidavam dada a sua nova inutilidade, velhos sábios viam como crianças um mundo que não conseguiam entender ou explicar. Para Tanizaki (2007) a crise da abertura japonesa para o Ocidente foi uma crise estética, enquanto a crise chinesa foi militar e a indiana religiosa.

No meio de tudo isso o professor ítalo-americano Ernest Fenollosa², que fora ao Japão ensinar filosofia e ciências políticas aos jovens japoneses, havia-se rendido completamente à cultura e às artes tradicionais do Japão. Tornara-se mais que um colecionador de esculturas do Buda, de contos tradicionais escritos em *washi* (papel tradicional japonês), peças em porcelana, poesia tradicional e gravuras de guerra talhadas em madeira. Fenollosa, com o gosto pela arte própria dos italianos, percorria templos, casas e fazendas em busca de salvar tudo quanto fosse possível da destruição iminente. Coleções inteiras de móveis requintados, peças de arte, manuscritos e jogos de louça esperavam em porões úmidos, um destino que provavelmente seria uma fogueira. Pagando pouco dinheiro, Fenollosa foi um dos que foram responsáveis pela preservação de imensas coleções de arte japonesa no Ocidente, quando estas foram alcançadas a tempo. Esse professor acabou por se tornar um dos autores mais influentes do período em relação à estética do mundo oriental. Além de ser uma das mais proeminentes autoridades no assunto, ele também era um curador respeitado em exposições de arte e um hábil caçador de manuscritos orientais. Sua importância foi fundamental para os japoneses e suas tradições culturais, figurando como uma espécie de precursor de um renascimento da cultura japonesa entre os próprios japoneses.

Fenollosa rerepresentou as tradições culturais dos japoneses aos seus ávidos alunos japoneses, mas por olhos ocidentais. Comparou a importância histórica de seus mitos, de suas lendas, de suas canções, do seu teatro, de sua filosofia, de sua arquitetura e de seus hábitos militares para a construção daquele povo nos mesmos termos que esses mesmos elementos tiveram para o desenvolvimento da Europa moderna e de suas colônias, de maneira mais indireta. Mais ainda, Fenollosa foi uma das mais fortes e coerentes vozes na educação dos japoneses para que esses não destruíssem o legado milenar da sua cultura folclórica tradicional. O discípulo mais notável e proeminente, Kakuzo Okakura, um intelectual de destaque, absorveu do seu mentor, cujas raízes remontam aos antigos romanos, a compreensão de que o Ocidente moderno é o culminar de um extenso processo de refinamento e aperfeiçoamento de sua cultura popular tradicional. Esse processo, desenvolvido ao longo do tempo, foi ampliado e

² Estes são provavelmente os livros mais importantes de Fenollosa com relação a esse assunto, com títulos traduzidos livremente por esse trabalho: “Os Mestres de Ukiyo-e: uma Descrição Histórica Completa das Pinturas Japonesas e Gravuras em Cores da Escola do Gênero”, “Épocas da Arte Chinesa e Japonesa”, “‘Noh’ ou Realização: Um Estudo do Palco Clássico do Japão, com Ezra Pound”, “O Caráter Chinês Escrito como um Meio para a Poesia”.

universalizado através da influência de civilizações gregas, romanas, europeias e, indubitavelmente, americanas. Okakura assimilou a visão de que a modernidade ocidental se edificou sobre a base de uma evolução cultural contínua, que integrou e adaptou elementos distintos dessas diversas heranças ao longo dos séculos. Okakura tornou-se no século XX uma voz impressionantemente poderosa no Japão e fora dele, a respeito de como a cultura erudita de um povo é construída a partir de sua cultura popular tradicional que, por sua vez, tende a ser uma espécie de assimilação fragmentada da cultura erudita.

Em seu mais conhecido livro, “O Livro do Chá”³ (às vezes publicado com o subtítulo: a arte japonesa da cerimônia do chá), publicado pela primeira vez por Okakura em 1906 quase como uma obra de arte, é um ensaio que estabelece uma conexão entre o papel do *chadō* (cerimônia do chá) e os aspectos estéticos e culturais da vida japonesa, ao mesmo tempo em que protesta contra caricaturas ocidentais sobre um oriente místico e estereotipado. O autor vai apresentando principalmente aos ocidentais, mas também aos japoneses, como cada aspecto da cerimônia tradicional de servir chá em casa, ou numa casa de chá, está envolto por uma aura de gestos, símbolos e tradições que podem até mesmo passar despercebidos para quem participa desse ritual, mas que não são casuais. Trazem consigo uma liturgia quase religiosa que evoca a reflexão de cada aspecto da vida. A construção da *palhoça* de madeira e bambu além de contar toda a história de arquitetura japonesa, evoca a simplicidade de tudo daquilo que é mais importante, além de apontar para a natureza, de onde tudo vem. Em contraste com os grandes tempos ocidentais (que o Japão também tem) mostram como os rituais domésticos são mais presentes para eles que os rituais públicos. As folhas que caem das plantas ao redor e que demoram a serem retiradas, contrastando com a perfeita assepsia japonesa, evoca a perenidade da vida e a falta de controle sobre os elementos do cosmos que dirigem os acontecimentos da vida no mundo (Kakuzo, 2008).

Ou seja, sendo o sujeito capaz de “ler” a vida cotidiana japonesa, penetrar através de suas “superstições”, encontrar-se-ia não um mundo de fábulas tolas, mas uma filosofia profunda aperfeiçoada por uma corrente civilizacional que volta até o começo da própria origem da civilização, muito embora Okakura não chegue mesmo a fazer essa digressão até tão distante.

³ Além deste, seus dois outros livros mais relevantes são “Os Ideais do Oriente” e “O Despertar do Japão”, em títulos traduzidos livremente por nós.

O exemplo japonês mencionado, destaca e invoca os elementos que planejamos utilizar para introduzir a cultura e o folclore no contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que desenha a figurado personagem que será analisado sob a perspectiva da Documentação e da Ciência da Informação. No contexto brasileiro, alguns intelectuais do século XX se destacam, mas quando se trata dos temas da cultura popular, o nome de Luís da Câmara Cascudo é quase unânime. Um conjunto de referências bibliográficas sustenta o legado de sua produção, evidenciando seu impacto social e cultural, além das interpretações que ele desenvolveu sobre o povo brasileiro. Dessa forma, a seriedade com que Luís da Câmara Cascudo se dedicou à cultura brasileira talvez devesse ter, para o Brasil, a mesma relevância que teve o trabalho de Kakuzo Okakura para o Japão, sendo considerado um trabalho de importância civilizacional.

A menção do caso japonês serve menos como uma apresentação que visa comparar pela semelhança objetiva entre os casos e mais como um exemplo que visa determinar o tom subjetivo adotado por esse trabalho ao falar de Folclore. Isso porque é comum que o tema do folclore seja abordado por nós somente uma única vez em nossa fase escolar infantil e nunca mais revisitado de maneira mais madura depois, de modo que muitos de nós, mesmo quando reconhecemos uma importância sociológica, antropológica ou simbólica do tema, ainda o vemos subjetivamente com uma espécie de falta de rigor e de seriedade que não foi, nem de longe, o tom adotado por Cascudo em suas pesquisas.

Ao analisar o panorama intelectual da virada do século XIX para o século XX, especialmente a sua primeira metade, é evidente que muitas das contribuições dos pensadores brasileiros em relação ao país e ao seu povo foram realizadas através da literatura. Nomes notáveis desse período surgem muito naturalmente, Darcy Ribeiro (1922-1997), Gilberto Freyre (1900-1987), Monteiro Lobato (1882-1948), Oswald de Andrade (1890-1954), Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), Sílvio Romero (1851-1914) e tantos outros. Esses autores representam apenas alguns exemplos de intelectuais que, por meio da literatura, exploraram as origens do Brasil, a formação do nosso povo e as nossas tradições formais e informais, buscando compreender as características da nossa cultura tanto em sua universalidade como em sua peculiaridade. A maior parte desses intelectuais mencionados, cada um a seu modo, dedicou-se a expressar suas compreensões sobre os elementos culturais que remontam às origens dos costumes, das leis, dos desafios e das conquistas brasileiras, tanto em nível nacional quanto regional. Eles trouxeram à luz

traços etnográficos distintivos, legados sociais, culturais, jurídicos e antropológicos, abordando também suas origens e formas de manifestação.

Direcionando o foco de maneira específica para o polímata Luís da Câmara Cascudo; conforme o catálogo online do Instituto Câmara Cascudo — Ludovicus⁴, sua produção abrange um impressionante número de quase duzentas publicações conhecidas, incluindo 108 livros originais, além de 121 folhetos, milhares de artigos (entre artigos científicos e artigos e crônicas de jornal) e dezenas de ensaios nos campos da História, Música, Literatura, Memória, Biografia, Religião Comparada, Antropologia, Sociologia, Arte, Geografia e Direito. Não necessariamente nessa ordem de importância.

Além de suas obras fundamentais para as Ciências Sociais brasileiras, Cascudo também escreveu romances, crítica literária, musical e artística (Souza, 1998). Sua contribuição para o entendimento e a preservação da cultura brasileira deve ser inestimável. Em seu esforço como intelectual, Câmara Cascudo sempre destacou que um trabalho sério de investigação antropológica poderia traçar perfeitamente bem as origens dos elementos que explicam a psique de um povo, os seus arranjos jurídicos, sua ética de trabalho, sua culinária e até mesmo os seus gestos cotidianos mais banais. (Cascudo, 2017). E foi a esse esforço que ele dedicou todos os dias da sua vida até a sua morte.

Desde as primeiras páginas de qualquer um de seus livros vê-se o interesse do autor em escrever de maneira poética enquanto apresenta seus resultados. Aquilo que ele diz é resultado de sua pesquisa e de sua observação pessoal. Na verdade, em várias de suas entrevistas, Cascudo menciona o quanto é difícil ser um pesquisador em seu tempo pelo simples fato de não poder confiar muito em citações. Para ele, muitas citações, de pesquisadores importantes, inclusive, estavam contaminadas por estarem em divergência com o trabalho original que eles citam, fosse por displicência ou conveniência (Cascudo, 1965). Portanto, não havendo a possibilidade de comparar uma citação com o trabalho original citado, Cascudo costumava abandonar linhas de argumentação inteiras como sendo inúteis. Essa preocupação surge desde o início da vida de Cascudo como escritor, como se verá mais adiante, visto que o campo do Folclore estava bastante afetado por imaginação e distorções racistas quando Cascudo entra nele. Mesmo que hoje seja o próprio Cascudo que soe como um intelectual racista, para alguns pesquisadores contemporâneos.

⁴ <https://www.cascudo.org.br/biblioteca/obra/decascudo/livros/>

Convém indicar que quase toda a sua produção bibliográfica foi sintetizada popularmente sob o tema “guarda-chuva” Folclore. O grande esforço intelectual e político de Cascudo como pesquisador foi de criar e dar fundamento teórico e epistemológico ao Folclore como um ramo próprio das Ciências Sociais Brasileiras. Sem sucesso, é claro. Muito embora, durante o século passado, enquanto ele atuava como principal fundador e presidente da Sociedade Brasileira de Folclore, tenha chegado bastante perto de isso ter acontecido⁵. A Sociedade Brasileira de Folclore foi capaz de criar uma Campanha de Defesa do Folclore Nacional e de manter um periódico científico chamado "Revista Brasileira de Folclore", publicado pelo Ministério da Educação e Cultura entre 1961 e 1976. Nesses quinze anos de existência foram publicados 41 fascículos contendo artigos, bibliografias, resenhas, indicações de cursos, exposições e festivais. O acervo, aliás, foi digitalizado com financiamento da Caixa Econômica Federal e está disponível gratuitamente num site próprio dentro de um acervo digital maior do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), uma fundação pública federal responsável pelo desenvolvimento e execução de programas e projetos voltados para o estudo, pesquisa, documentação, difusão e fomento da cultura popular brasileira. (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2018).

No Brasil, o tema do Folclore começou a ganhar relevância bibliográfica no século XIX, quando autores como Sílvio Romero, por exemplo, compilou “Cantos Tradicionais do Brasil” (1853) e “Contos Tradicionais do Brasil” (1855), num esforço de registrar e compreender as manifestações populares, que eram bastante diferentes da alta cultura e das práticas desenvolvidas em teatros e bibliotecas, no Brasil, assim como na Europa. Toda essa primeira geração de autores que compilaram livros de literatura com temas folclóricos, sofreram severas críticas de Amadeu Amaral (1875-1929, integrante da Academia Brasileira de Letras) que os julgou como estando cheios de afetações, suposições, romantismos e “correções”. Amaral defendia que a cultura popular brasileira e as suas manifestações precisavam ser estudadas seriamente e sob o método científico, conforme adotado pela Ciências Sociais (Araújo, 1998).

Vasconcellos (2000) aponta que, para Cascudo, o fenômeno da formação da cultura brasileira foi único, já que a enculturação sofrida pelos portugueses nas terras do Brasil não teria acontecido da mesma maneira em outras colônias portuguesas, no sentido de

⁵ É claro que esse esforço não foi só de Cascudo, mas de uma série de intelectuais, como Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, para ficar em dois exemplos contemporâneos a ele.

que muitos hábitos, palavras e objetos indígenas foram adotados por Portugal não somente em Portugal, como em outras colônias. Do mesmo modo, era único o modo como os africanos (trazidos a força ao Brasil) e os aborígenes sul-americanos (bastante conservadores em seus costumes e tradições) se deixaram penetrar pela cultura portuguesa muito profundamente. Na Índia, por exemplo, ele julgava que fenômeno parecido teria sido impossível. Para Cascudo, o folclore estava presente em todas as culturas e não estava relacionada, necessariamente, à ignorância, pobreza ou falta de industrialização. Dava como exemplo disso o fato de Neil Armstrong ter levado consigo uma pata de coelho em sua viagem lunar (Vasconcellos, 2000, p. 25-27).

Considerando tudo isso mencionado acima, portanto, nos parece oportuno apontar a prevalência da palavra **bibliografia** e sua importância na compreensão do trabalho de Câmara Cascudo. Isso porque, adentrar no universo bibliográfico deste intelectual sem uma bibliografia básica é como tentar passear por uma rede de cavernas sem um mapa. Mais do que isso, até. O sistema de cavernas que é a obra de Cascudo, apresenta muitos mapas, alguns mais completos que outros, que servem de guia para esse sistema; de modo que não só é importante a ferramenta da bibliografia⁶, como é preciso mesmo mapeá-las um pouco para que a imersão na sua obra ocorra de modo assertivo e não caótico. Ou seja, é preciso apontar as bibliografias, que são como guias parciais para essa obra.

A ferramenta **bibliográfica**, em si mesma, tem sido ampliada pelo seu uso e valor instrumental às ciências por séculos a fio, mas tem sido no mundo contemporâneo e pelas mãos da academia moderna que essa ferramenta tem sido aperfeiçoada e profissionalizada para que atenda às especificidades que o mundo contemporâneo, tão vasto em informação, exige. Todavia, verifica-se que a vida do intelectual, sua trajetória histórico-cultural e suas circunstâncias, se intercrusa com sua produção porque as influências são mútuas e se retroalimentam. Evoca-se então, a dimensão **biográfica** para elucidar a perspectiva bibliográfica de Câmara Cascudo. Mais ainda, as duas dimensões não podem ser analisadas isoladamente, cabendo, portanto, uma fusão rumo a configuração de uma nova dimensão: a **biobibliográfica**.

Saldanha e Mata (2019) em seu artigo “O discurso biobibliográfico em Gabriel Peignot” se propõem a analisar o discurso biobibliográfico em Gabriel Peignot a partir da sua

⁶ Bem como da biografia, das biobibliografias e das cartas etc.

publicação do *Dictionnaire Raisonné de Bibliologie*⁷, publicado em 1802 em formato de dicionário-enciclopédico com verbetes biobibliográficos a respeito dos cientistas franceses da época. Os autores usam a publicação como ponto de partida para a análise do papel do autor na história das ciências. Essa publicação, que está no início da consolidação da ciência moderna, parece ser um indicativo do papel que a figura do autor teria para o controle bibliográfico universal — em que as biografias dos cientistas se misturam às histórias das instituições e das disciplinas em que eles atuam.

No mesmo artigo, os autores apresentam as ideias de Otlet (2018) a respeito de duas categorias de autores; *L'homme de lettres* [os homens das letras] e *L'homme de Science* [os homens da ciência], sendo os primeiros mais preocupados com a forma e os segundos com a precisão do conteúdo de suas afirmações. (Otlet, 2018). Aplicadas a Câmara Cascudo, essas categorias parecem se dissolver um pouco. Para Vasconcellos (2000), faz parte da tradição dos intérpretes do Brasil, como Cascudo, Freyre e Holanda, o uso do gênero ensaístico para tratar dos temas da Ciências Sociais. Muito embora esses autores publicassem artigos científicos, o supressumo da sua pesquisa foi publicado em formato de livro por meio da linguagem literária. Ou seja, eram igualmente homens das letras e das ciência. O próprio Cascudo, primeiro tradutor em língua portuguesa do Brasil de um ensaio integral de Montaigne, aquele que é considerado o pai do gênero ensaístico, não somente traduziu seu "Des Cannibales", mas o traduziu criticamente com eruditas, precisas e cuidadosas notas de rodapé, além de extenso prefácio. Ou seja, tais elementos tornam-se evidências suficientes da sua escolha do gênero ensaístico como ferramenta científica. (Medeiros, 2014).

Os mesmos autores apontam que, para Lacroix (1932) “não existe história da ciência sem a história dos cientistas, necessário é conhecer seus antecedentes, seu caráter, sua carreira, suas origens, suas realizações de acordo com o cenário científico e social de sua época” (Saldanha, Mata, 2019).

Mas há questionamentos quanto ao papel do autor na ajuda para a compreensão de sua obra. Roland Barthes (2004) em seu famoso ensaio “A Morte do autor”, defende que a figura do autor é supervalorizada, no sentido de que tudo o que um autor escreve é colhido do ambiente cultural em que ele estava inserido e toma forma através da linguagem, que o autor não ajudou a criar. O ensaio parece ter sido escrito como um

⁷ Dicionário Fundamentado da Bibliologia, em tradução livre nossa.

manifesto contra o excesso de poder que os críticos literários franceses tinham e as suas interpretações canônicas da literatura, dadas pelas suas análises das biografias do autor. Muito embora os argumentos de Barthes possam ser convincentes, o autor cientista não está na mesma posição que o autor escritor, já que as descobertas científicas são feitas por indivíduos ou grupos pequenos e comunicadas depois às pessoas e nunca o inverso. No caso de Cascudo, ele foi autor-cientista e autor-escritor e muito do que ele escreveu como transcrição de uma cultura oral, havia circulado em fontes unicamente orais por tempos a fio até que ele os registrasse em livro. Mas o seu trabalho não é só de transcrição, mas também de interpretação e contextualização. Vê-se nos livros de memória do próprio Cascudo um enorme esforço em deixar registrado como que um retrato do tempo em que ele vivia. Esse esforço de preservar a memória de seu tempo, parece indicar uma posição de quem acreditar que o contexto ajuda a explicar o texto.

Em outro artigo, Mata e Saldanha (2019) descrevem as ferramentas de controle biobibliográfico como regentes, controladoras e organizadoras da realidade social dos sujeitos. Segundo o que eles apresentam também no mesmo artigo,

as biobibliografias nascem, pois, buscando responder primeiramente “Quem é esse autor?”, e conseqüentemente “O que ele fez? O que ele escreveu? O que ele publicou?”. Tratava-se de um controle biobibliográfico para a biblioteca e para o bibliotecário, e, posteriormente, ao consulente. Na atualidade, estas fontes são, em síntese, importantes dispositivos para a economia e a política científica nacional pautadas na ideia de uma documentalidade do sujeito da academia e da ciência. [...] A profetizada morte da autoria, pois, concorre com instrumentos, como as biobibliografias, que nascem, no plano de um extrato de biopoder manifesto na visão foucaultiana, como marca de permanente reconsagração do autor na arena das lutas acadêmicas (Saldanha, Mata, 2019, p. 80).

Para esses autores, que referenciam Roland Barthes (1915-1980) e Pierre Bourdieu (1930-2002), a figura do autor é também uma espécie de construção social, cujo papel foi sendo redesenhado ao longo do tempo e que chega ao mundo contemporâneo como vencedor, no sentido de que tem a sua relevância para a compreensão dos temas de que trata o autor já bastante estabelecidos.

Para Charles Wright Mills (2021), a autoelaboração “artesanal” do pesquisador moderno (na esteira da cultura clássica que tem longa tradição), a vida intelectual e a vida ordinária são indissociáveis. Mills (2001) argumenta que a pesquisa se torna uma extensão vital da vida do pesquisador, pois as descobertas obtidas têm um impacto significativo em seu comportamento.; e que a rotina do trabalho segue não somente uma demanda corporativa, mas também a um apelo íntimo, de modo que a vida e o trabalho se retroalimentam.

Mas, para além das excessivas desconstruções, Otlet (2018)

aponta as biobibliografias como fonte de informação para a pesquisa bibliográfica, o advogado belga posiciona esse tipo de fonte de informação como opção para pesquisas temáticas, ou seja, as biobibliografias são especializadas em assunto. Esta proposição é interessante se quisermos delimitar a utilidade da biobibliografia no mundo moderno, se as biobibliografias devem ser especializadas em assuntos sua intenção não é relatar a biografia e bibliografias dos autores, apesar de na documentalidade material destas fontes ser isto o que acontece. A intenção é mostrar biografias de especialistas em determinado assunto e suas bibliografias. Sendo assim, podemos estender as funções biobibliográficas para além das curiosidades biográficas, dando ao conhecer temático uma lente biográfica de seus savants (Saldanha, Mata, 2019, p. 168-169)

Hallewell (1985) quando conta a sua história do livro no Brasil através das figuras de seus principais editores — alguns dos quais também autores — o faz desta maneira por acreditar que o modo como um país lida com o produto livro é revelador quanto ao estado de desenvolvimento social, industrial e cultural de um povo. Para o autor, uma história do produto resultante da produção intelectual de um povo, está intimamente ligada a sua capacidade de se industrializar, para ser capaz de produzir e comercializar o livro enquanto produto, de se alfabetizar em número suficiente de modo a sustentar toda uma classe de pessoas que têm voz pública, de produzir ciência e cultura próprias, com suas próprias escolas de pensamento e de arte, que não estão expressas de maneira suficientemente adequadas em publicações estrangeiras, mas, principalmente, por

perceber que a atuação pública de alguns indivíduos está intimamente ligada a identidade cultural e editorial de todo um povo (Hallewell, 1985).

Essa abordagem parece estar mais alinhada com a tradição brasileira da Ciência da Informação e da Documentação, que, embora talvez mais modesta em comparação com as correntes europeias, por exemplo, foi responsável por publicações como "Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil", publicada pelo IBBD em 1971. Na época em que a Documentação começava a ganhar forma no Brasil, já se considerava importante saber quem eram as figuras responsáveis por moldar e dar voz a essa área do conhecimento em desenvolvimento (IBBD, 1971).

Nessa perspectiva, lança-se a seguinte questão de pesquisa: **Como as dimensões biobibliográficas retratam as contribuições científicas e culturais de Luís da Câmara Cascudo?**

Partimos do pressuposto de que o discurso biobibliográfico ocorre por meio das interações complexas entre a vida e a obra de um indivíduo, delineadas pela relação entre espaço e tempo de sua atuação e fundamentadas em uma realidade material e uma dimensão simbólica. Além disso, entende-se que Câmara Cascudo é uma personagem que se apresenta como um intelectual do campo da cultura que contribuiu significativamente para a compreensão cultural do povo brasileiro. Considerando a "babilônia" de publicações de e sobre Cascudo e as datas em que elas foram publicadas, mesmo que haja muitos guias e explicações sobre a sua obra, há uma mistura de organização e caos que necessita ser compreendida e explicada. É percebendo essa atmosfera de tensão entre organização e caos documentais e as suas tentativas de pôr ordem sobre ele, que se vislumbra um trabalho frutífero, a possibilidade de explorar as contribuições biográficas, bibliográficas e biobibliográficas, em uma perspectiva de dimensionamento de suas contribuições à cultura brasileira.

Diante dos elementos apontados, a presente pesquisa tem como objetivo geral: mapear e **analisar as dimensões documentais e cronológicas que compõem a memória biobibliográfica publicada sobre Luís da Câmara Cascudo**. Por seu turno, os objetivos específicos são:

- a) caracterizar as fontes biográficas, bibliográficas e biobibliográficas publicadas sobre Luís da Câmara Cascudo;

- b) definir os elementos cronológicos presentes nas fontes biográficas e bibliográficas publicadas sobre o personagem analisado.

Como o propósito primordial desta pesquisa é realizar uma análise abrangente das dimensões documentais e cronológicas presentes na memória biobibliográfica de Cascudo, tanto publicada por ele quanto sobre ele, as principais justificativas são de cunho sociocultural e metodológica. Ao perceber que a pesquisa pode identificar lacunas e ressaltar a importância da infraestrutura básica para futuras investigações sobre o autor, a perspectiva teórico-metodológica da Documentação e da Ciência da Informação permitirá explorar ferramentas que possam contribuir para uma compreensão mais aprofundada de Cascudo e sua influência na cultura brasileira.

A presente dissertação visa rerepresentar a vida e a obra do autor Luís da Câmara Cascudo, em um esforço para destacar a significativa contribuição desse ilustre intelectual para a cultura brasileira. A escolha deste tema não é meramente acadêmica; ao contrário, busca-se evidenciar a importância social de entender a trajetória e o legado de Cascudo, cujo trabalho transcende as fronteiras da literatura, tocando áreas cruciais para a compreensão da identidade cultural do Brasil. A importância social deste estudo é evidenciada, inicialmente, pela ênfase na valorização da memória e do patrimônio cultural, pois Luís da Câmara Cascudo teve um papel essencial na salvaguarda e no registro das tradições culturais do Brasil. Ao explorar sua vida e obra, esta dissertação busca, mesmo que pouco, contribuir para reconstruir, representar e destacar a riqueza da cultura popular nacional tal como concebida por Cascudo para a solidificação de uma consciência coletiva sobre as raízes culturais do país, por vezes tão abstratas para nós; um país que foi tomando forma a medida em que as identidades nacionais do mundo foram se dissolvendo.

Além disso, a análise crítica da vida e obra de Cascudo abre portas para a compreensão mais profunda das complexidades sociais do Brasil. Seja através de seus estudos sobre culinária, mitologia ou tradições populares, as pesquisas de Cascudo oferecem *insights* valiosos sobre a diversidade cultural brasileira. Ao entendermos melhor o contexto histórico e social que permeou sua produção, podemos extrair lições atemporais sobre a riqueza da miscigenação e pluralidade presentes na sociedade brasileira.

Outro ponto crucial reside na capacidade de Cascudo de proporcionar um diálogo entre o passado e o presente. Suas obras continuam a inspirar reflexões sobre a identidade nacional, a preservação cultural e a importância da diversidade, temas que permanecem fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente.

Portanto, a dissertação sobre a vida e obra de Luís da Câmara Cascudo transcende a esfera acadêmica, representando uma oportunidade de enriquecer a compreensão da sociedade sobre suas raízes culturais e promover uma apreciação mais profunda da diversidade que define o Brasil. Ao fazê-lo, esta pesquisa não apenas presta homenagem a um grande pensador, mas também contribui para a construção de uma consciência coletiva mais rica e informada sobre a herança cultural brasileira. A Ciência da Informação, como disciplina interdisciplinar, oferece um arcabouço metodológico robusto para a coleta, organização e análise de dados. Neste contexto, a pesquisa biográfica de e sobre Câmara Cascudo pode, em outras oportunidades, se beneficiar da aplicação de técnicas como análise documental, entrevistas e levantamento bibliográfico.

A documentação relacionada a Luís da Câmara Cascudo é extensa e variada, englobando desde seus próprios escritos até correspondências, fotografias e itens vinculados às suas investigações no campo do folclore. Grande parte desse acervo ainda não foi devidamente organizado ou catalogado por especialistas. Contudo, o emprego de métodos biobibliográficos, pesquisados na Ciência da Informação, possibilita uma abordagem mais sistemática ao estudo das obras de Cascudo. Isso inclui estabelecer ligações entre acontecimentos de sua vida e a progressão de seu trabalho intelectual.

Portanto, visamos não apenas compreender Câmara Cascudo como figura histórica e cultural, mas também apresentar e analisar de maneira eficaz o vasto conjunto de informações disponíveis, promovendo uma contribuição significativa para a preservação e disseminação do seu legado. A abordagem metodológica e documental proporcionará uma base sólida para a construção de conhecimento e o enriquecimento do entendimento público sobre essa importante figura da cultura brasileira.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para traçar as linhas iniciais desta investigação, concentramo-nos na análise da dimensão biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo. No que tange aos procedimentos metodológicos, optamos por uma abordagem de pesquisa descritiva, primordialmente bibliográfica, utilizando a técnica de análise documental para investigar as fontes relacionadas ao personagem em estudo. As fontes fundamentais estão no quadro a seguir.

A pesquisa descritiva oferece uma base para contextualizar as contribuições do autor no cenário cultural e científico brasileiro, enquanto a abordagem bibliográfica nos permite percorrer sua vasta produção intelectual, identificando padrões, influências e momentos-chave em sua trajetória. A técnica de análise documental, por sua vez, revela-se crucial para a compreensão das tensões existentes entre a vida e a obra do intelectual, fornecendo um entendimento mais profundo da organização e do caos documental que permeiam esta pesquisa.

Ponderamos que as fontes não apenas constituem a espinha dorsal da análise, mas também servem como janelas privilegiadas para desvendar os aspectos mais intrincados da vida, obra e contexto intelectual e social do renomado folclorista. Esta perspectiva metodológica, centrada em fontes primárias, visa proporcionar iluminações substanciais, contribuindo para uma análise completa, fundamentada e enriquecedora sobre Luís da Câmara Cascudo.

Para ilustrar o percurso metodológico, apresentaremos as três etapas que estabeleceram os caminhos da pesquisa.

Etapa 1: Definição do Quadro Teórico-Conceitual

Etapa 1.1: Revisão bibliográfica sobre as teorias e os métodos que configuram o discurso biobibliográfico;

Etapa 1.2: Estabelecimento dos vínculos entre as pesquisas biobibliográficas e os estudos de memória no Campo da Ciência da Informação.

Etapa 2: Elaboração do Plano Biobibliográfico de e sobre Luís da Câmara Cascudo

Etapa 2.1: Levantamento de fontes biográficas e bibliográficas sobre o personagem;

Etapa 2.2: Elaboração de um quadro conceitual sobre os objetos da pesquisa: fontes biográficas, bibliográficas e biobibliográficas;

Etapa 2.3: Comparação analítica entre as fontes primárias e as fontes bibliográficas identificadas *a posteriori*;

Etapa 2.4: Compilação dos elementos documentais e cronológicos das fontes.

Etapa 3: Análise e Discussão dos Resultados

Etapa 3.1: Elaboração de quadros descritivos acerca das dimensões documental e cronológica a partir das fontes primárias em consonância com a perspectiva biobibliográfica;

Etapa 3.2: Elaboração de esquemas da dimensão documental da produção intelectual do personagem por meio de representações biográficas, bibliográficas e biobibliográficas;

Etapa 3.3: Estabelecimento de esquemas da dimensão cronológica da produção intelectual do personagem por meio de representações biográficas, bibliográficas e biobibliográficas;

Etapa 3.4: Discussão dos resultados em relação em consonância com as teorias e métodos que caracterizam o discurso biobibliográfico.

As fontes primárias que configuram o corpus da pesquisa estão sistematizadas no Quadro 1, que detalha as fontes biobibliográficas que fundamentam o percurso metodológico.

Quadro 1: Fontes primárias da pesquisa

Tipologia Documental	Descrição
Autobiografias (Memórias)	CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu: confidências e proposições . Natal: Impr. Universitária, 1967. CASCUDO, Luís da Câmara. Na ronda do tempo: diário de 1969 . Natal: EDUFRRN, 1998.
Biografias	LIMA, Diógenes da Cunha. Câmara Cascudo, um brasileiro feliz . Natal RN, 1978. OLIVEIRA, Gildson. Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil . Brasília: Brasília Jurídica, 1999.
Bibliografias	MAMEDE, Zila. Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968: bibliografia anotada . Natal: Fundação José Augusto, 1970. GICO, Vânia. Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada, 1968/1995 . Natal: EDUFRRN, 1996. LIMA FILHO, Diógenes da Cunha. Bibliografia de Luís da Câmara Cascudo . Natal: Oficinas Gráficas da Imprensa Universitária de Rio Grande do Norte, 1965.
Biobibliografia	COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio biobibliográfico . Natal: Fundação José Augusto, 1969.
Outras fontes	CASCUDO, Luís da Câmara <i>et al.</i> Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944 . São Paulo: Global Editora, 2010. SILVA, Marcos. Dicionário crítico: Câmara Cascudo . São Paulo: Perspectiva, 2003.

Fonte: Elaborado pelo Autor, 2024.

Os critérios para escolha dessas fontes como fontes principais estão mais bem explicadas na seção 4 deste trabalho. Mas incluem a credibilidade das fontes e a autoridade de seus autores. São fontes variadas em perspectivas e as mais relevantes e abrangentes.

Ao destacar essas fontes, buscamos construir uma base metodológica, possibilitando uma imersão na vida e obra de Câmara Cascudo, e assim, contribuir para uma rerepresentação de sua influência no contexto cultural e científico brasileiro.

3 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL DA PESQUISA NA PERSPECTIVA DA DOCUMENTAÇÃO E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Bibliografias, pela sua própria natureza, se tornam mais úteis quando o número de documentos se torna muito maior do que a mente humana consegue apreender. O pesquisador austríaco naturalizado brasileiro Otto Maria Carpeaux (2008), quando compõe o seu clássico *História da Literatura Ocidental*, começa introduzindo a própria ideia de uma história da literatura apontando que a ideia mesma de compor esse tipo de história nasce numa Roma já decadente. Quando os livros e autores fundamentais começam a se tornar esquecidos e irreconhecíveis no meio da banalidade decadente, alguns intelectuais chamados por ele de “menores” em grandeza literária, começam a salvar em forma de listas aqueles livros e autores fundamentais para que eles não sejam esquecidos pelas gerações imediatamente futuras e assim essas gerações não percam de vista os fundamentos de sua própria cultura. Essas listas, geralmente publicadas em forma de apêndice (e que, aliás, foram diretamente responsáveis pelo salvamento de muitos autores importantes de Filosofia, Dramaturgia, Direito etc., gregos e romanos durante a Idade Média), começam com o tempo a receber comentários e descrições em forma de notas de rodapé que os introduzem, as analisam e as comparam.

Nasce assim para Carpeaux, junto a uma modalidade histórica (História Literária), o embrião da Bibliografia moderna. As listas de livros que cobrem um assunto ou um autor permanecem como um gênero mais ou menos marginal que sobrevive mais em correspondências e apêndices do que qualquer outra coisa (Carpeaux, 2008). Mas com a Idade Moderna, a criação da prensa de livros e a explosão documental que ela causa, torna a cobertura da documentação humana ainda mais inexaurível. As listas de livros deixam de ser curtas indicações de leitura de um intelectual para outro e se transformam em publicações próprias, que os editores e vendedores de livros usam para catalogar e expor uma enorme variedade de assuntos, autores, idiomas e locais de publicação. Os eruditos passam a explorar essa nova possibilidade publicando bibliografias de assuntos que buscam ser bastante exaustivas. (Zaher, Gomes, 1972).

Mais adiante, no fim do século XIX, as publicações de livros e revistas já estavam amplamente difundidas e, simultaneamente, fragmentadas em todos os continentes. Isso criou a oportunidade para Paul Otlet iniciar uma série de iniciativas visando catalogar esses documentos. Em 1895, logo após o 1º Congresso Internacional de Bibliografia, os advogados belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine fundaram o Instituto Internacional de

Bibliografia com o propósito específico de abordar essa questão (Zaher; Gomes, 1972). A primeira etapa desse empreendimento envolvia a padronização de um método para descrever cada publicação, a fim de evitar confusões e facilitar o uso de maneira universal. Essa bibliografia universal não se configuraria como uma publicação em si, mas como uma espécie de catálogo descentralizado, apresentando múltiplas entradas por autor e assunto.

Otlet faz um acordo com a Biblioteca do Congresso em Washington, onde 600 mil fichas de índice são trocadas entre a enorme biblioteca americana e o Instituto de Bruxelas. O número de obras impressas começa a aumentar em uma taxa exponencial. Ao mesmo tempo em que está catalogando livros, ele também quer indexar todos os tipos de documentos: brochuras curtas, artigos de jornais e fotografias. Portanto, ele cria o índice de documentação e a coleção iconográfica Universal, usando o mesmo sistema de classificação (Kroeff, 2018, p.34).

Desde o início da Modernidade, na verdade, houve muitos momentos de grande aumento de informação escrita circulando e de mudanças de paradigma. A I e II Guerras Mundiais foram, numa cadência, dois desses momentos mais significativos que fundamentaram a contemporaneidade. Os fundamentos da cultura pós-segunda-guerra, no entanto, foram criados antes. Em 1934 o mesmo belga mencionado anteriormente, Paul Otlet, lança o importante livro *Traité de documentation* (Tratado de documentação) em que defende que algumas das tecnologias nascentes da I Grande Guerra e até de antes, têm o poder de gerar documentos que substituem algumas das funções documentais que antes estavam restritas aos livros. Muito embora o livro, ou o documento escrito, permaneça como principal aparato humano na transmissão de informação complexa, discos, filmes, fotografias, cartazes, objetos simbólicos como estampas, rochas etc. são alguns exemplos de artefatos que adquirem um novo valor documental. Somando isso ao que foi propriamente a expansão do papel e dos livros, esse é um novo momento de grande *boom* documental.

O livro, para Otlet (2018) tem uma concepção intelectualmente lógica muito boa, mas algumas limitações físicas graves. Para ele a divisão em folhas não faz sentido, por assim dizer. A organização interna do livro em capítulos, subcapítulos, parágrafos, etc. é lógica e deve ser mantida, mas as suas limitações físicas devem ser superadas. Se as

encadernações habituais pudessem ser “quebradas” e a disposição do livro descentralizada, seria possível a busca por somente a parte que lhe interessa num documento, sem ter de consumir tudo o mais que lhe envolve. Isso implica numa maneira nova e *analítica* de organização física do documento. E também numa maneira nova de produzir documentação. Passar-se-ia, portanto, com o tempo, a produzir informações de maneira mais precisa e descentralizada, evitando-se repetições vãs, como sucessivas introduções gerais até que se chegue a uma especificidade qualquer, por exemplo. As subjetividades inerentes à escrita humana passariam a ser menos determinantes pelo fator da correção coletiva inerente a esse novo modo de produzir documentação. Portanto, deixa de existir o objeto livro como um documento cerrado em si mesmo, e passa a haver algo como uma “monografia”. Um único documento, impessoal, burocrático, descentralizado e completo. Para Otlet, a subjetividade e a pessoalidade e até o estilo são vistos como defeitos que enviesam a documentação, que é resultado direto do conhecimento, que é a perfeita descrição da realidade (Santos, 2007).

É desafiador evitar a associação com o mundo das publicações acadêmicas contemporâneas, onde predominam as formatações de estilo padronizadas e cada artigo estabelece diálogos com uma série de outros artigos sobre o mesmo tema, independentemente de terem sido publicados na mesma revista, país ou idioma. Os livros compostos por capítulos independentes, assim como seus autores e suas teses, também não escapam dessa associação. Parece que o caos no qual as publicações científicas habitariam e os mecanismos para orientar os pesquisadores através desse caos já estavam em processo de configuração.

Quem foi mais capaz de apreender o espírito da época pós-guerra e traduzi-lo em palavras claras no que diz respeito à lida com a documentação foi uma burocrata, a bibliotecária da Biblioteca Nacional da França, a senhora Suzanne Briet em seu livro *Qu'est-ce que la documentation?* (O que é a documentação, de 1951). Os esforços de guerra e de reconstrução, a interrupção de discussões intelectuais, a interrupção de muitas genealogias intelectuais que remontavam há muito tempo provocada pela morte de muitos intelectuais e burocratas, leva necessariamente a uma mudança de paradigma em poucos anos. Briet (2016) traduz em palavras concretas e exemplos, os conceitos mais intrincados de Otlet e os oferece a uma nova geração de documentalistas que se forma tendo uma relação nova com o documento. Nessa nova perspectiva, o

documento é produzido em grandes quantidades e é papel de quem trabalha com ele saber os modos que se podem encará-los, organizá-los e divulgá-los de maneira eficiente. Embora os ideais de Otlet ainda estejam distantes, somente aqui parece ter havido o rompimento de modo mais definitivo, com os resquícios da forma medieval de lidar com a documentação e a passagem para um modo mais burocrático, típico do nosso tempo (Briet, 2016).

Esse é um momento em que os Estados Unidos da América surgem no cenário cultural, intelectual, político e financeiro do mundo como um novo centro de discussões. Antes, durante e depois da Guerra, a fuga de cérebros da Europa foi tremenda. Pesquisadores e artistas de todas as áreas chegavam todos os anos aos EUA em grandes quantidades. Fugindo da fome, da opressão, da censura ou da falta de estrutura, encontraram nesse país as possibilidades de atuação intelectual de alto nível e com bastante liberdade. Os cientistas da Alemanha, aliás, foram um dos espólios de guerra mais disputados entre os vencedores da II Guerra e os EUA comeram uma enorme fatia desse bolo, passando à posição de centro integrador da cultura globalizada numa condição de legítimos herdeiros da cultura europeia, sendo seus continuadores e parceiros (Judt, 2015).

Nesse cenário, em 1945 o engenheiro estadunidense Vannevar Bush (1945) publicou um artigo chamado *As We May Think* (algo próximo a *como podemos pensar*) na revista de variedades *The Atlantic Monthly*. Bush havia adquirido notoriedade intelectual e política ao coordenar mais de seis mil cientistas de múltiplas nacionalidades no esforço de guerra e pela habilidade em obter amplos recursos financeiros, especialmente dos militares. Quando a guerra terminou, ele publicou esse artigo em que mais uma vez o papel da informação é redesenhado. Aproveitando-se da sua experiência de coordenador de um tão grande e tão diverso projeto e que catapultou a tecnologia mundial para um outro patamar, Bush os insufla a trabalharem de maneira conjunta novamente num novo esforço tão ambicioso quanto o de dividir o átomo (Bush, 1945).

Para ele era evidente em que direção os novos construtos físicos estavam seguindo e ele imaginou toda uma nova variedade documental que essa tecnologia seria capaz de produzir. Esse tipo de documentação seria mais precisa e compartilhada de maneira mais rápida. Ele analisa de maneira severa o modo como certas descobertas foram atrasadas pela sua lentidão em alcançar com rapidez suficiente as pessoas que poderiam dar uso a uma nova teoria ou nova concepção. Sendo assim, ele concebe nesse artigo a *World Wide Web avant la lettre*, e o protótipo do computador pessoal que ele chama de

MEMEX. Sua descrição do (ou da) memex assemelha-se bastante ao do leitor digital de livros, além, claro, do computador pessoal. Se a informação gerada fosse produzida em aparelhos eletrônicos interconectados, esses documentos seriam mais facilmente acessados e recuperados do que os livros e artigos são em bibliotecas científicas físicas comuns. Os pontos de acesso artificiais como códigos CDD/CDU⁸ seriam mantidos. Mas novos pontos de acesso mais naturais estariam disponíveis e os “hiperlinks” (não nomeados assim por ele) seriam outra forma de recuperação mais natural e que imitam o modo como a mente humana faz associações. Bush (1945) indica também a manutenção da necessidade de agregadores como *bibliografias*, por exemplo, para facilitar o acesso.

Nesse artigo o que há não é propriamente previsão, mas uma arquitetura que direciona a criação. Nada que não seja imaginado pode ser construído e nesse artigo Bush imagina e conduz à construção. E seus apelos surtiram efeito, pois em 1980 é lançado no CERN (Organização Europeia para a Investigação Nuclear) com sede na Suíça, um projeto coordenado por Tim Berners-Lee que construiu o ENQUIRE. O Enquire não era ainda a Web mas o projeto continha algumas das mesmas ideias fundamentais de Bush e foi a partir daí que a World Wide Web ganharia corpo (CERN, 2022).

É claro que a criação das novas formas de documentar imaginadas tanto por Otlet como por Bush não foram finalmente como imaginadas por eles, pois faz parte da criação o encontro com dificuldades inesperadas, o trabalho conjunto, o aperfeiçoamento por terceiros e a busca de satisfação das necessidades reais dos usuários. Mas estão lá no Instituto Internacional de Bibliografia e na World Wide Web a sua concepção de uma gigante rede que conecta uma infinidade de máquinas como numa rede. A principal diferença entre a rede concebida por Bush e a web do final do século XX é que Bush imaginou a rede como um instrumento primariamente produzido por cientistas e para servir a cientistas, como a rede de internet foi no princípio. Bush antevê no artigo que a sua rede se torne também uma grande ferramenta para usos comerciais inesperados, mas ele não dá sinais de ter previsto um uso popular de interesses tão banais como a Web 2.0 se tornou. E ele, como Otlet, não parecem ter previsto que a planificação da documentação científica fosse gerar tantas repetições, diluições, cópias inúteis e trabalhos estéreis, como se vê pelo mundo. Ambos parecem ter acreditado que uma padronização da documentação técnico-científica levaria a uma diminuição racional na

⁸ Classificação Decimal de Dewey e Classificação Decimal Universal.

quantidade de documentos científicos, não sua multiplicação. No que diz respeito aos modernos periódicos científicos, quase totalmente digitalizados, a sua *condução* (ou previsão, como alguns chamam) foi precisa. É possível que o clima de camaradagem entre os cientistas coordenados por Bush, proporcionado pelo patrocínio de uma única *instituição*, com um conjunto unificado de objetivos, tenha borrado a visão de Bush sobre as dificuldades corriqueiras da produção científica.

Mais do que um novo modelo de documentação, a proposta de Bush implicava num novo modelo de sociedade em que a informação em meio digital passaria a ocupar um lugar central e os cientistas a ocupar o posto de casta superior. É nesse cenário que a disciplina Documentação, teorizada por Otlet é vista por alguns, como Borko (1968), por exemplo, como obsoleta e surge a chamada Ciência da Informação. Não mais como uma técnica capaz de dar ordem e sentido a uma montanha crescente de documentação, mas como uma pretenciosa nova ciência que tem como proposta estudar a informação em si mesma. Suas propriedades, comportamento, as forças que governam os seus fluxos, os usos da informação etc. Não se abre totalmente mão de uma teorização coesa e clara de como manejar a documentação por um projeto futuro de criação de uma nova ciência, que passa a ter como objeto de estudo um objeto paradoxalmente antigo e novo. A Documentação e as técnicas bibliotecárias e arquivísticas passam a integrar como membros essa nova pretensa ciência. Que deve ser interdisciplinar e usar técnicas tanto sociais quanto matemáticas de processamento de dados, visando sua armazenagem, recuperação, e disseminação ideal (Barreto, 2007). Se essa pretensão foi plenamente alcançada e quais os usos e mudanças essa nova ciência foi capaz de perceber e de impor, são uma análise que excede em muito esse pequeno texto.

Após uma fase de transição que ocorreu entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início dos anos 1980 até os anos 2000, a Ciência da Informação (CI) entra em uma nova era. Enquanto as ciências mais antigas surgiram a partir de seus próprios paradigmas, que se modificaram ao longo do tempo, mas mantiveram traços de suas origens, a CI possui poucas semelhanças com a maioria dessas ciências. Isso ocorre porque ela começou a se solidificar em um período de crise e reavaliação dos modelos de concepção do conhecimento, assim como das formas de adquirir e representar o conhecimento. Foi nessa mesma época que a CI passou a se identificar cada vez mais com as ciências sociais, as quais se diferenciam das ciências naturais por serem mais

subjetivas em relação aos seus objetos de pesquisa e métodos de abordagem (Linares, 2005).

Tudo isso levado em conta, a CI surge modernamente carregando o peso da contradição. Por um lado, exigindo de si mesma o rigor da ciência na investigação de seus problemas. Por outro, negando as antigas e solidificadas concepções de ciência e questionando a própria possibilidade de objetividade no conhecimento e representação de algo (Linares, 2005).

Existe aparentemente uma tensão entre uma concepção de produção do conhecimento na qual uma coisa pode ser descrita em si mesma e a ideia de que todas as coisas só têm sentido a partir das necessidades singulares e subjetivas da sociedade e dos indivíduos que a compõem. Portanto, é necessário que entrem em cena na epistemologia da Ciência da Informação as disciplinas sociais que investigam e determinam o uso dado às coisas na sociedade. A Ciência da Informação pós-moderna tem demonstrado uma inclinação maior para a segunda posição (Linares, 2005).

Pela falta de uma definição clara sobre o aspecto da informação que deve ser abarcado por essa ciência e quais dos seus usos são monitorados, intensifica-se a necessidade de multidisciplinaridade. Por um lado, isso é muito bom, porque corrige a excessiva fragmentação do conhecimento que vigora na Modernidade, mas por outro torna a indefinição do objeto *informação* ainda maior. Todas as ciências (e técnicas) lidam com informação, mas para cada uma ela tem uma definição (clara ou não) e um lugar. Essa indefinição da CI sobre o seu objeto multiplica as perspectivas pelas quais a informação pode ser apreendida. Desse modo a CI toma para si métodos e teorias da Biblioteconomia, da Administração, da Comunicação, da Sociologia, da Linguística, das Ciências Cognitivas e de várias outras disciplinas. (Linares, 2005).

Araújo (2019, p. 1), tomando como referência um estudo de Alfredo Serrai, no qual este apresenta a Bibliografia como a disciplina que supervisiona todo o ciclo de comunicação registrada, sugere uma possível alteração na posição da bibliografia dentro da Ciência da Informação, uma vez que o mero.

conceito de "bibliografia", em sua amplitude histórico-social, une e multiplica as relações, de natureza teórica e aplicada, constituídas pelo Fórum Internacional A Arte da Bibliografia (Araújo, 2019, p.1).

Considerando, portanto, a completude panorâmica da Bibliografia, nos parece que seja bastante razoável analisar a trajetória e o legado intelectual de alguém a partir da sua bibliografia somada à sua biografia. Ambas as ferramentas têm suas limitações. A biografia, como aponta Schwarcz (2013), pode ser enganosa no sentido de delinear trajetórias com uma continuidade que muitas vezes a estrutura da vida real sequer permite. Por esses motivos, a comparação dessas tipologias documentais tem o duplo propósito de compreender tanto o homem e as obras a que elas se referem, quanto a própria natureza desses documentos, seus autores e o contexto intelectual e social em que estão inseridos.

A Neodocumentação desafia as ideias estabelecidas na Ciência da Informação, Documentação e Bibliologia, propondo uma visão mais flexível e simbólica da "materialidade" documental. Inspirado em Paul Otlet, esse movimento busca superar uma abordagem mais tradicional, reconhecendo a necessidade de entender de forma dinâmica como os documentos são simbolicamente construídos (Saldanha, 2012).

A influência do pragmatismo é vista na ênfase na ação, utilidade e adaptação contínua nas práticas informacionais. Ao explorar a consciência pragmatista como modelo de pensamento, a Neodocumentação questiona as noções comuns de documento e representação, promovendo uma abordagem mais flexível e sem regras fixas. A ideia da Organização do Saber (OS), como proposto pela Neodocumentação, vai além do físico do documento, considerando as múltiplas camadas simbólicas que se acumulam com o tempo. A compreensão do documento como uma criação discursiva, sujeita a mudanças constantes, reflete a dinâmica da linguagem e significado na Documentação. Paul Otlet, precursor das tecnologias digitais e defensor da universalização do acesso ao conhecimento, ganha destaque nesse cenário. Sua visão ampla do documento, indo além do tradicional, ressoa no movimento contemporâneo da Neodocumentação. A proposta de coordenar toda a informação produzida pela humanidade, ultrapassando barreiras temporais e linguísticas, antecipa as aspirações da era digital (Saldanha, 2012).

Ao analisar a Revista do Serviço Público (RSP) entre 1951 e 1975, focando em publicações relacionadas a Paul Otlet, vemos a continuidade e disseminação de suas ideias no contexto brasileiro. Autores como Lydia de Queiroz Sambaquy, Espírito Santo Mesquita e outros contribuíram para a Ciência da Informação, ampliando o alcance e entendimento das práticas documentais (Silva, 2023).

Em resumo, essa mistura de contextos históricos, filosóficos e tecnológicos destaca a natureza dinâmica e interconectada da Ciência da Informação. O "Neodocumentalismo", inspirado pelo pragmatismo e enraizado nos avanços do século XIX, oferece uma perspectiva inovadora para entender a evolução contínua das práticas informacionais e documentais. Ao reconhecer a complexidade da construção simbólica dos documentos, essa abordagem abre portas para novas reflexões sobre o papel da informação na sociedade contemporânea e aponta para possíveis direções futuras na Bibliologia e na Ciência da Informação.

4 DIMENSÃO DOCUMENTAL SOBRE A BIOBIBLIOGRAFIA DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

Antes de examinar as fontes biobibliográficas a respeito de Câmara Cascudo é válido notar que há a ausência de uma interpretação abrangente de suas obras, comparável a outros intelectuais contemporâneos a ele, por exemplo, o que abre espaço para uma investigação que busca compreender nuances e contribuir para futuros estudos. Ao abordar as características biográficas, bibliográficas e biobibliográficas de Câmara Cascudo, esta pesquisa busca destacar elementos muitas vezes negligenciados na apresentação da persona pública e folclórica que foi e é o autor em questão.

4.1 PRINCIPAIS FONTES BIOGRÁFICAS

Antes de salientar as contribuições e os repercussões da pesquisa para a Ciência da Informação e os campos contíguos, convém reforçar que Luís da Câmara Cascudo foi um autor singular, um pilar das Ciências Sociais genuinamente brasileira. No entanto, Cascudo jamais teve um intérprete que fosse ao mesmo tempo profundo e amplo na análise de suas obras como Edson Nery da Fonseca foi para Gilberto Freyre, por exemplo. Fonseca foi um compilador de bibliografias, um intérprete de obras, um ajuntador de fortuna crítica; foi ele mesmo um profundo crítico da obra de Freyre, apontando influências, diálogos sutis, pontos de conexão entre obras distintas do autor. Freyre teve, na verdade, a vida e a obra devassada por uma multidão de pesquisadores e tem mais de uma bibliografia intelectual publicada, sendo uma delas a de Vamireh Chacon (1993).

Em comparação com este, a vasta obra a respeito de Cascudo parece não gozar do mesmo grau de profundidade ou prestígio acadêmico, embora goze de prestígio público dando, por exemplo, nome a muitos prédios, recebendo inúmeras homenagens e sendo sempre mencionado em discursos políticos e culturais, a penetração e a profundidade das pesquisas acadêmicas (ou não) nos parecem, em parte, um pouco aquém da profundidade que o autor deu a sua vida de pesquisa. Como somos incapazes de solucionar diretamente o problema, nosso papel se limita a compreendê-lo, formulá-lo e explicá-lo parcialmente, na esperança de contribuir para a criação da infraestrutura necessária para uma solução futura. Neste processo, ao examinar suas dimensões biográficas e bibliográficas, a Ciência da Informação tem a responsabilidade de

interpretar, reforçar argumentações e críticas, destacar elementos importantes e apontar para aspectos negligenciados, tudo sob uma perspectiva biobibliográfica atualizada com as teorias e referências contemporâneas da área.

As duas biografias mais abrangentes de Cascudo são a biografia de Diógenes da Cunha Lima (1998) tem mais familiaridade com a vida acadêmica de Cascudo devido a certa penetração que o autor tem na academia. No entanto, Cascudo ocupa uma posição periférica na produção literária de Lima, um nordestino, norte-rio-grandense e antigo vizinho de Cascudo. Parece que Lima quis registrar a vida desse ilustre personagem nordestino mais por essas razões do que por uma conexão intrínseca com a obra de Cascudo.

O livro "Câmara Cascudo: Um Brasileiro Feliz" de Diógenes da Cunha Lima (1998)⁹ não é uma biografia em sentido convencional. É uma biografia parcial, no sentido comum de que não busca ser completamente exaustiva a respeito de cada aspecto da vida e da obra do biografado. Mas é relativamente particular pelo seu propósito de servir como uma espécie de testemunho de duas décadas de convivência afetuosa e admiração crescente entre o autor, Diógenes da Cunha Lima, e seu mentor, Câmara Cascudo. Esse elemento está até mesmo no título do livro: em certa ocasião Cascudo disse "Sou o que Diógenes me chamou: um brasileiro feliz". Essa fala, que serve de epígrafe para o livro, dá a tônica do trabalho como um todo.

Diógenes Lima (1998), natural de Nova Cruz, no interior do Rio Grande do Norte, chegou de mudança para Natal aos treze anos de idade. Instruído por seu pai de mesmo nome, um leitor conhecido, a procurar o renomado estudioso, recebeu a orientação de procurar Câmara Cascudo, que "é um rio, o resto é tudo riacho". Ao se encontrar com o *mestre*, esperava encontrar um erudito sisudo, imponente e distante. No entanto, foi recebido por alguém desprovido de pose, simples e acolhedor, que compartilhou chocolates e experientes conselhos sobre estudo e leitura, enfatizando a importância de "beber água da fonte". Essa conexão inicial evoluiu, e Diógenes tornou-se posteriormente aluno de Câmara Cascudo na Faculdade de Direito de Natal, onde estudou direito internacional público.

⁹ A edição mais recente é de 2016 pela Escrituras Editora.

Foi esse contato pessoal de um fã, por assim dizer, que motivou a elaboração de sua biografia. Não que isso desmereça a credibilidade da obra. O que acontece é que na leitura do seu texto se percebe a falta de rigor de um pesquisador profissional. O tom sentimental é o fio que conduz os elementos descritos no livro. O poeta Diógenes é descrito por Moacyr Cirne (2000) numa resenha ao livro publicado na revista *Ciência e Trópico* como um bom descritor, reflexivo e crítico, da monumentalidade de Cascudo sem que fique somente no lirismo, por vezes folclorizado da figura em questão, como o são, segundo o mesmo Cirne (2000) muitos dos depoimentos a respeito do autor. Aliás, se se for excluir da bibliografia de Cascudo os livros que surgiram de uma espécie de encantamento entre o autor e a figura de Cascudo, muita coisa ficará de fora, já que esse era um efeito comum causado por Cascudo.

A biografia escrita por Diógenes Lima (1998) lembra o tom dos artigos de jornal de Cascudo, cheios de episódios anedóticos que apresentam uma personalidade do que escrutinizam uma individualidade.

A biografia *Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil* de Gildson Oliveira (1999) tem com a primeira biografia dois pontos fundamentais em comum, o tom de admiração de um sujeito que conheceu Cascudo pessoalmente — Oliveira foi seu secretário por 20 anos — e a apresentação do biografado como uma espécie de síntese refinada da personalidade brasileira prismada num homem singular. Oliveira, originário do Rio Grande do Norte, dedicou três décadas ao jornalismo em Pernambuco e ampliou seu repertório literário escrevendo biografias de figuras emblemáticas além de Luís da Câmara Cascudo. Suas obras incluem "Frei Damião: o santo das missões", publicada em 1997, e "Luiz Gonzaga: o matuto que conquistou o mundo", que veio a público no ano subsequente à biografia de Cascudo e foi laureada com o prêmio Esso, conforme reportado pelo *JC Online* em 2014. Esta trajetória revela seu interesse em retratar ícones da cultura nordestina, posicionando Oliveira mais como um cronista das grandes personalidades da região do que um especialista exclusivo em Cascudo, apesar de ter sido seu secretário pessoal por duas décadas.

A biografia intitulada "*Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil*," escrita por Gildson Oliveira (1999), apresenta duas características fundamentais que a conectam à primeira biografia sobre o renomado folclorista brasileiro. Primeiro, destaca-se o tom de admiração permeado ao longo do texto, uma vez que o autor conheceu pessoalmente Câmara Cascudo, atuando como seu secretário particular por duas décadas. Esse

período de proximidade permitiu a Oliveira uma perspectiva única sobre a vida e obra do biografado, refletida no viés apreciativo que permeia a narrativa. A outra característica é a apresentação de Câmara Cascudo como uma espécie de síntese refinada da personalidade brasileira, capturada e expressa através da singularidade desse homem notável.

O texto de Oliveira é tão bom quanto o que se espera de um jornalista profissional, o que falta na biografia é uma pesquisa que saia do superficial de quem vê o homem trabalhando e se encanta pela sua ética de trabalho, por assim dizer.

A primeira autobiografia de Cascudo — se esse termo se aplica perfeitamente bem aqui — é “O tempo e eu: confidências e proposições”, publicado originalmente em 1967. É um livro de literatura, reflexões e memórias, mais do que uma autobiografia estrita. Os episódios descritos são principalmente os da infância, e o modo como são descritos têm mesmo uma aura infantil, não no modo como são descritos, mas na aura. Há um quê de deslumbramento pelas primeiras descobertas.

Contudo, isso não diminui a importância da obra como um valioso recurso biográfico. Todos os detalhes da incursão de Cascudo no universo da educação infantil são minuciosamente delineados neste texto. O autor divide sua experiência entre a educação formal e aquela proporcionada no ambiente doméstico. A narrativa, no entanto, apresenta alguns episódios que se revelam desafiadores de situar em momentos específicos da história; são divagações acerca de sua própria infância e da infância em si. Apesar disso, observa-se que todas as biografias, independentemente de sua abrangência, utilizam essa obra como fonte primordial para os eventos que marcaram a infância de Cascudo.

Quanto a sua outra autobiografia, “Na ronda do tempo: diário de 1969” (de 1970) é o resultado de uma forma de redação peculiar; adotando a forma de um diário que detalha os eventos do ano de 1969 em sua vida. Diariamente, o autor se dedica a registrar, de maneira cronológica, suas atividades e pensamentos, conferindo a este livro um caráter singular, ou seja, mais íntimo e confidencial.

Dado o formato de diário, a obra prescinde da estrutura convencional de introdução, desenvolvimento e conclusão. Cascudo simplesmente compartilha os acontecimentos do dia, revelando detalhes como locais de almoço, visitas recebidas. A falta de introdução não nos permite saber se o livro é a publicação de um ano de um diário pessoal mantido

por toda vida — embora seja o que parece — ou se trata-se de mera obra de literatura. Em sua narrativa, Cascudo não apenas descreve suas ações cotidianas, mas também compartilha suas reflexões ao citar além de pessoas encontradas, livros lidos, oferecendo suas impressões pessoais. O autor, de maneira perspicaz, molda sua autoimagem para os leitores, proporcionando uma oportunidade para reflexão e, simultaneamente, buscando consagração literária.

No entanto, esse diário difere de algum tipo de diário como o apresentado pelo sociólogo Wright Mills, em seu livro “O artesanato intelectual” em que o autor, apresenta mesmo o caminho da composição de uma pesquisa. Cascudo nunca compôs uma única obra que apresente e desnude o seu método de trabalho. No entanto, é possível conhecê-lo se houver a disciplina de buscá-lo por uma enorme variedade de publicações distintas.

Talvez deva-se fazer notar também o “Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginacões” escrito por Cascudo durante uma internação hospitalar. É encantador como todos os livros de Cascudo. Nesse livro ele vai relatando a vida num hospital, a comida hospitalar, mas vai ao mesmo tempo também falando de como culturas diferentes lidaram com as doenças, formas de cura distintas, superstições envolvidas com as doenças etc.

Ou seja, é Cascudo em estado puro, mas numa dose pequena. Se vê aqui como o homem mesmo doente e escrevendo sobre a sua própria internação é uma máquina de erudição despretensiosa. Cascudo não queria que fosse publicado por ser pessoal demais, mas foi publicado em 1969.

4.2 PRINCIPAIS FONTES BIBLIOGRÁFICAS

As obras bibliográficas de Cascudo se destacam como guias particularmente apropriados para pesquisadores. Como mencionado antes, as bibliografias de Zila Mamede (1970), de Vânia Gico (1996), bem como o dicionário crítico de Marcos Silva (2003) e o ensaio biobibliográfico de Oliveira Costa (1969) que apresentam, de maneira mais completa, um panorama cruzado da vida e da obra do autor. Não muito da vida, para as bibliografias puras.

Zila Mamede além de poetiza, participou do primeiro programa de pós-graduação em biblioteconomia da Universidade de Brasília:

programa por ela concluído com um excelente catálogo anotado de algumas obras do século XVI e XVII pertencente à UNB (1965). Veio depois a pequena bibliografia sobre Xico Santeiro (1966) e a obra monumental, em 3 volumes, Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968, bibliografia anotada (1970). Infelizmente, já será póstuma a obra também monumental que deixou concluída sobre João Cabral de Melo Neto: uma bibliografia crítica enriquecida com o registro de todas as variantes existentes na poesia de Cabral (Machado, 2013, p. 336).

Iniciando sua trajetória como bibliotecária nos anos 1960, a autora lançou, no início da década de 1970, a obra "Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918-1968". Este trabalho não apenas consagrou sua carreira na área de biblioteconomia, mas também recebeu elogios de diversos intelectuais interessados em apresentar ao público um texto científico e sistematizado sobre a obra do renomado estudioso do folclore brasileiro. Em uma carta datada de 27 de março de 1967, o poeta Carlos Drummond de Andrade já demonstrava seu interesse na publicação dessa obra ao questionar a autora sobre o andamento do projeto:

Zila querida [...] sua bibliografia de Cascudo vai ser publicada? O homem merece esse esforço que você lhe dedicou e, principalmente, os estudiosos muito se beneficiarão com esse inventário de uma obra tão brasileira, que enriquece a todos. (Machado, 2013, p. 43).

Aliás, Drummond era um dos autores que frequentemente demonstrava a sua admiração por Cascudo publicamente, várias vezes referindo-se a ele como fonte segura e finalizador de debates.

Essa trilogia bibliográfica representa o fruto de extensas pesquisas realizadas ao longo de quatro anos e quatro meses, enfrentando diversas dificuldades de naturezas diversas. Um aspecto particularmente notável é a inclusão, por parte de Mamede (1970), de uma ampla gama de fontes, incluindo até mesmo artigos de jornal de Câmara Cascudo. Em uma época em que os jornais não eram disponibilizados online e sua circulação era limitada pela natureza efêmera e imediatista, o esforço para catalogar artigos soltos (em colunas ou não) de jornais de diferentes estados da Federação nos parece impressionante. A obra, publicada em 1970, comemora os 50 anos de vida intelectual de Câmara Cascudo e tem sido, provavelmente, a fonte mais confiável para estudar a obra desse renomado autor.

O fato de o recorte da obra cobrir somente os cinquenta primeiros anos de publicações do autor, de 1918 a 1968, e Cascudo ter vivido até 1986 é o ponto mais problemático da obra, muito embora esse ponto tenha sido resolvido por uma pesquisadora posterior com um trabalho igualmente impressionante, se não mais impressionante, a respeito do autor.

Vânia Gico publicou em 1996 o trabalho “Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada, 1968/1995”. O trabalho é obviamente uma continuação do trabalho de Mamede, mas embora menor em tamanho (somente um volume), tem as notas um pouco mais profundadas e cuidadosas. Gico é formado em Biblioteconomia, assim como Mamede, mas expandiu seus estudos para as Ciências Sociais, concluindo tanto o mestrado quanto o doutorado com foco em Luís da Câmara Cascudo. De fato, sua produção bibliográfica origina-se das investigações realizadas durante seus mestrado e doutorado. Defendeu sua tese intitulada “Luís da Câmara Cascudo: itinerário de um pensador” em 1998 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Esta mesma tese foi posteriormente publicada como livro pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN-Scortecci) em 2012, onde Gico atua como docente de Ciências Sociais. A ausência desta obra entre as principais fontes desta pesquisa se deve à dificuldade de acesso, uma vez que apenas a versão física da tese está disponível para consulta, e o livro teve uma distribuição limitada.

De todo modo, a tese em questão aborda a desafiadora tarefa de mapear o pensamento de um pesquisador que escreveu sobre tudo. No contexto acadêmico em que a tese se insere, e até neste, a análise cartográfica das ideias surge como uma abordagem pertinente, sendo essa a metodologia adotada por ela. O trajeto delineado na obra de Câmara Cascudo teve como objetivo cartografar as diversas dimensões de sua influência

na história, sua conexão com a cultura popular e o registro memorial por ele elaborado, incorporando suas memórias pessoais. Seja como for, a sua dissertação e uma série de artigos e capítulos de livros da pesquisadora sobre esse tema são bastante relevantes.

O foco desta discussão é a bibliografia publicada, que provavelmente representa a terceira obra bibliográfica dedicada à produção de Cascudo e a segunda a oferecer comentários sobre as obras. Acredita-se que a primeira bibliografia sobre Cascudo tenha sido uma versão mais concisa e sem comentários, divulgada em forma de folheto por Diógenes da Cunha Lima Filho em 1965, sob os auspícios da Universidade do Rio Grande do Norte, hoje conhecida como UFRN. Apesar de curta e sem comentários, a bibliografia é bastante completa e arrola, além das publicações de Cascudo, distinções, condecorações, associações a grupos e instituições de pesquisa e funções exercidas. Tem o único problema da defasagem, já que como Cascudo só veio a falecer em 1986, há pelo menos 21 anos de publicações que essa bibliografia desconhece, considerando também eventuais publicações póstumas e textos de Cascudo que foram publicados em formatos adaptados.

Toda a lista de livros de Cascudo só foi, até onde parece, completamente reunida, recentemente, e compilada online no site do Ludovicus — Instituto Câmara Cascudo¹⁰. Lá estão listados, sem comentários ou qualquer nota de conteúdo, todos os seus livros publicados até 2010, divididos em duas categorias: livros e opúsculos. Os opúsculos são o que nós chamamos mais recentemente de folhetos, que têm menos de 50 páginas, segundo o entendimento da Associação Brasileira de Normas Técnicas (NBR 6029, 2006). E os livros reúnem originais, trabalhos em parceria, traduções e edições de livros publicados com notas e apresentação do autor. As centenas, ou talvez milhares, de artigos e outros tipos de textos publicados a respeito de Cascudo não estão completos, mas a compilação do Instituto é bastante ampla. Divide-se em três categorias: *Livros e opúsculos* (da década de 1940 até 2010), *Artigos* (da década de 1960 até 2010) e *Monografias, dissertações e teses* (da década de 1990 até 2010).

O trabalho do Instituto Câmara Cascudo é o de uma instituição privada que é financiada com os ingressos dos visitantes. Toda o seu trabalho de compilação e preservação da memória cascudiana foi coordenado pela sua filha, a ex-procuradora do Estado do Rio

¹⁰ O website do instituto, que leva o nome de Luiz em latim, a língua em que ele foi batizado na Igreja Católica, pode ser encontrado no endereço: <http://www.cascudo.org.br/>

Grande do Norte Anna Maria Cascudo Barreto, falecida em 2015 e autora de alguns livros de memória. Do que ela publicou, que pode interessar a este trabalho, ainda que vagamente, são: “Coronel Cascudo: o herói oculto”, de 2011 pela Editora da UFRN, que é uma biografia de seu próprio avô, portanto o pai de Câmara Cascudo. E “O Colecionador de Crepúsculos¹¹: fotobiografia de Luís da Câmara Cascudo” (de 2003) e “O Colecionador de Crepúsculos: críticas & depoimentos” (de 2005). O primeiro sendo uma biografia parcial que tem por base as fotografias de seu acervo pessoal de fotos da família e o segundo uma coletânea de artigos e críticas a respeito de Câmara Cascudo. É possível que o critério de escolha dos artigos tenha um caráter um pouco afetivo, a julgar pela devoção da autora a seu pai, como se pode ver nas suas entrevistas e nos textos de apresentação que ela escreveu sobre ele. De qualquer modo essa pesquisa não conseguiu acesso a nenhum dos livros dela.

4.3 PRINCIPAIS FONTES BIOBIBLIOGRÁFICAS

Américo de Oliveira Costa desempenhou, sob diversos aspectos, um papel de sucessor de Câmara Cascudo. Nascido doze anos após Cascudo, em 1910, Costa também foi professor de Direito Internacional Público e Cultura Brasileira na UFRN e dá nome a uma Biblioteca Pública. Além disso, ocupou posições relevantes no judiciário potiguar, derivadas de sua atuação como juiz, incluindo as funções de juiz do Tribunal Regional Eleitoral, secretário geral do Estado e procurador do Estado. Adicionalmente, ele foi colunista em jornais do Rio Grande do Norte e Pernambuco, além de imortal da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (MELO, 1996).

Américo de Oliveira Costa parece ter sido um desses homens de um século atrás que, vindos de famílias importantes, foram educados para governar, mas faziam isso mais interessados na literatura que no Direito. Costa foi responsável por publicar cinco livros, nenhum deles de natureza técnica, até onde pudemos apurar. Desses, dois interessam diretamente a essa pesquisa. São eles “Viagem ao Universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio biobibliográfico”, publicado em 1969 como o resultado de um

¹¹ “O Colecionador de Crepúsculos” é também o nome de uma peça de teatro escrita e dirigida por Vladimir Capella, baseada nos contos de Câmara Cascudo, a peça se propõe a revelar as raízes do Brasil para crianças e adolescentes por meio de lendas e histórias colhidas e escritas por Câmara Cascudo. O próprio Cascudo é um personagem da peça que foi encenada em São Paulo. O website do grupo Velloni (que produziu a peça) não traz indicações de datas.

concurso literário nacional promovido pela Fundação José Augusto, do Rio Grande do Norte, e publicado como premiação. E “Seleta de Luís da Câmara Cascudo: organização, estudos e notas”, uma seleção de artigos, ensaios curtos e capítulos de livros escritos por Cascudo que apresentam de maneira bastante variada a vida, a personalidade e os temas de pesquisa de Cascudo.

O equilíbrio na seleção dos temas da Seleta (Costa, 1972) revela um conhecedor do autor e de seus temas. As epígrafes de cada texto apresentam a fonte original do texto e o contexto de cada um, mas a cadência escolhida e as notas são claras, simples e de bom gosto. No final há uma bibliografia das obras principais de Cascudo e outra de obras a respeito dele. Essa segunda não é tão vasta e valiosa como a primeira. Com exceção da enumeração de seu próprio trabalho — Viagem ao Universo de Câmara Cascudo — publicado quatro anos antes e do trabalho de Mamede, apresentado com uma nota como a obra mais significativa a respeito do autor, com o que nós concordamos, as outras entradas são todas de artigos ou homenagens que são melhores em guiar um novo leitor que a um pesquisador profissional.

De todo modo, essas duas obras juntas são bastante capazes de apresentar Cascudo a um novo leitor ou de guiar um pesquisador mais experiente no tema de Cascudo. Podem dar, cada uma a sua maneira, uma dimensão do autor: sua vida, obra e interesses. A Seleta apresenta o homem que se conhece somente como um vislumbre que transparece através das suas obras, e a Viagem ao Universo de Câmara Cascudo é como uma visita feita de surpresa à casa de um professor a quem se admira. Ocasão em que se torna possível conhecer seus livros, ver suas anotações, saber quem são seus autores, entender quais eventos levaram a quais conclusões etc.

Na Seleta Américo Costa (1972) aparece somente nas notas e no pré e pós-texto. Mas no ensaio biobibliográfico o que se vê é um Cascudo filtrado por Costa (1969). É um trabalho bem mais refinado. Organizado em dezenove verbetes que vão desde temas como “Infância e juventude recompostas”, “Dentro do jornalismo”, “O Professor de História e o Historiador”, “Dante nos Círculos do Povo”, etc. Ao longo desses verbetes, o autor realiza um minucioso cotejamento de textos, fornece contextos relevantes, estabelece associações significativas e apresenta análises que transcendem meramente a biografia, incorporando elementos de crítica literária. A tonalidade geral do ensaio reflete uma profunda admiração, especialmente notada entre aqueles que tiveram a oportunidade de conviver com Câmara Cascudo. Vale destacar que essa inclinação

elogiosa não diminui a natureza perspicaz do livro, que foi publicado em um momento oportuno, próximo ao jubileu de 50 anos da vida pública e das contribuições literárias de Cascudo. É interessante notar que, neste período, outros trabalhos bibliográficos, como o de Mamede, também foram publicados, sinalizando uma efervescência de homenagens em reconhecimento à importância do legado de Câmara Cascudo.

Um outro trabalho que está na coluna vertebral de livros para compreender a vida e a obra de Luís da Câmara Cascudo o recente “Dicionário crítico: Câmara Cascudo” organizado por Marcos Silva

Outra obra fundamental para a compreensão panorâmica da sua obra é o “Dicionário crítico Câmara Cascudo”, organizado e publicado em 2003 pelo professor de história Marcos Silva, que conta com 92 verbetes escritos por dezenas de acadêmicos brasileiros. Este deve ser um dos trabalhos mais amplos sobre Cascudo. São verbetes a partir seus livros, principalmente, mas também de aspectos de suas obras, de sua relação com outros autores e temas, de conceitos que ele cunhou ou estudou.

Neste livro, a bibliografia cascudiana foi analisada por pesquisadores brasileiros norteados por posturas teórico-metodológicas diversas. A disparidade teórica e metodológicas dessas análises, implica leitura minuciosa do livro para identificarmos os posicionamentos que orientam tais resenhas. (Sales Neto, 2009, p. 20)

Tem-se, complementarmente, a obra que compila as correspondências entre Cascudo e Mário de Andrade sob o título “Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944”. A organização foi realizada por Marcos Antonio de Moraes, professor de História na Universidade de São Paulo, e publicadas pela Editora Global, atual editora detentora do espólio bibliográfico de Cascudo.

Nossa pesquisa identifica os trabalhos mencionados como fundamentais para a biobibliografia de Câmara Cascudo, constituindo a base de seu legado. Contudo, a análise crítica de sua obra é ampla e diversificada, refletindo a rica contribuição de Cascudo ao estudo da cultura brasileira. Existe um considerável número de teses, dissertações, artigos, capítulos de livros e outros textos que exploram aspectos específicos da vida e atuação desse renomado estudioso, assim como modernas interpretações de sua obra, que focam em pontos específicos, como sua aplicação

pedagógica, sua enorme penetração internacional, sua influência marcante na música e na poesia, suas interações com outros intelectuais através de suas correspondências, sua participação no Integralismo durante os anos 1930 e seu apoio ao Golpe Militar de 1964, como tantos intelectuais de seu tempo, e seu engajamento na proteção e auxílio a comunistas perseguidos nesse período ao mesmo tempo.

Além disso, são investigadas por publicações diversas suas passagens por lugares específicos, como Goiás, e suas contribuições nessas regiões, abordando uma variedade de temas relacionados. Adicionalmente, diversas reinterpretações da obra de Cascudo são exploradas, incorporando uma leitura crítica que problematiza sua relevância à luz das questões do século XXI, o que é um fenômeno natural na evolução da interpretação histórica. Antecipamos pretender retomar essas temáticas ao longo do desenvolvimento deste trabalho, proporcionando uma análise mais aprofundada e contemporânea da obra e do legado de Cascudo.

5 CRONOLOGIA BIOGRÁFICA, BIBLIOGRÁFICA E BIOBIBLIOGRÁFICA DE LÍS DA CÂMARA CASCU DO

A partir deste ponto, dedicar-nos-emos à análise das linhas cronológicas da vida e da obra de Câmara Cascudo. Esta análise será conduzida em três partes distintas, visando uma compreensão mais abrangente de sua trajetória. Inicialmente, empreenderemos uma análise da linha cronológica **biográfica**, segmentando-a por décadas, desde o período do nascimento até o ano de seu falecimento.

Ao observar cada década de sua vida, buscamos identificar os eventos significativos e as influências que moldaram sua formação pessoal e intelectual. Este enfoque permitirá uma compreensão mais clara de como os contextos históricos e sociais influenciaram o desenvolvimento de Câmara Cascudo ao longo de sua vida.

Em seguida, passaremos à análise da linha cronológica **bibliográfica**, seguindo o mesmo padrão de recorte por décadas. Este exame nos permitirá rastrear a evolução de sua produção intelectual ao longo do tempo, desde a primeira publicação até suas obras mais tardias. Essa linha, como as demais, não esgota as publicações de Cascudo.

Nós perceberemos que a primeira publicação de Cascudo ocorreu em relativa proximidade temporal ao seu nascimento, enquanto sua última obra foi lançada pouco antes de seu falecimento. Apesar de estar aposentado da vida pública, é notável que tenha mantido sua dedicação à pesquisa e ao trabalho intelectual até o fim de sua vida. Essa continuidade na produção acadêmica revela o compromisso duradouro de Cascudo com suas áreas de estudo.

Por fim, dedicaremos uma análise à linha **biobibliográfica**, que consistirá na interseção entre informações biográficas e bibliográficas. Reconhecemos que a distinção entre os aspectos propriamente biográficos e bibliográficos de Cascudo pode ser complexa, pois essas dimensões frequentemente se entrelaçam.

No entanto, a separação, ainda que artificial, é útil para fins analíticos, permitindo uma compreensão mais aprofundada das interconexões entre sua vida pessoal e intelectual, bem como sua produção escrita. Assim, a análise biobibliográfica emerge como a mais abrangente, proporcionando uma visão holística da vida e obra de Câmara Cascudo.

5.1 CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Nesta seção, propomos uma análise da linha do tempo da produção **biográfica** de Luís da Câmara Cascudo. Dada a extensão impraticável de considerar toda a sua vida em um recorte único, optamos por uma abordagem por décadas. Assim, cada figura apresentada nesta sessão representa um recorte temporal de uma década específica na vida do autor.

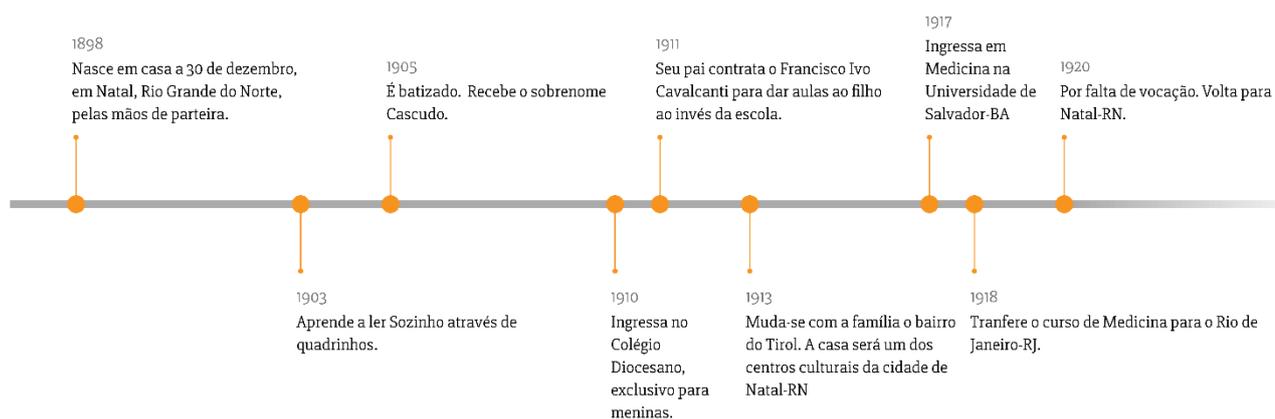
Entretanto, é importante destacar duas exceções: a primeira e a última décadas. Os anos entre 1898 e 1920 foram agrupados como sendo uma única década, pois nesse período Cascudo ainda estava emergindo da infância. De maneira semelhante, a última década, de 1971 a 1980, foi fundida com os anos da década de 1980, devido à diminuição na produção do autor até 1986, ano de seu falecimento.

Os dados biográficos analisados nesta linha foram predominantemente extraídos de quatro fontes primárias. As duas autobiografias de Câmara Cascudo, intituladas "O tempo e eu: confidências e proposições" e "Na ronda do tempo: diário de 1969" (1998), que foram publicadas pela primeira vez em 1967 e 1970, respectivamente, pela editora da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Além das autobiografias, foram consultadas duas biografias principais sobre Cascudo. A primeira, intitulada "Câmara Cascudo, um brasileiro feliz", foi escrita por Diógenes da Cunha Lima e publicada em 1978. A segunda biografia, intitulada "Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil", foi elaborada por Gildson de Oliveira e lançada em 1999. Essas obras biográficas forneceram *insights* valiosos sobre a vida e obra do renomado folclorista brasileiro.

5.1.1 Linha do tempo Biográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1898-1920

Figura 1 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1898-1920



Elaborado pelo autor, 2024

1898 Nasce em casa a 30 de dezembro, em Natal, Rio Grande do Norte, pelas mãos de parteira.

1903 Aprende a ler sozinho através de quadrinhos.

1905 É batizado em Natal. Seu padrinho é o então Governador do Rio Grande do Norte Augusto Tavares de Lyra. É o primeiro a receber formalmente o sobrenome Cascudo, até então era uma alcunha de família.

1910 Ingressa no Colégio Diocesano Santo Antônio, atual Colégio Marista. À época era uma escola feminina.

1911 Seu pai, voltando de viagem, contrata o Professor Francisco Ivo Cavalcanti para dar aulas ao filho e assim tirá-lo da escola feminina.

1913 Muda-se com a família para a Mansão “Vila Amélia” no bairro do Tirol. A casa será um dos mais importantes dos centros culturais da cidade de Natal.

1917 Ingressa no curso de Medicina na Universidade de Salvador, na Bahia. Atual Universidade Federal da Bahia.

1918 Transfere o curso de Medicina da Bahia para o Rio de Janeiro. Na capital do país ele espera ter maior possibilidade de forma-se e atuar como médico pesquisador, sem sucesso.

1920 Abandona o curso de Medicina por falta de vocação e volta para Natal.

O primogênito Luis da Camara Cascudo¹² nasceu no pôr-do-sol do penúltimo dia do ano de 1898, em Natal-RN. Filho único do rico comerciante, o Coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo e Dona Anna Maria da Camara (seu nome de casada), teve como padrinho o desembargador Joaquim Ferreira Chaves, que naquela altura era governador do Estado do Rio Grande do Norte. Nascido em casa pelas mãos da parteira “Mãe” Bernardina Nery, o seu primeiro banho foi numa bacia de ágata com água morna temperada com vinho do porto, uma prática mágica (uma simpatia, como se diz) para que crescesse forte. No momento do seu batismo — em 9 de maio de 1899, na Capela do Senhor Bom Jesus dos Passos — o padre João Maria Cavalcanti de Brito, que conduzia a missa em latim, dirigiu-se a seu padrinho quando perguntou pelo nome da criança para o rito do exorcismo. Este respondeu também em latim “Ludovicos”¹³ (Costa, 1969).

Mesmo vindo de uma família antiga do Rio Grande do Norte, o sobrenome “Cascudo” era recente. O peixe cascudo foi usado como uma espécie de alcunha para Antonio Justino de Oliveira, avô de Luís, por sua devoção ao Partido Conservador, no Império.

¹² Hoje grafa-se Luís da Câmara Cascudo, mas seu nome grafava-se, então, sem os acentos.

¹³ Ludovicos, Luís em latim, é hoje o nome do Instituto Câmara Cascudo. A logomarca é o ex-libres pessoal de cascudo, um brasão com o peixe cascudo (Loricariidae cascudos) ao centro. O brasão foi concebido por ele mesmo e desenhado por Manuel Bandeira.

Antonio jamais pronunciou o nome, mas seus filhos o uniram ao sobrenome Camara. (Cascudo, 1968, p.32). A simpatia não deu o resultado esperado e o menino cresceu como uma criança adoentada e fraca, com muitos brinquedos que não brincava e longe do contato com outras crianças. Por conta disso, a sua mãe o matriculou num colégio de freiras que era exclusivo para meninas, o Externato do Sagrado Coração de Jesus. O seu pai, voltando de uma viagem de negócios no meio do Sertão, o transferiu imediatamente para o Colégio Diocesano Santo Antônio, para ter amigos meninos (Costa, 1969, p. 11-12).

Cascudo recebeu uma formação educacional meticulosa, característica dos padrões da sua época e classe social. No entanto, um aspecto notável de sua juventude foi o ambiente culturalmente rico da Chácara Vila Cascudo, local de sua residência em Natal, que se destacava como um vibrante centro cultural. Esse espaço acolhia uma variedade de eventos culturais, incluindo saraus, encontros literários, jantares e recitais de músicos renomados que visitavam a cidade. Luís da Câmara Cascudo, por sua vez, adotou a prática de acolher visitantes e organizar celebrações ao longo de sua vida, tornando-se um anfitrião conhecido por sua hospitalidade. Sua residência serviu de ponto de encontro para intelectuais de renome nacional e internacional, além de nobres e representantes da cultura popular de diversas origens sociais, que partilhavam histórias e experiências. (Costa, 1969).

Desde cedo mostrou um interesse pela leitura, aprendendo a ler sozinho através de quadrinhos aos cinco anos de idade, segundo ele mesmo nos conta (Cascudo, 1967) Esse tipo de curiosidade precoce, que não é um traço incomum em biografias de pessoas das letras, talvez se deva em parte a uma infância adoentada e superprotegida.

Sua introdução à educação formal no Colégio Diocesano Santo Antônio, que na época era uma escola feminina, evidencia a ideia de uma superproteção, que parece ter origem mais na figura materna do que na paterna. Em 1911, quando seu pai retornou de uma longa viagem e decidiu contratar um tutor particular para seu único filho, retirando-o da escola feminina podemos inferir algumas conclusões. Primeiro, a presença do pai, com suas responsabilidades externas, não parecia influenciar significativamente as decisões diárias relacionadas à educação do filho, já que ele só tomou conhecimento dessa escolha no ano seguinte a ela. Em segundo lugar, retirá-lo de uma escola feminina, sem matriculá-lo em outra, provavelmente foi uma concessão à mãe, que claramente

protegia o menino de possíveis hostilidades do universo dos meninos. E terceiro, essa decisão sugere que o pai estava preocupado com o desenvolvimento da identidade de gênero masculina do filho, buscando proporcionar-lhe essa aprendizagem através da convivência com ele próprio, com outros meninos ou com um tutor particular.

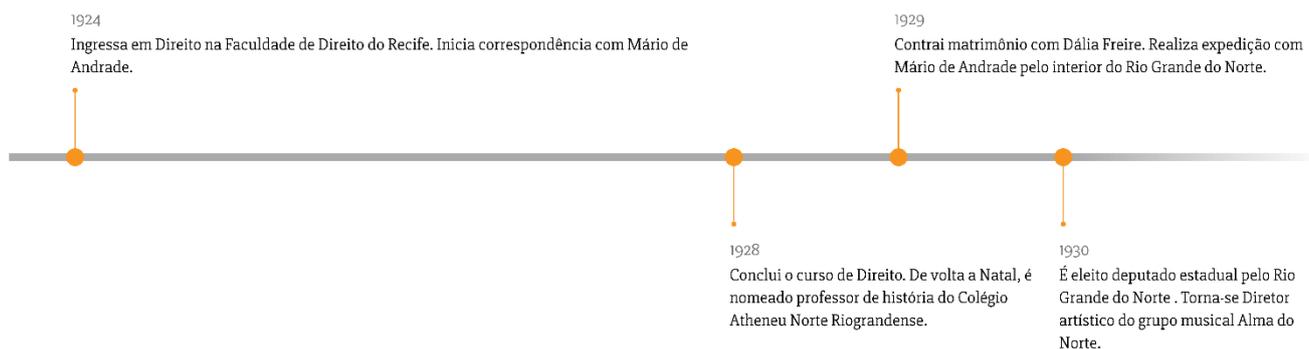
Seja como for, essa infância numa redoma, essa distância da hostilidade do mundo físico, foi o que aproximou Cascudo (1967), segundo ele mesmo, do mundo dos livros. Essa curiosidade infantil teve vasão através de uma exploração “meramente” intelectual, porque, ao menos em parte, não podia acontecer de fato, como acontecia com outras crianças. Seus livros eram como seus outros brinquedos, caros e muitas vezes raros. Muitos deles trazidos da Europa para satisfizer seus caprichos cada vez mais refinados e específicos. Essa década em particular, na vida dos Cascudo, foi marcada pela prosperidade e pela ascensão, como se pode perceber por exemplo pela aquisição pela família da Mansão “Vila Amélia” no bairro do Tirol.

Portanto, parece que sua vocação precoce para a pesquisa e a literatura, é resultado de uma espécie de aptidão inata, mas também do encontro fortuito da imposição das circunstâncias, assim como da possibilidade oferecida pelas circunstâncias.

Esses eventos revelam a curiosidade intelectual e a busca por conhecimento de Cascudo desde a infância, sua conexão com a cultura e a educação, bem como sua tentativa inicial de seguir uma carreira médica antes de eventualmente encontrar sua verdadeira vocação como um escritor e pesquisador da cultura popular brasileira. A mudança de curso de Medicina para sua cidade natal e o abandono da carreira médica mostram uma mudança significativa em sua trajetória de vida, que o levaria a se tornar uma figura importante na preservação e divulgação das tradições culturais do Brasil.

5.1.2 Linha do tempo Biográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1921-1930

Figura 2 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1921-1930



Elaborado pelo autor, 2024

1924 Optando por uma formação mais próxima das Humanidades, ingressa em Direito na Faculdade do Recife. Era então a melhor formação em Direito do Brasil. Inicia correspondência com Mário de Andrade.

1928 Conclui o curso de Direito. De volta a Natal, é nomeado professor de história do Colégio Atheneu Norte Riograndense.

1929 Contrai matrimônio com Dália Freire, filha do Desembargador da região. Realiza uma Expedição à Praia dos Touros, no Rio Grande do Norte, acompanhado por Mário de Andrade.

1930 É eleito deputado estadual pelo Rio Grande do Norte graças ao capital político do pai, nessa altura governador do Estado. Torna-se Diretor artístico do grupo musical inerudito Alma do Norte.

Nesse fragmento da linha do tempo da vida pessoal de Luís da Câmara Cascudo, várias facetas importantes de sua vida e carreira começam a se desenhar. Em 1924, Cascudo opta por uma formação mais próxima das humanidades, ingressando no curso de Direito na renomada Faculdade do Recife. Em 1928, ao finalizar seu curso de Direito e voltar a Natal, onde é designado como professor de história no Colégio Atheneu, ele vivencia o que se tornaria sua maior fonte de satisfação profissional: a docência.

No dia 22 de janeiro de 1922, publicou ensaio no jornal *A Imprensa*, dizendo que era preciso entrar no sertão e deixar de lado "as vacuidades elegantes de Paris, o prorejar vetusto de Lisboa, esquecer um pouco as importações mentais e, pelas nossas belezas, volvamos à messe loira da infinita seara da alma sertaneja." (Araújo, 1998, p.28). Foi através de artigos assim que Cascudo foi se inserindo no movimento modernista que se iniciava. E ao mesmo tempo estabelecendo amizade com o modernista Mário de Andrade (1893-1945), a quem ele convidou para conhecer o interior nordestino. Cascudo trocou muitas correspondências com Andrade. Hoje essas cartas estão registradas em livro. Publicamente, no entanto, Andrade falou pouco de Cascudo em seus artigos no *Sudeste* (Vasconcellos, 2000).

A formação intelectual de Cascudo foi moldada mais significativamente por suas interações com o povo e suas extensivas leituras do que pela educação universitária. Possuía uma espécie de fome pela leitura, explorando temas de seu interesse, os quais podia investigar livremente graças ao apoio de seu pai, que fazia questão de adquirir os livros solicitados, seja do *Sudeste* brasileiro ou da Europa. Cascudo possuía interesses abrangentes e diversificados, evidenciados por sua afirmação: "Se eu pedisse, meu pai compraria para mim a *Ursa Maior*". (Cascudo, 1967, p.--)

Em 1928, foi nomeado pelo governador Juvenal Lamartine para o cargo de professor de História do Colégio Atheneu Norte-Riograndense¹⁴, onde atuou como professor e depois como diretor (Lima Filho, 1965). São muitos os depoimentos de ex-alunos que se impressionavam com o quanto suas aulas eram cativantes por ele ser capaz de apontar relações entre a mais banal das situações cotidianas e os temas de suas aulas. Há um folheto publicado já em 1947, contendo depoimentos de amigos, colegas e alunos falando do carisma e do fascínio provocado por Câmara Cascudo. O folheto foi publicado sem indicação de organizador. Há ainda uma segunda publicação nesse mesmo sentido. Organizada por Carlos Lyra, o livro “Luís da Câmara Cascudo: depoimentos”, tem 136 página e foi publicado em 1999 pela editora da UFRN.

Numa época em que as opções de curso superior no Brasil praticamente se limitavam a Medicina, Engenharia e Direito, optou por Medicina e foi estudá-la primeiro na Bahia e depois no Rio de Janeiro. Mas, desejando mais se especializar na pesquisa que clinicar, o que o quadro de formação limitada no Brasil da época não permitia, desistiu da Medicina no quarto ano e resolveu cursar Direito na Faculdade de Direito do Recife¹⁵, uma das instituições mais respeitadas do Brasil na área e que contribuiu com uma quantidade enorme de intelectuais importantes para o Brasil. Formou-se em 1928. Em sua época de universitário foi quando o seu pai faliu e eles deixaram de ser uma família rica. Época também em que conheceu uma moça que era ainda adolescente e no ano seguinte, em abril de 1929, casou-se com ela, Dália Freire, com quem teve dois filhos, Fernando Luís e Anna Maria (Costa, 1969, p.13-17).

Além dos eventos pessoais, esse período é marcado por uma segunda expedição importante ao interior do Rio Grande do Norte com Mário de Andrade. Especialmente à Praia dos Touros. Durante essa expedição, eles visitaram um totem que representa o primeiro Marco de Posse colonial do território brasileiro por Portugal, datado de 1501. Esse episódio não apenas revela o interesse de Cascudo pela história e cultura do Brasil, mas também introduz Mário de Andrade às raízes físicas do país, evidenciando a rede de contatos *intelectuais* que Cascudo estabeleceu ao longo de sua vida. (Moraes, 2017).

¹⁴ Segunda instituição formal de ensino mais antiga do Brasil ainda em atividade, atrás apenas do Ginásio Pernambucano, no Recife-PE.

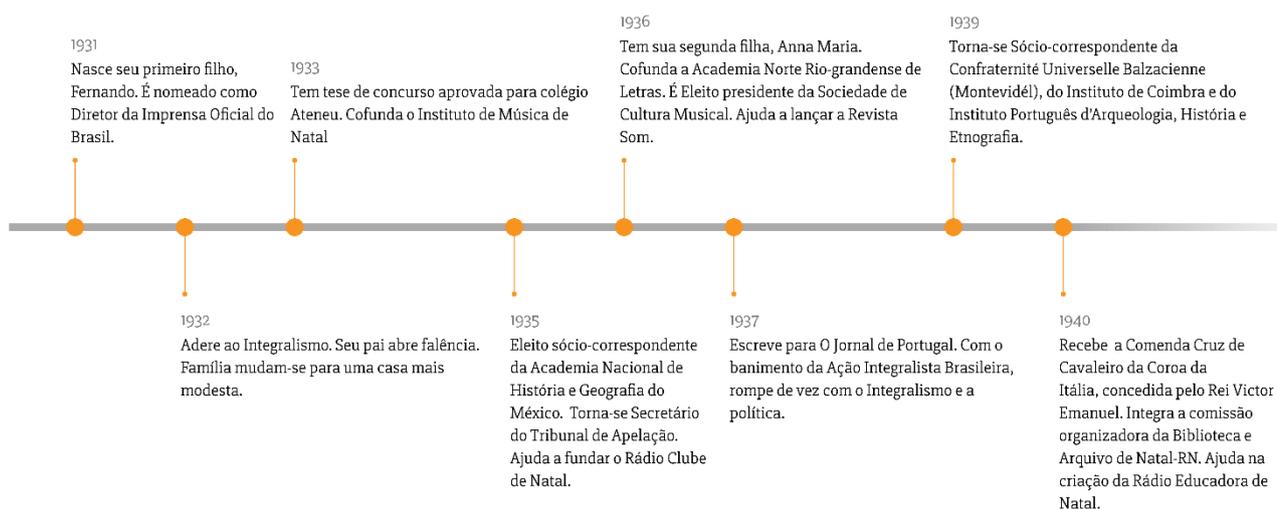
¹⁵ Hoje, Centro de Ciências Jurídicas da UFPE.

Em 1930, Luís da Câmara Cascudo é eleito deputado estadual pelo Rio Grande do Norte, um feito alcançado em grande parte devido à influência política de seu pai, que na época ocupava o cargo de governador do Estado. Nas biografias e entrevistas que abordam esse período, fica evidente que foi seu pai quem, de fato, exerceu o mandato, utilizando-se de um artifício jurídico para sua eleição. Paralelamente à sua “carreira” política, Cascudo também desempenhou o papel de diretor artístico do grupo musical *Alma do Norte*, dedicando-se à execução de músicas populares, principalmente com o uso de instrumentos ineruditos como o violão, demonstrando o seu engajamento direto com o cenário cultural e artístico regional.

Esses eventos destacam a diversidade de interesses de Cascudo, sua paixão pela cultura e história do Brasil, sua rede de contatos significativa no meio intelectual e cultural, bem como seu envolvimento tanto na educação quanto na esfera política e artística, consolidando-o como uma figura multifacetada e influente em diversos campos ao longo de sua vida.

5.1.3 Linha do tempo Biográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1931-1940

Figura 3 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1931-1940



Elaborado pelo autor, 2024

1931 Nasce seu primeiro filho, Fernando. É também nomeado como Diretor da Imprensa Oficial do Brasil, hoje Imprensa Nacional.

1932 Adere ao Integralismo. Nesse mesmo ano o seu pai abre falência e eles são obrigados a vender a mansão para um amigo da família e mudam-se para uma casa mais modesta.

1933 Tem tese de concurso aprovada para Colégio Atheneu Norte-Rio-Grandense, atual Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Cofunda o Instituto de Música de Natal.

1935 É eleito sócio correspondente da Academia Nacional de História e Geografia do México. Torna-se Secretário do Tribunal de Apelação. Ajuda a fundar o Rádio Clube de Natal.

1936 Tem sua segunda filha, Anna Maria. Cofunda a Academia Norte Rio-grandense de Letras. É eleito presidente da Sociedade de Cultura Musical. Ajuda a lançar a Revista Som.

1937 Escreve para O Jornal de Portugal. Com o banimento da Ação Integralista Brasileira, rompe de vez com o Integralismo e a política.

1939 Torna-se Sócio correspondente da *Confraternité Universelle Balzacienne* [Confraria Universal Balzaciana] (Montevideú), do Instituto de Coimbra e do Instituto Português d'Arqueologia, História e Etnografia.

1940 Recebe a Comenda Cruz de Cavaleiro da Coroa da Itália, concedida pelo Rei Victor Emanuel. Integra a comissão organizadora da Biblioteca e Arquivo de Natal-RN. Ajuda na criação da Rádio Educadora de Natal.

Apesar de fixar residência em Natal, viajava muito, no entanto. Vasconcellos (2000) diz que a verdadeira formação de Cascudo foi na *life university*, o que parece ser mesmo verdade, embora não se deva excluir o fato de que a uma formação desordenada era comum na formação da intelectualidade brasileira nos séculos XIX e XX. Os mais velhos instruíam os mais novos, guiavam suas leituras e exerciam um papel de orientador que substituía em grande parte a formação universitário tradicional (Gico, 1996).

A diversidade de atuações de Cascudo pode ser atribuída, em parte, a essa circunstância, assim como a uma ampla gama de interesses pessoais de pesquisa que levaram a uma formação extremamente diversificada e a um profundo amor pelo povo comum brasileiro, sua maneira de ser, suas crenças e toda a sua cultura. Foi essa devoção, acima de tudo, que orientou todo o percurso intelectual de Cascudo. (VASCONCELLOS, 2000, p.10).

O depoimento de Carlos Lyra sobre seu método de pesquisa é revelador:

Cascudo é um provinciano incurável, mas ele viajou seis passaportes, como ele costuma dizer. Ele, apenas, ficou em

Natal, mas da província projetou-se no mundo. O que diferencia Cascudo de um scholar de Oxford, é que Cascudo é acima de tudo um repórter. Um exemplo, Cascudo na África estudando alimentos para escrever a História da alimentação do Brasil. De repente ele se vê preso, atento ao andar rebolado de uma negra que passa. Presta atenção: ela rebola quando anda ou quando dança? Requebrado que ele estudou no Made in África. O professor de uma universidade americana, alemã, é incapaz de sair do assunto, porque ele só sabe seguir o tema único, e Cascudo como repórter, topa, a primeira coisa interessante ele vê, desperta sua atenção e registra o fato. O professor fica na unidade, ele só vai estudar isto, tem milhares de assuntos interessantíssimos que passam, esfregando as ventas dele, não vê. (Lyra, 1998, p.--)

Essa formação não especializada típica da academia não era o eixo fundamental da sua formação, autodidata, se esse termo é mesmo aplicável aqui. Não é que fosse um distraído, ou que não tivesse método, rigor ou conhecimento sólido das áreas em que atuava, mas sim que era capaz de enquanto se dedicava a uma pesquisa, não deixar de anotar e recolher bibliografia dos temas marginais que fossem surgindo. Assim como se deu com Gilberto Freyre, por exemplo, além de tantos outros, a pesquisa cuidadosa e esmerada resultava num estilo livre de escrever ciências humanas e sociais. Abordadas, geralmente, através do gênero ensaístico, um gênero literário-científico mais livre e instável — que muitas vezes pode adquirir um caráter mais reflexivo e poético e menos rigoroso — não permitiu que a Cascudo divagações e excessivas suposições. Em algumas entrevistas e prefácios ele mesmo esclarece que embora o cuidado com a perfeição da escrita seja a mesma de qualquer escritor, a feiticeira imaginação jamais colaborou com o que ele escrevia. (Vasconcellos, 2000, p.8-9.)

Nesse período da vida de Luís da Câmara Cascudo, entre 1931 e 1940, observamos uma série de acontecimentos que refletem não apenas sua vida pessoal, mas também sua influência significativa nas esferas cultural, política e intelectual do Brasil e fora dele:

Em 1931, Cascudo torna-se pai de seu primeiro filho, Fernando, que futuramente se tornaria um jornalista conhecido em Pernambuco. Este é um marco pessoal significativo em sua vida.

No ano seguinte, em 1932, Cascudo adere ao Integralismo, a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento ultranacionalista de direita fundado por Plínio Salgado em 1932, inspirado no Fascismo italiano e no Integralismo português. É provável que ele tenha sido levado a esse caminho por seu viés nacionalista. Cascudo não trata abertamente de política em nenhum de seus livros e fala muito pouco mesmo em seus artigos de jornal, mas quando trata, vê-se mais um analista cultural que um correspondente político.

Para Medeiros (2005), em sua dissertação de mestrado em História pela UFPE, o discurso de Luís da Câmara Cascudo só encontrou espaço nas primeiras décadas do século XX, durante seu período de formação intelectual, porque esse período coincidiu com o choque entre sua subjetividade católica e patriarcal e o mundo moderno, possibilitando-lhe abordar uma sociedade e valores cujo desaparecimento estava testemunhando. A ascensão da sociedade burguesa e o surgimento de novas formas de comportamento, sociabilidades, subjetividades e sensibilidades modernas causaram em Luís da Câmara Cascudo o receio de uma desestabilização subjetiva, levando-o a tentar conter esse processo de dissolução e garantir seu lugar na sociedade. Ele encontrou um ponto de apoio no Movimento Integralista, que advogava pela ressacralização de valores antigos como hierarquia, ordem, disciplina e caridade, em meio a uma sociedade que ele considerava turbulenta.

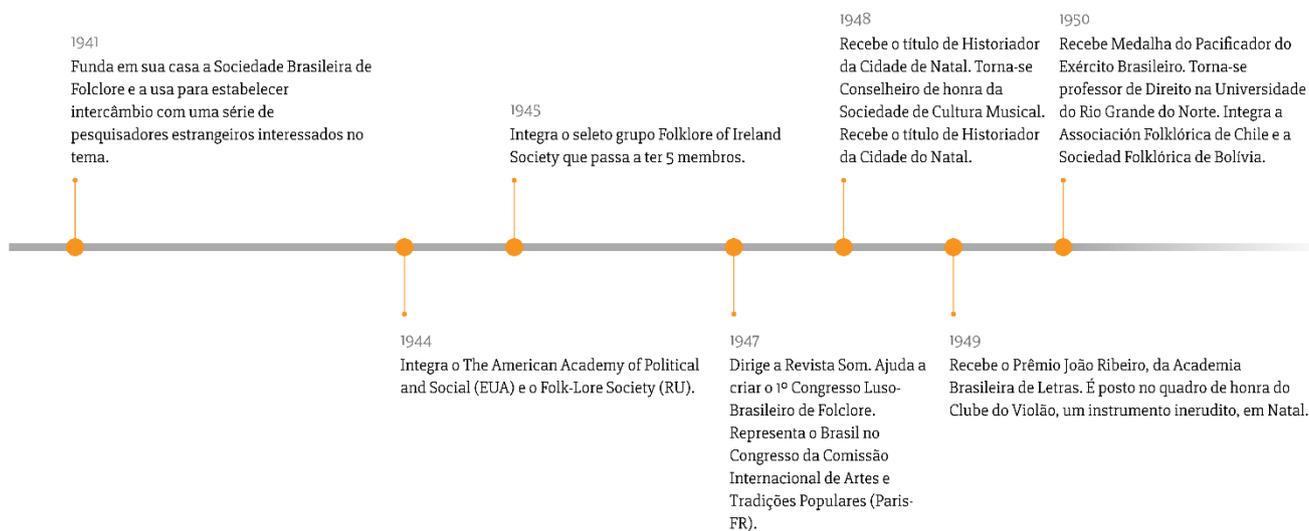
Nesse mesmo ano, a situação financeira da família se deteriora quando seu pai declara falência, levando-os a vender a mansão e mudar-se para uma casa mais modesta. Esse evento marca uma reviravolta na vida de Cascudo e sua família.

Em 1936 Cascudo tem sua segunda filha, Anna Maria, e co-funda a Academia Norte Rio-grandense de Letras. Ele também assume a presidência da Sociedade de Cultura Musical e contribui para o lançamento da Revista Som. Isso e sua cofundação do Instituto de Música de Natal, em 1933, e da Rádio Clube de Natal, em 1935, relevam uma grande inclinação musical. Em sua tese que tem como subtítulo Câmara Cascudo e a música, Claudio Augusto Pinto Galvão (2010) nos mostra que mesmo a faceta musical sendo uma das menos publicamente associadas à sua persona pública, esse foi, sem dúvida, numericamente, um dos maiores interesses intelectuais de Cascudo e um dos seus mais recorrentes assuntos de publicação.

Em toda esta década Cascudo torna-se sócio correspondente de várias instituições internacionais. O posto de socio correspondente nos parece, em parte uma honraria acadêmica, já que é um sócio que publica, mas não interfere na direção da instituição. Outras honrarias, como a Comenda Cruz de Cavaleiro da Coroa da Itália, parecem revelar que, desde Natal, Cascudo parece ter influenciado culturalmente meio mundo de pessoas e instituições com preocupações nacionalistas num século em que esse tipo de posicionamento foi muito comum.

5.1.4 Linha do tempo Biográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1941-1950

Figura 4 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1941-1950



Elaborado pelo autor, 2024

1941 Funda em sua casa a Sociedade Brasileira de Folclore e a usa para estabelecer intercâmbio com uma série de pesquisadores estrangeiros interessados no tema.

1944 Integra a *American Academy of Political and Social Science* (AAPSS) fundada em 1889 para promover o progresso das Ciências Sociais Nos Estados Unidos e a *Folklore Society* (FLS) fundada em 1878 para estudar a cultura vernácula tradicional do Reino Unido.

1945 Integra o seletivo grupo de *Folklore of Ireland Society*, formado por 4 pesquisadores de nacionalidades distintas que pesquisavam o tema do folclore. O grupo passa a ter então 5 membros.

1947 Dirige a Revista Som. Ajuda a criar o Primeiro Congresso Luso-Brasileiro de Folclore, realizado em Portugal, e representa o Brasil no Congresso da Comissão Internacional de Artes e Tradições Populares em Paris, na França.

1948 Recebe o título de Historiador da Cidade de Natal. Torna-se Conselheiro de honra da Sociedade de Cultura Musical. Recebe o título de Historiador da Cidade do Natal.

1949 Recebe o Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras. É posto no quadro de honra do Clube do Violão, em Natal.

1950 Recebe Medalha do Pacificador do Exército Brasileiro. Torna-se professor de Direito na Universidade do Rio Grande do Norte. Integra a *Asociación Folklorica* de Chile e a *Sociedad Folklorica* de Bolívia.

Cascudo atuou formalmente como advogado e exerceu várias funções públicas, entre as quais se destacam: a) Secretário do Tribunal de Justiça e Consultor Jurídico do Estado do Rio Grande do Norte; b) Professor de Direito Internacional Público na Faculdade de Direito de Natal¹⁶, cujo Museu de Antropologia, leva hoje o seu nome¹⁷. Além de ter sido convidado a lecionar por uma série de outras instituições brasileiras, como a Universidade de Brasília (UnB), e estrangeiras, mas se recusava a sair de Natal de maneira permanente (Lima Filho, 1965).

Em 1947, integra com Renato Almeida e Luís Heitor Correia de Azevedo a delegação brasileira enviada a Lisboa para o *1º Congresso Luso-Brasileiro de Folclore*. Representou, também, o Brasil no *Congresso da Comissão Internacional de Artes e Tradições Populares*, realizado em Paris, e assume a vice-presidência da instituição. Entre as décadas de 1940 e 1960, Luís da Câmara Cascudo parece se revezar entre publicar livros e receber prêmios por eles. Em 1948 ganha o título de Historiador da

¹⁶ Hoje Departamento de Direito Público (Dipub) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFRN.

¹⁷ Além do Museu de Ciências Naturais e Antropológicas da UFRN, Câmara Cascudo dá nome à Biblioteca Pública do Estado e a um terreiro de umbanda, em Natal. Além de uma placa na entrada da cidade que avisa que aquela é a terra de Luís da Câmara Cascudo.

Cidade de Natal. Em 1949 recebe o Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras (ABL).

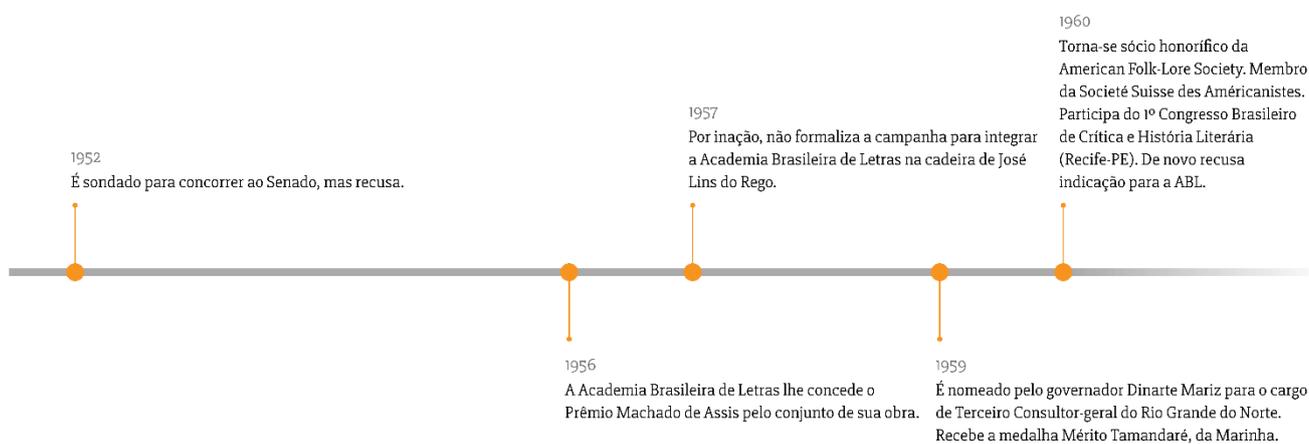
Nesse período entre 1941 e 1950, a vida de Luís da Câmara Cascudo segue num rumo que faz lembrar a trajetória de Gilberto Freyre, de Pernambuco. Segundo Vamireh Chacon (1993) em sua biografia intelectual de Freyre, embora este nunca tenha sido recebido com indiferença em parte alguma do Brasil, a sua instrução formal no estrangeiro — Freyre graduou-se em Artes Liberais na *Baylor University*, no Texas, e fez mestrado em Sociologia pela *Columbia University* nos Estados Unidos — e o fato de as suas principais contribuições literárias tenham acontecido primeiro internacionalmente, parecem ter removido possíveis obstáculos a aceitação de Freyre como uma autoridade em seu campo de trabalho. Seu método sociológico heterodoxo foi testado primeiro nas mais respeitadas instituições de pesquisa dos Estados Unidos e da Europa antes de serem introduzidas nas suas muitas obras originais produzidas no Brasil.

Cascudo, no entanto, jamais estudou formalmente no estrangeiro, e mesmo sua formação formal no Brasil esteve limitada a um curso de Bacharel em Direito. No entanto, a sua penetração internacional é nítida. Nisso, nos parece que o interesse de Cascudo pelo folclore, um tema meio tabu no Brasil de então, foi sendo contornado primeiro por suas ligações internacionais que por um esforço meramente vocálico nacional. E nisso, nós achamos que há algum tipo de semelhança entre ele e Freyre.

Esta, em especial, foi uma década de grande reconhecimento internacional e local. Se tivesse sido encerrado aqui, o seu trabalho preencheria vidas inteiras de pesquisa, mas nas próximas décadas Cascudo continuaria produzindo tanto quanto.

5.1.5 Linha do tempo Biográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1951-1960

Figura 5 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1951-1960



Elaborado pelo autor, 2024

1952 Depois de ter sido deputado estadual à sombra de seu pai, é sondado por um grupo local para concorrer ao Senado Federal pelo Rio Grande do Norte, mas declina.

1956 A Academia Brasileira de Letras lhe concede o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra.

1957 Por inação, não formaliza a campanha para integrar a Academia Brasileira de Letras na cadeira de José Lins do Rego.

1959 O governador Dinarte Mariz nomeia-o para a posição de Terceiro Consultor-geral do Rio Grande do Norte. Recebe a medalha Mérito Tamandaré, da Marinha.

1960 Torna-se sócio honorífico da *American Folk-Lore Society*, dos Estados Unidos. Torna-se membro também da *Société Suisse des Américanistes*, Suíça. Participa do Primeiro Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizada no Recife, Pernambuco. De novo recusa indicação para a Academia Brasileira de Letras.

Nesse período da linha do tempo da vida pessoal de Luís da Câmara Cascudo, entre 1952 e 1960 são também evidentes algumas escolhas e recusas, revelando sua postura pessoal e profissional.

Em 1950 é homenageado pelo Exército do Brasil com a Medalha do Pacificador. Em 1952, após ter sido deputado estadual à sombra de seu pai, Cascudo é sondado por um grupo local para concorrer ao Senado Federal pelo Rio Grande do Norte, mas ele declina a oferta. Esta decisão indica uma possível maturidade pessoal. Seu rompimento com a política direta depois do fim do Integralismo parece ter sido total, mesmo que os temas da cultura política tenham permanecido em seus escritos de maneira mais ou menos inalterada.

Sua falta de interesse em ser “testa de ferro” de quaisquer grupos que sejam, parece revelar uma camada de calos que só vem com a idade. Também para efeito de comparação, na Maturidade, quando a maior parte de sua obra intelectual estava concluída, Gilberto Freyre como deputado federal por Pernambuco fundou a então Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisa sociais (Fundaj), perto de sua casa no Recife. Essa instituição, sob a direção e supervisão vitalícia de Freyre, além de prestar homenagem nominal ao abolicionista da monarquia, Joaquim Nabuco, foi por bastante tempo uma entidade pública federal encarregada de consolidar o legado intelectual de Freyre, juntamente com sua pequena Fundação Gilberto Freyre, estabelecida de forma privada em sua residência anterior. Essa realização é algo que Cascudo nunca conseguiu realizar. Cascudo, por outro lado, estava evitando todo tipo de envolvimento direto com a política na sua maturidade intelectual. E o seu Instituto Câmara Cascudo, também fundado privadamente em sua antiga casa para cuidar dos seus espólios intelectuais, por mais que tenha sido ativo, não nos parece ter tido a penetração que poderia ter tido caso

fosse também uma fundação pública federal, por exemplo. Freyre esteve ligado ao lado “*perdedor*” da política nacional tanto quanto Cascudo, mas de algum modo, as suas escolhas o deixaram menos “*sujo*” para o contato acadêmico que Cascudo.

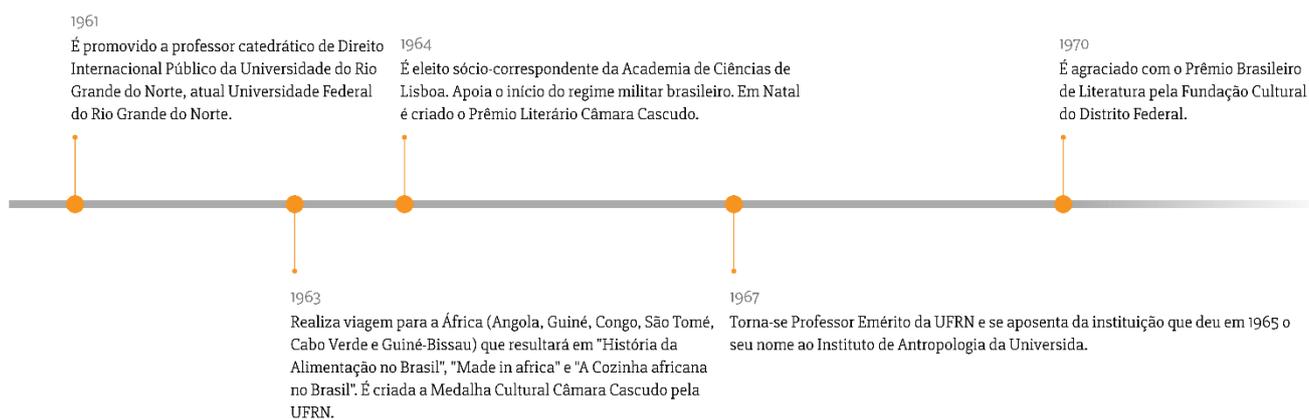
Em 1956, a Academia Brasileira de Letras reconheceu a notável contribuição de Luís da Câmara Cascudo para a literatura e a cultura brasileira, honrando-o com o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. No entanto, no ano seguinte, em 1957, Cascudo optou por não formalizar sua candidatura para ocupar a cadeira de José Lins do Rego na Academia Brasileira de Letras.

Em 1959, o governador Dinarte Mariz nomeia-o para a posição de Terceiro Consultor-Geral do Rio Grande do Norte, reconhecendo sua expertise em assuntos relevantes para o Estado. Ele também recebe a medalha Mérito Tamandaré, uma honraria da Marinha brasileira, ressaltando seu prestígio em esferas diversas da sociedade.

No Brasil, ao menos enquanto Cascudo era vivo, e fora do território do Rio Grande do Norte, a maior parte do seu reconhecimento parece ter vindo primeiro por parte de instituições civis ou militares, mas não propriamente acadêmicas, diferente do reconhecimento estrangeiro, maioritariamente acadêmico.

5.1.6 Linha do tempo Biográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1961-1970

Figura 6 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1961-1970



Elaborado pelo autor, 2024

1961 É promovido a professor catedrático de Direito Internacional Público da Universidade do Rio Grande do Norte, atual Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

1963 Realiza grande expedição à África, que resultará principalmente no livro em “*Made in Africa*”, mas marcará profundamente também “História da Alimentação no Brasil” e “A Cozinha africana no Brasil”. É criada a Medalha Cultural Câmara Cascudo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1964 É eleito sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Apoia o início do regime militar brasileiro. Em Natal é criado o Prêmio Literário Câmara Cascudo.

1967 Torna-se Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e aposenta-se da instituição que havia dado em 1965 o seu nome ao Instituto de Antropologia da Universidade.

1970 É agraciado com o Prêmio Brasileiro de Literatura pela Fundação Cultural do Distrito Federal.

Neste fragmento da linha do tempo da vida pessoal de Luís da Câmara Cascudo que é a década de 1960, é possível observar a continuidade de suas atividades intelectuais. Em 1963, Cascudo realiza uma grande expedição à África, visitando países como Angola, Guiné, Congo, São Tomé, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Essa expedição resulta principalmente no livro “*Made in Africa*”, mas também influencia profundamente suas obras “História da Alimentação no Brasil” e “A Cozinha Africana no Brasil”. Esse evento marca uma fase importante em sua carreira.

Em 1960 torna-se sócio honorífico da *American Folk-Lore Society*, e é eleito membro da *Société Suisse des Américanistes*, instituição sediada em Genebra, Suíça. Participa do *1º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária*, realizado no Recife. Rejeita sua indicação para a Academia Brasileira de Letras.

No mesmo ano, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) institui a Medalha Cultural Câmara Cascudo em homenagem ao seu legado cultural e acadêmico, destacando sua importância como pesquisador e educador. Em 1964, ele é eleito sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, um reconhecimento internacional por suas contribuições para a compreensão da cultura popular. Durante esse período, Cascudo também manifesta seu apoio ao início do regime militar brasileiro, uma posição amplamente adotada naquela época e reflexo do contexto político do Brasil naquele momento.

Em 1967, Cascudo é nomeado Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e se aposenta da instituição. Vale lembrar que em 1965, o Instituto de Antropologia da UFRN havia recebido o nome de Câmara Cascudo, uma

homenagem que demonstra o reconhecimento da universidade à sua contribuição para a área.

Há hoje uma série de trabalhos, geralmente curtos a respeito da abordagem de Câmara Cascudo aos temas africanos, como por exemplo o artigo “Vaqueiros e Cantadores: a desafricanizada cantoria sertaneja de Luis da Câmara Cascudo” de Gomes (2008) em que as teses de Cascudo são analisadas unicamente da perspectiva da análise do discurso, sem levar em conta a veracidade das fontes apontadas por Cascudo, se esse termo ainda for apropriado, ou mesmo sem considerar a sua obra como um todo. Nesse livro, por exemplo, Cascudo atribui o aboio sertanejo a um chamamento pelo gado praticado na Europa desde o tempo dos romanos e ainda antes. E que a prática dele pelos afrobrasileiros da colônia, foi ensinada a eles, que o adaptaram segundo suas inclinações. Portanto não seria uma cultura vinda da África, mas da Europa. A nós nos parece que a atribuição de racismo só cabe aqui se ficar evidente que Cascudo ignorou fontes relevantes na construção dessa conclusão.

Nós presumimos que de uma perspectiva anacrônica, todas as personalidades do passado, próximo ou distante, podem ser consideradas inadequadas, por diferentes razões, dos padrões sociais estabelecidos por nós do século XX. Mas mais do que isso, as posições de Cascudo eram sempre bastante complexas a respeito de muitos temas. Além disso, ela mudava e estava dispersa por muitos documentos distintos. Analisar essas posições considerando tudo como o resultado infalível da luta de classes ou como um produto inevitável de seu tempo nos parece imprudente.

A perspectiva cascudiana e brasileira que durou, nos parece, até o século XX, de que nós brasileiros, apesar da violência praticada contra os africanos escravizados e contra o povo nativo, fomos capazes de criar uma sociedade que embora desigual e desequilibrada, é rica, funcional e combina elementos de todos os três principais grupos étnicos, parece ter perdido popularidade no século XXI. Agora, parece haver uma popular análise de que essa perspectiva foi criada deliberadamente para evitar a insurreição. Portanto, é considerada racista e caduca a análise de Gilberto Freyre de que no Brasil, diferente dos EUA, seria impensável uma igreja que recusasse a presença de uma pessoa preta numa igreja frequentada por uma comunidade majoritariamente branca. Ou a análise cascudiana que atribua à Europa alguns costumes populares entre a população brasileira descendente de escravos africanos no Brasil do passado, como a cantoria sertaneja, por exemplo. Mas quando se leva em conta, por exemplo que uma

típica baiana vendedora de cocadas, veste um vestido claramente aristocrático europeu, e vende um doce português feito com ingredientes das colônias europeias, não necessariamente está-se diminuindo a contribuição africana para a cultura brasileira. Essa miscigenação de costumes pode ao mesmo tempo revelar a violência da extirpação de uma cultura ancestral esquecida à força, assim como o nascimento de uma nova, ressignificada pelo nascimento de um novo povo, forjado pela força, a luta, a adaptatividade, a mistura e a ressignificação.

Cascudo levava o legado africano e indígena na cultura brasileira muito a sério. E dedicou a ela muita pesquisa e muitos dos seus mais célebres livros, como Dicionário de Folclore Brasileiro, Made in Africa, História dos nossos gestos e História da Alimentação Brasileira, por exemplo. Se ele diz num livro que o Direito Brasileiro ou a nossa arquitetura institucional herdou pouco dessas culturas, nos parece que a primeira coisa a fazer é saber se ele está certo nessas afirmações. Depois saber se ele vê isso como um traço positivo. E só depois fazer a análise a respeito de quais são as suas inclinações pessoais que podem ou não ter contribuído com essas conclusões.

5.1.7 Linha do tempo Biográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1971-1986

Figura 7 — Linha do tempo Biográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1971-1986



Elaborado pelo autor, 2024

1973 Recebe o Prêmio literário norueguês Hennig Albert Boilesen e a Medalha da Ordem Nacional do Mérito Educativo, pelo Exército Brasileiro, no Grau de Grande Oficial.

1976 Recebe a Medalha da Ordem Nacional das Artes e das Letras da França.

1977 É entrevistado pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, abordando suas pesquisas e o fim das colaborações em jornais. Além disso, ele é homenageado com o Troféu Juca Pato de intelectual do ano.

1978 Ao fazer 80 anos, cheio de homenagens públicas, aposenta-se a vida pública.

1982 Recebe a Medalha da Ordem das Artes e das Letras (da França) e a Medalha do Mérito Aeronáutico, no Grau de Grão-Mestre, pela Força Aérea do Brasil.

1983 Ele é agraciado com a Medalha Peregrino Júnior, concedida pela União Brasileira de Escritores. Além disso, a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), através do Instituto Nacional do Folclore, dedica um ano inteiro a Cascudo.

1984 É agraciado com a Medalha de Mérito Massangana, concedida pelo então Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj).

1986 Encanta-se. Em 30 de julho, na cidade de Natal, depois de uma internação por problemas renais, Cascudo morre em casa em decorrência de um ataque cardíaco.

Em 1970 recebe o Prêmio Brasileiro de Literatura pela *Fundação Cultural do Distrito Federal*. Em 1972 recebe o Prêmio Literário Hennig Albert Boilesen. Em 1977 concede entrevista à *Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos* e fala sobre suas pesquisas e o encerramento do período de colaboração em jornais. É homenageado com o Troféu Juca Pato de intelectual do ano.

Em 1983 a *Fundação Nacional de Artes* (Funarte), por meio do *Instituto Nacional do Folclore*, cria o Prêmio Câmara Cascudo. No mesmo ano ele recebe a Medalha Peregrino Júnior, conferida pela *União Brasileira de Escritores*. Em 1984 é agraciado com a Medalha de Mérito Massangana, concedida pelo *Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais* (atual Fundação Joaquim Nabuco, FUNDAJ). Em 1986 ele enfim encantou-se, como ele referia-se a morte, e morre em 30 de julho, na cidade de Natal. Há muitas mais honrarias, nacionais e principalmente internacionais. (HONRARIAS, [2020?]).

Esse período reflete não apenas a continuidade do trabalho incansável de Câmara Cascudo como pesquisador e autor, mas também seu impacto duradouro na academia, na cultura e na literatura brasileira. Suas atividades durante esses anos consolidam ainda mais sua posição como uma das figuras mais importantes e respeitadas no cenário intelectual brasileiro.

Diante da análise detalhada da vida e obra de Luís da Câmara Cascudo, é evidente sua contribuição significativa para a compreensão e preservação da cultura brasileira. Sua abordagem peculiar, caracterizada por uma mescla de erudição e paixão pela cultura popular e tradições populares, permitiu-lhe explorar uma ampla gama de temas culturais com profundidade e originalidade. A recusa de Cascudo em se limitar a uma única disciplina acadêmica ou a um único método de pesquisa reflete sua curiosidade intelectual e sua disposição para explorar novos horizontes.

Ao longo de sua vida, Cascudo demonstrou uma devoção incansável às raízes culturais do Brasil, buscando entender e valorizar as complexas interações entre as diferentes culturas que contribuíram para a formação da identidade nacional. Sua incursão na política, ainda que tangencial, e sua atuação em diversas instituições culturais demonstram seu compromisso em disseminar o conhecimento e promover o diálogo intercultural.

É importante destacar que, embora suas visões e interpretações sobre certos aspectos da cultura brasileira possam ser objeto de debate e crítica, sua obra continua a ser uma referência indispensável para estudiosos interessados na história e na diversidade cultural do país. O legado de Luís da Câmara Cascudo é um lembrete poderoso da riqueza e da complexidade da cultura brasileira, bem como da necessidade contínua de examinar criticamente nossas próprias narrativas e perspectivas históricas.

5.2 CRONOLOGIA BIBLIOGRÁFICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

Nesta seção, propomos uma análise da linha do tempo da produção **bibliográfica** de Luís da Câmara Cascudo. Assim como fizemos com a linha biográfica anteriormente discutida e a linha biobibliográfica subsequente, cada figura apresentada nesta sessão representa um recorte temporal de uma década específica na vida do autor.

Como na sessão anterior, os anos entre 1910 e 1920 foram agrupados com a década entre 1921 e 1930, pois nesse período Cascudo ainda estava emergindo da infância. De maneira semelhante, a última década, de 1971 a 1980, foi fundida com os anos da década de 1980, devido à diminuição na produção do autor até 1986, ano de seu falecimento. Os anos antes de qualquer publicação foram, naturalmente, excluídos.

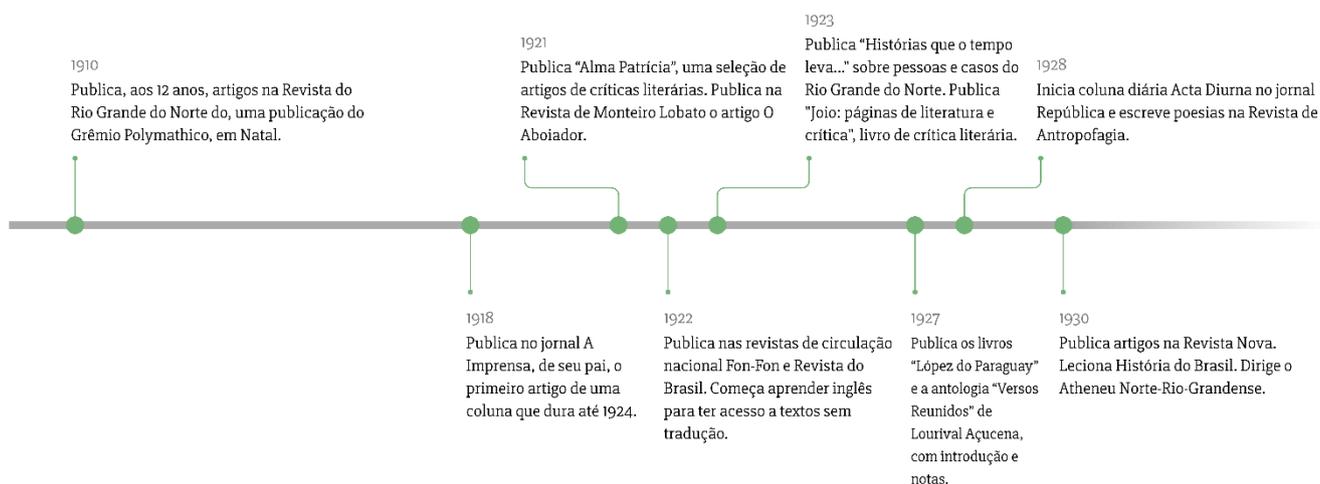
Como se sabe, Cascudo publicou bastante, especialmente artigos. É essencial reconhecer a impossibilidade de abordar todas as suas contribuições deste tipo. Portanto, nosso objetivo é fornecer uma visão geral das principais publicações dele em livros a cada década, destacando suas obras mais significativas até o final de sua vida.

Embora algumas das publicações de Cascudo possam parecer menos relevantes hoje, elas foram escolhidas por sua importância de algum modo; seja por sua popularidade, por alguma discussão, ou pela importância que teve ao menos para o autor no momento de sua publicação. Portanto, este trabalho visa não apenas destacar os marcos principais em sua produção bibliográfica, mas também contextualizar essas realizações dentro do panorama histórico e intelectual em que foram concebidas.

Os dados bibliográficos a seguir foram extraídos principalmente da bibliografia em 3 volumes "Luís da Câmara Cascudo: 50 Anos de Vida Intelectual 1918/1968" de Zila Mamede (1970), do livro "Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada, 1968/1995" de Vânia Gico (1996) e do website do Ludovicus — Instituto Câmara Cascudo.

5.2.1 Linha do tempo Bibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1910-1930

Figura 8 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1910-1930



Elaborado pelo autor, 2024

1910 Publica, aos 12 anos, artigos na Revista do Rio Grande do Norte, uma publicação do Grêmio Polymathico, em Natal.

1918 Publica no jornal *A Imprensa*, de seu pai, o primeiro artigo de uma coluna que duraria até 1924.

1921 Publica “Alma Patrícia”, uma seleção de artigos de críticas literárias. Publica na Revista do Brasil, pertencente e editada por Monteiro Lobato o artigo *O Aboiador*.

1922 Publica nas revistas de circulação nacional como *Fon-Fon*, além da Revista do Brasil. Começa aprender inglês para ter acesso a textos sem tradução.

1923 Publica “Histórias que o tempo leva...” sobre pessoas e casos do Rio Grande do Norte. Publica “Joio: páginas de literatura e crítica”, livro de crítica literária.

1927 Publica os livros “López do Paraguay” e a antologia “Versos Reunidos” de Lourival Açucena, com introdução e notas.

1928 Inicia coluna diária *Acta Diurna* no jornal *República* e escreve poesias na Revista de Antropofagia.

1930 Publica artigos na Revista Nova. Leciona História do Brasil. Dirige o *Atheneu Norte-Rio-Grandense*.

Cascudo começa a se destacar desde muito cedo. Aos 12 anos, ele já demonstrava talento, contribuindo com seu primeiro artigo para a Revista do Rio Grande do Norte, um sinal claro de sua precoce habilidade para a escrita e sua inclinação intelectual.

Como jornalista, atuou a partir de 1918 no jornal de seu pai, *A Imprensa*, onde mantinha uma coluna chamada de *Bric-A-Brac* em que escrevia sobre a cena cultural de Natal. Essa coluna mudou-se depois para o jornal *A República*. Com o tempo, seus artigos e resenhas se espalharam por colunas em todos os jornais de Natal, eram elas chamadas *Acta Diurna*, *A República* e *Diário de Natal*. Esta última foi mantida quase diariamente de 1939 a 1952 e de 1959 a 1960, numa totalidade de 1.848 artigos. Uma dessas colunas foi publicada paralelamente em Natal e no *Diário de Pernambuco* por muitos anos. Muitos de seus artigos, aliás, eram republicados em outros jornais das capitais do Nordeste e do resto do Brasil. Essas publicações em jornais foram diversificadas tanto em temas quanto em quantidade. Além disso, muitos temas abordados primeiro em seus artigos de jornal acabaram se transformando em livros, depois. (Gico, 1996). Embora seus livros fossem mais inacessíveis quanto às referências e à linguagem, seus artigos e ensaios em jornais eram muito mais informais no uso da linguagem e mesmo quando às vezes quase enveredavam pela crônica, demonstravam grande erudição e eram muito instrutivos. (Costa, 1969, p.23-25)

Até aqui falou-se bastante sobre as incursões políticas de Câmara Cascudo, talvez até de maneira desproporcional à superficialidade de sua atuação. Em 1921 o autor lança o seu primeiro livro “Alma Patrícia”, reunindo o que de melhor ele havia publicado em

matéria de crítica literária nos jornais de Natal até aquele ponto, o título escolhido para a seleção é revelador quanto às inclinações do rapaz de vinte e três anos até aquele momento. "Alma" refere-se à parte espiritual ou imaterial de uma pessoa, enquanto "patrícia" pode se referir a uma pessoa que pertence ou é associada à nobreza ou aristocracia. No título que nos soa lusitano, o autor escolhe dezenove autores de Natal que ele considera os melhores renovadores da literatura local. São todos nomes que ainda não estavam no "panteão" literário, mas que ele considera os melhores em poesia e prosa. Foi um livro que circulou somente em Natal, mesmo que o autor tenha o remetido para alguns amigos de fora. No livro, o autor não assume o papel de um crítico técnico e profissional, talvez lhe faltasse até mesmo os rudimentos para isso, mas revela-se como um leitor sensível e culto.

O autor até mesmo introduz o livro trazendo uma série de epígrafes sobre a importância da crítica literária como um recurso fundamental da literatura. Para Cascudo (1998), não pode haver literatura sem haver a crítica literária. Portanto, desde a juventude, ele tem a percepção de que a cultura, embora universalizada, só pode ser experimentada de maneira genuína em um contexto regional. Não parece ser uma noção única dele. Francisco Brennand (2011), o artista pernambucano mais ou menos contemporâneo a ele, diz em depoimento e em entrevistas, como somente a vida na pólis, na pequena pólis, aliás, é que faz sentido. O dramaturgo e professor, também pernambucano, Ariano Suassuna talvez seja o ícone dessa postura.

Parece haver uma noção comum há alguns artistas e intelectuais do Nordeste no século XX de que é na vida na pólis, encontra-se uma autenticidade cultural que se perde em ambientes mais amplos. É nas interações diárias, nas tradições locais e nos laços comunitários que a verdadeira essência da cultura é preservada. A intimidade do ambiente permite que as pessoas se conectem de maneira mais profunda com suas raízes, tradições e identidade compartilhada. Além disso, a proximidade entre os habitantes facilita a troca constante de ideias e experiências, criando um caldeirão cultural único e dinâmico. Assim, enquanto a cultura pode ser disseminada globalmente, é nas pequenas pólis que ela floresce com autenticidade e originalidade, enriquecendo a vida de seus habitantes de maneiras profundas e significativas.

Essa visão, chamada pejorativamente de provinciana, estava incutida em Cascudo mesmo antes dele se dobrar a cultura popular. De maneira que nós concluímos que não

pode ter sido a cultura popular quem o levou a essa interpretação, mas sim que ele levou essa noção quando chegou até a cultura popular.

Em 1921, no centenário do livro, Eulalia Duarte Barros, professora e membro da academia de letras do Rio Grande do Norte, lançou uma edição fac-símil de "Alma Patrícia", com autorização e apoio do Instituto Ludovicus. Assim, mesmo após cem anos do livro de estreia do jovem Câmara Cascudo, sua obra continua a ser relevante regionalmente.

Ao longo dos anos 1920, sua escrita abraçou uma variedade de temas, desde críticas literárias até explorações históricas e antropológicas específicas do Rio Grande do Norte. O ano de 1922 marcou um ponto de inflexão significativo, quando Cascudo expandiu sua influência nacionalmente, contribuindo para revistas de ampla circulação como Fon-Fon e Revista do Brasil. Essa difusão em escala nacional era especialmente desafiadora numa época em que havia escassos periódicos de alcance nacional, se é que existiam, e a internet ainda não estava disponível.

Além disso, a decisão de aprender inglês para acessar textos não traduzidos reflete sua curiosidade intelectual e seu desejo incessante de conhecimento, transcendendo as barreiras linguísticas.

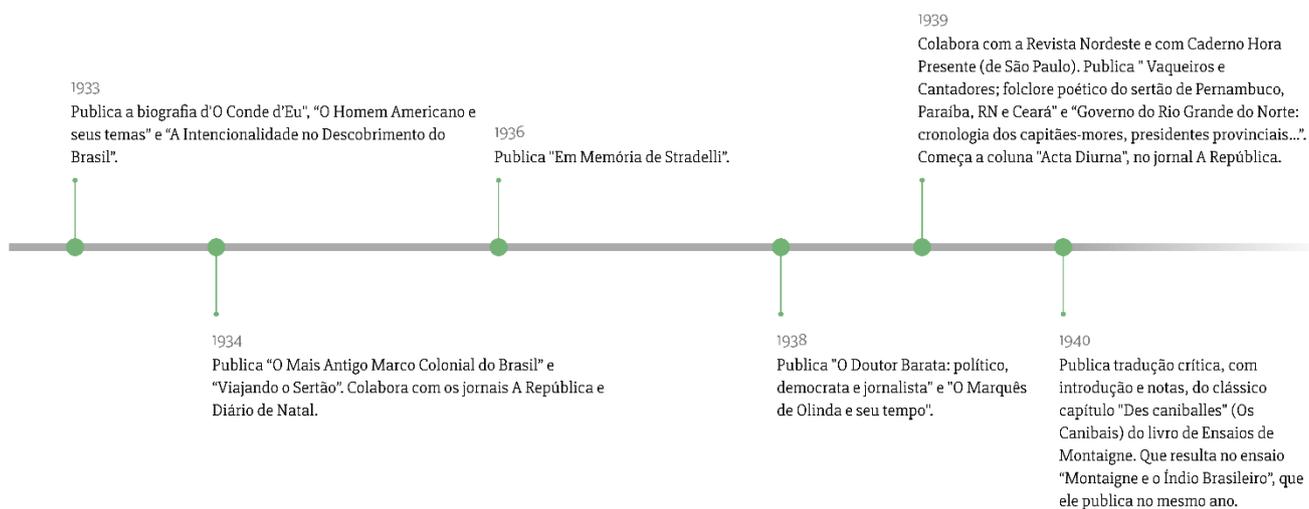
Não se limitando apenas ao mundo das palavras impressas, Cascudo também desempenhou papéis ativos como educador, lecionando História do Brasil, e como diretor do Atheneu Norte-Rio-Grandense, evidenciando seu comprometimento com a educação e sua influência nas esferas acadêmicas.

Em 1928 realiza uma expedição à Praia dos Touros, no Rio Grande do Norte, e publica o relato na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Escreve também poesias para a *Revista de Antropofagia*. (Mamede, 1970).

Sua incursão na Revista de Antropofagia em 1928 mostra interesse nas vanguardas artísticas e intelectuais da época, ilustra sua mente aberta para diversas correntes de pensamento e sua disposição para explorar novos territórios intelectuais.

5.2.2 Linha do tempo Bibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1931-1940

Figura 9 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1931-1940



Elaborado pelo autor, 2024

1933 Publica a biografia d'O Conde d'Eu", e "O Homem Americano e seus temas" e "A Intencionalidade no Descobrimento do Brasil".

1934 Publica "O Mais Antigo Marco Colonial do Brasil" e "Viajando o Sertão". Colabora com os jornais A República e Diário de Natal.

1936 Publica a biografia "Em Memória de Stradelli".

1938 Publica as biografias "O Doutor Barata: político, democrata e jornalista" e "O Marquês de Olinda e seu tempo".

1939 Colabora com a Revista Nordeste e com Caderno Hora Presente (de São Paulo). Publica "Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará" e "Governo do Rio Grande do Norte: cronologia dos capitães-mores, presidentes provinciais...". Começa a coluna "Acta Diurna", no jornal A República.

1940 Publica tradução crítica, com introdução e notas, do clássico capítulo "Des canibales" (Os Canibais) do livro de Ensaios de Montaigne. Que resulta no ensaio "Montaigne e o Índio Brasileiro", que ele publica no mesmo ano.

A partir destes fragmentos de informação é possível perceber que, apesar de Cascudo não ser particularmente conhecido por isso, ele se mostrou preocupado em compor biografias, traçar perfis e memórias. Ao publicar biografias de figuras proeminentes como "O Conde d'Eu", o Marquês de Olinda e "O Doutor Barata", ele não apenas falou de pessoas, mas também contou partes da história do país.

Durante esta década e na seguinte, observa-se o gradual envolvimento de Cascudo com a cultura popular. Ele começa a entrelaçar a biografia do príncipe consorte do Brasil, o "Conde d'Eu", com estudos e publicações sobre temas como "O Mais Antigo Marco Colonial do Brasil", especificamente o Marco de Touros, que ele havia visitado anteriormente com Mário de Andrade. Além disso, aborda questões como "O Homem Americano e seus temas", "A Intencionalidade no Descobrimento do Brasil", "Viajando o Sertão", "Vaqueiros e Cantadores" e realiza a tradução crítica de "*Des cannibales*" de Montaigne. Na década seguinte, com títulos como "Geografia dos mitos brasileiros" o autor avança para o que virá a ser posteriormente uma terceira etapa dessa discussão, explorando a cultura resultante da interação entre as culturas trazidas para cá e as culturas locais. Assim, a tese recorrentemente enfatizada por Câmara Cascudo de que foi a cultura erudita que o conduziu à cultura popular, e não o contrário, torna-se evidente pela análise progressiva de seus livros e das datas de suas publicações.

O tema da identidade nacional parece ter sido a tônica dos debates no século passado. Enquanto a Europa se despia das suas identidades nacionais e abraçava uma identidade europeia talvez só experimentada pelos judeus de lá até então, nós brasileiros íamos na direção oposta. Ou talvez, na mesma direção, mas séculos depois, discutindo e determinando o que nos tornava brasileiros culturalmente, geneticamente, geograficamente... Autores como Darcy Ribeiro, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, que são os autores com quem Cascudo pode ser mais facilmente comparados, todos se dedicaram a essa discussão o século XX inteiro.

Dentre todos eles, foi Câmara Cascudo quem mais contribuiu com publicações em jornais. Nesta década, sua dedicação ao jornalismo torna-se evidente, conforme ele colabora com periódicos como "A República" e "Diário de Natal", além de inaugurar a coluna "Acta Diurna". Essa constância revela seu compromisso quase ininterrupto com essa forma de expressão. O jornalismo, neste contexto, representava não apenas um meio adequado para participar dos debates públicos no Brasil do século passado, mas também uma via de acesso à literatura para aqueles sem formação especializada, permitindo que mesmo os espectadores se envolvessem nas discussões.

Cascudo iniciou sua carreira jornalística no periódico "A Imprensa", uma propriedade de seu pai, o Coronel Francisco Cascudo. A coluna inaugural, intitulada Bric-à-Brac, uma locução francesa que remete a um conjunto de objetos antigos à venda, simboliza um depósito que tanto pode abrigar itens novos quanto velhos. O jornal, estabelecido no ano de 1914, manteve suas operações até o ano de 1927, sendo integralmente financiado pelo Coronel Cascudo.

Posteriormente, Câmara Cascudo contribuiu para "A República", reconhecido como um dos principais periódicos do Estado do Rio Grande do Norte na época. Durante sua colaboração com este jornal, Cascudo instituiu três colunas distintas: Biblion, Biblioteca e Acta Diurna. A coluna Biblion, inaugurada em julho de 1928, oferecia resenhas de livros recebidos de autores locais e de outras regiões, embora tenha sido interrompida na década de 1930 e retomada no último trimestre de 1933. A nós, nos parece uma coluna meio política pela sua natureza de resenhar livros recebidos. A coluna Biblioteca, de natureza similar à Biblion quanto ao conteúdo, foi lançada em maio de 1939 e continuou a ser publicada diariamente até setembro do mesmo ano. A diferença entre a Biblion e a Biblioteca é que a segunda trata de livros sem o recorte de tratar somente de

livros recebidos. A coluna *Acta Diurna* foi lançada em maio de 1939 e manteve uma publicação diária ininterrupta até o ano de 1960, acumulando um total de 1.848 artigos que abordavam uma diversidade de temas. Esses artigos não foram restritos a um único periódico; inicialmente, eles apareceram em "A República" de 1939 até 1946. Posteriormente, de 1947 a 1952, a publicação foi assumida pelo "Diário de Natal". Após uma pausa temporária entre 1953 e 1958, durante a qual a coluna foi suspensa, "A República" retomou a publicação da *Acta Diurna* nos anos de 1959 e 1960. Esta sequência cronológica destaca a longevidade e a relevância da coluna no panorama jornalístico da época.

Acta Diurna faz uma referência a uma publicação homônima do Império Romano, que serviu como protótipo para os Diários Oficiais atuais. No Império Romano, a *Acta Diurna* era responsável por publicar diariamente os acontecimentos políticos, jurídicos e religiosos do Império. Essas informações eram fixadas em tábuas e afixadas em um dos prédios do Fórum, nos limites da cidade, onde podiam ser lidas por todos os interessados. (Britannica, 1993). Hoje, seguindo princípio parecido, os diários oficiais são publicados online com o mesmo propósito. Ao se ler os trabalhos de Cascudo, percebe-se claramente que ele valoriza a herança do passado e acreditava que toda civilização possui uma enorme dívida com aqueles que vieram antes, pois são as criações e descobertas do passado que são usadas, adaptadas e aperfeiçoadas pelo presente, nunca o contrário.

Esse senso de continuidade com o passado permeia toda a obra de Câmara Cascudo, conferindo maior profundidade até mesmo às coisas mais simples do cotidiano quando vistas em sua perspectiva. Ele demonstra como a história e a cultura são intrinsecamente entrelaçadas, e como compreender e valorizar nossas origens e tradições nos permite enriquecer nossa visão do mundo e entender melhor nossa própria identidade e lugar na história.

Além de ter publicado em livros os relatos de suas viagens, publicou seus próprios romances, assim como uma antologia de poesias publicadas de maneira espaçada na imprensa e de crítica literária. Também publicou uma coleção significativa de folhetos (ora chamados *opúsculos*, ora chamados *plaquetes*), caracterizando-se principalmente por ideias e pesquisas inacabadas, *estórias* da tradição popular publicadas isoladamente, pequenas biografias e temas do gênero. E, é claro, seus artigos em revistas

especializadas, discursos, conferências e prefácios. Suas colaborações para livros individuais de outros autores e para obras coletivas. Há as edições anotadas, as resenhas e, por fim, os livros inéditos, formando um universo de publicações (Mamede, 1970).

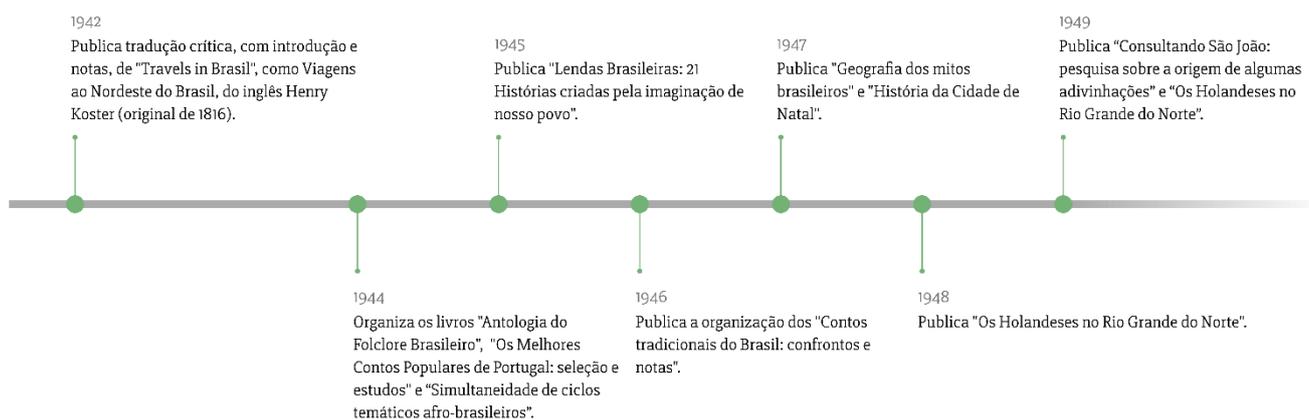
Além disso, características fundamentais, como sua predileção pelo ensaio, a já mencionada síntese da cultura europeia com a cultura local, e o apreço pela análise crítica, tornam-se claras na tradução crítica do ensaio "*Des cannibales*" de Montaigne, que culminou em seu próprio ensaio intitulado "Montaigne e o Índio Brasileiro". Essa obra não apenas revela seu interesse pelas traduções, mas também seu interesse em interpretar questões culturais complexas.

Cascudo foi profundamente influenciado pelo filósofo Montaigne. Para este autor, o gênero ensaístico, praticamente criado por ele, era fundamental para as ciências humanas e sociais. Para Medeiros (2014), isso permitia uma abordagem metódica de um tema, sem a rigidez mecânica do gênero literário científico tradicional. Através do ensaio, era possível utilizar as ferramentas refinadas da boa literatura para realizar ciência. Além disso, era aberta a possibilidade de explorar teorias sem a necessidade de chegar a uma conclusão definitiva, já que as fontes que fundamentam a questão muitas vezes não permitem conclusões definitivas. Cascudo foi leitor de Montaigne, como demonstram as referências a ele, e seu tradutor também para o português.

Em suma, a análise deste fragmento bibliográfico revela não apenas seu interesse em compor biografias e documentar a história do país por meio de figuras notáveis, mas também seu comprometimento duradouro com o jornalismo como veículo essencial para participar dos debates públicos.

5.2.3 Linha do tempo Bibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1941-1950

Figura 10 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1941-1950



Elaborado pelo autor, 2024

1942 Publica tradução crítica, com introdução e notas, de "*Travels in Brasil*", como Viagens ao Nordeste do Brasil, do inglês Henry Koster (original de 1816).

1944 Organiza os livros "Antologia do Folclore Brasileiro", "Os Melhores Contos Populares de Portugal: seleção e estudos" e "Simultaneidade de ciclos temáticos afro-brasileiros".

1945 Publica "Lendas Brasileiras: 21 Histórias criadas pela imaginação de nosso povo".

1946 Publica a organização dos "Contos tradicionais do Brasil: confrontos e notas".

1947 Publica "Geografia dos mitos brasileiros" e "História da Cidade de Natal".

1948 Publica "Os Holandeses no Rio Grande do Norte".

1949 Publica "Consultando São João: pesquisa sobre a origem de algumas adivinhações" e "Os Holandeses no Rio Grande do Norte".

A partir desses dados é possível inferir que durante a década de 1940, Cascudo parecia estar cheio de vigor. Seu trabalho de tradução crítica do livro "*Travels in Brasil*" de Henry Koster para "Viagens ao Nordeste do Brasil", ilustra seu contínuo desejo de facilitar o intercâmbio cultural, introduzindo obras estrangeiras pertinentes ao público brasileiro.

Além disso, Cascudo desempenhou um papel como organizador literário, montando antologias como "Antologia do Folclore Brasileiro" e "Os Melhores Contos Populares de Portugal", destacando seu compromisso em preservar e compartilhar tradições populares tanto do Brasil quanto de outras culturas ligadas.

Aqui se percebe uma maior continuidade com a cena anterior de análise da cultura popular, especialmente Sílvia Romero, que adorava colher e compilar. Parece haver nessa década um esforço no sentido de fundamentar um conhecimento ainda meio insipiente.

Sua obra "Lendas Brasileiras: 21 histórias criadas pela imaginação de nosso povo" parece refletir seu interesse contínuo no folclore brasileiro, explorando histórias que emergem da imaginação popular e que são fundamentais para a identidade cultural do país.

Cascudo também se dedicou à pesquisa histórica e etnográfica (antropológica), como indicam suas publicações sobre mitologia brasileira em "Geografia dos mitos brasileiros". Sua obra "Consultando São João: pesquisa sobre a origem de algumas adivinhações" demonstra seu comprometimento em investigar as raízes e origens das tradições populares, revelando sua vontade de compreender profundamente as práticas culturais e religiosas do povo brasileiro.

Além de suas contribuições para a compreensão da história local através de "História da Cidade de Natal" e "Os Holandeses no Rio Grande do Norte". Em resumo, a década de 1940 na vida de Cascudo evidencia não apenas sua erudição e dedicação como tradutor, organizador literário e pesquisador, mas também seu interesse em preservar e compartilhar herança cultural brasileira, tanto dentro quanto fora das fronteiras do país.

Quanto ao livro mais relevante da década, para nós, "Geografia dos mitos brasileiros", talvez caiba uma comparação com o livro do filósofo francês Jean-Pierre Vernant (2005), "O Universo. Os Deuses. Os Homens" [gregos], sobre os mitos gregos. Uma comparação não quanto a estrutura do livro, ambos bastante diferentes, mas quanto ao propósito. Embora os mitos gregos hoje só vivam em museus ou como figuras literárias ocidentais, já foram narrativas transmitidas oralmente por uma sociedade que os vivenciava. "O Universo. Os Deuses. Os Homens", de Vernant (2005), teve sua origem quando seu neto, Julien, pediu que ele contasse algumas histórias para dormir. Isso levou o filósofo a perceber a dificuldade de contar oralmente narrativas que, quando publicadas, se desdobravam em centenas de páginas repletas de reflexões filosóficas, analogias e confrontos arqueológicos.

O relato oral original deveria ser muito mais sucinto. A experiência de narrar os mitos variava conforme o tempo disponível, a memória do narrador, a atenção do ouvinte e os pontos que o contador desejava enfatizar. Foi essa experiência que fez Vernant perceber que contar o mito o fortalecia mais do que escrevê-lo ou lê-lo. O mito passa então a ser lembrado no momento de tomar decisões diárias. Enquanto uma tradição oral composta de lendas permanecer viva e em contato com os modos de pensamento e costumes do grupo, ela estará aberta à inovação. A estatura do mito é diferente. Ele não resulta da invenção individual ou da fantasia criativa, mas sim da transmissão e da memória.

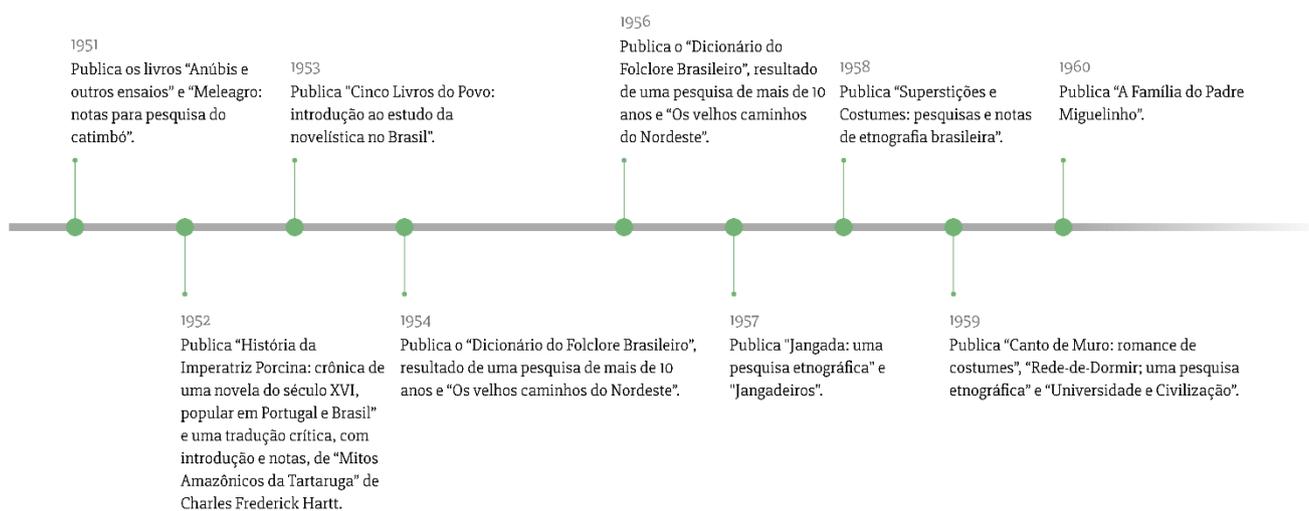
Esse vínculo íntimo e funcional com a memorização aproxima o mito da poesia. Vernant (2005), aliás, começa o seu livro com a tradicional pergunta: "O que é um mito?". Para ele, o mito é um relato. Mito e mitologia são palavras gregas relacionadas à História e a certos traços da civilização. Para compreender as lendas helênicas, é necessário compará-las com outras narrativas de diferentes povos, culturas e épocas.

Portanto, quando Vernant (2005) publica o seu livro, o faz com a intenção de reaproximar o povo europeu do espírito primitivo que os levava a contar os seus mitos.

Os rerepresentando como um relato oral, sucinto e forte. Cascudo (2015) quando publica o seu “Geografia dos mitos brasileiros” o publica no sentido de apresentar às regiões do Brasil os mitos de outras regiões, aos acadêmicos e literatos nacionais uma nova fonte de referências, muito mais apelativa pela sua origem e difusão já estabelecida localmente entre o povo do que as lendas gregas por exemplo. Assombrações do Recife velho, publicado por Gilberto Freyre em 1974, por exemplo, parece ter um propósito semelhante regionalmente.

5.2.4 Linha do tempo Bibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1951-1960

Figura 11 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1951-1960



Elaborado pelo autor, 2024

- 1951** Publica os livros “Anúbis e outros ensaios” e “Meleagro: notas para pesquisa do catimbó”.
- 1952** Publica “História da Imperatriz Porcina: crônica de uma novela do século XVI, popular em Portugal e Brasil” e uma tradução crítica, com introdução e notas, de “Mitos Amazônicos da Tartaruga” de Charles Frederick Hartt.
- 1953** Publica "Cinco Livros do Povo: introdução ao estudo da novelística no Brasil".
- 1954** Publica o “Dicionário do Folclore Brasileiro”, resultado de uma pesquisa de mais de 10 anos e “Os velhos caminhos do Nordeste”.
- 1956** Publica “Geografia do Brasil Holandês” e “Tradições Populares da Pecuária Nordestina”.
- 1957** Publica "Jangada: uma pesquisa etnográfica" e "Jangadeiros".
- 1958** Publica “Superstições e Costumes: pesquisas e notas de etnografia brasileira”.
- 1959** Publica “Canto de Muro: romance de costumes”, “Rede-de-Dormir; uma pesquisa etnográfica” e “Universidade e Civilização”.
- 1960** Publica “A Família do Padre Miguelinho”.

Nesse recorte, que vai de 1951 a 1960, seus escritos abrangeram uma vasta gama de temas, desde ensaios sobre mitologia e folclore até pesquisas detalhadas sobre novelas e tradições populares. Um marco relevante foi o lançamento do "Dicionário do Folclore Brasileiro" em 1954, resultado de quinze anos de pesquisa. Inicialmente, o projeto era para uma extensa História do Brasil, que foi abandonada; posteriormente, o diretor do Instituto Nacional do Livro, Augusto Meyer, propôs, em 1943, a elaboração de um Dicionário de Folclore. Em uma nota na primeira edição do livro, Cascudo recorda que a ideia para o Dicionário surgiu em 1941, como parte de um plano para "dez anos de trabalho sereno, sem pressa e sem descanso". Foi mais ou menos o que acabou acontecendo (Carvalho, 2013).

Para Albuquerque Júnior (2015) a obra sintetiza a contribuição de Câmara Cascudo à cultura nacional. Esta obra se tornou tão representativa que passou a personificar o próprio autor, refletindo seus esforços em compilar e organizar informações sobre o folclore brasileiro. O dicionário não apenas reflete a vida e o trabalho de Cascudo, mas também sua visão da identidade nacional brasileira. Ao tornar-se uma espécie de metonímia da obra e da vida de Cascudo, o Dicionário revela aspectos cruciais de sua trajetória como autor e de sua interpretação da identidade nacional. A elaboração deste dicionário não apenas eterniza a contribuição de Cascudo para a cultura brasileira, mas também consolida uma imagem da nação e sua cultura. O fato de Cascudo ser mais lembrado por esta obra, um dicionário, é significativo, refletindo não apenas suas escolhas como autor, mas também a evolução histórica deste gênero textual. A adaptação das técnicas lexicográficas para compilar o folclore brasileiro destaca a complexidade deste trabalho, que vai além da mera definição de palavras, abrangendo

práticas culturais e suas significações sociais e contextuais. É uma expressão profunda de sua visão nacionalista e conservadora. Para Albuquerque Júnior (2015) apesar dos esforços de Cascudo, sua abordagem provinciana resulta em uma representação fragmentada do Brasil, dividido em múltiplos territórios culturais. Embora reconheça as limitações de sua obra, Cascudo destaca sua importância como um guia inicial, convidando contribuições futuras para expandir e enriquecer essa representação diversificada da cultura folclórica brasileira.

Essa crítica parece bastante fundamentada. É comum encontrar nos livros de Cascudo uma falta de linearidade e uma ausência de uma tese central claramente delimitada. Em vez disso, suas obras frequentemente apresentam um acúmulo de informações sobre um mesmo tema, que se organizam mais na mente do leitor do que na estrutura textual em si. O mesmo acontece com obras como o Dicionário, que por sua própria estrutura não pode ser linear, mas também com "História da Alimentação do Brasil", "Civilização e Cultura" e "História dos Nossos Gestos", por exemplo. Essa característica pode ser atribuída ao fato de Cascudo se considerar um pesquisador independente, não vinculado a nenhuma corrente de pensamento específica. Embora seus textos tragam descobertas e informações valiosas, o autor não as utiliza para justificar uma tese abrangente que permeie toda a sua obra ou siga uma determinada linha de pensamento.

É importante notar ainda que, embora o título contenha a palavra "dicionário", a obra não segue ortodoxamente a estrutura tradicional de um dicionário, com definições de palavras. Em vez disso, Cascudo explora as práticas culturais do folclore, apresentando uma ampla gama de tradições brasileiras aos leitores.

A primeira edição do livro foi prefaciada pelo então ministro da educação, Antônio Balbino, em nome do Governo Federal, que também editou a obra. Desde sua primeira edição em 1954, passou por 12 reedições. Cada edição apresenta modificações, tornando-se uma nova configuração textual. Por exemplo, a 11ª edição, publicada em 2002, foi abreviada, enquanto a segunda edição, de 1959, foi consideravelmente ampliada em cerca de 200 verbetes e incluiu ilustrações. Ao longo das edições subsequentes, novos verbetes foram incorporados e outros atualizados devido ao acréscimo de material proveniente de várias regiões do Brasil. A oitava edição, de 2000, inclui notas da professora Laura Della Monica, colaboradora de Cascudo desde 1951. Após sua morte, em 2001, seus parentes supervisionaram a décima segunda edição,

lançada em 2012, que retorna ao texto da quarta edição de 1979, atendendo ao desejo da família de preservar a obra conforme concebida pelo autor (Carvalho, 2013).

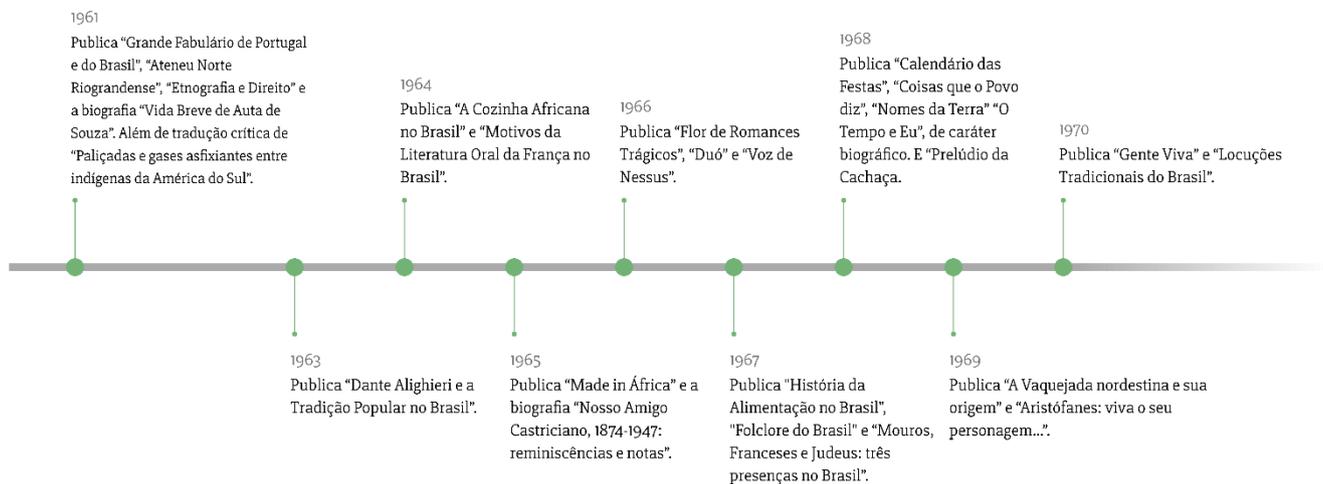
A década começa com Cascudo publicando livros sobre magia, “Anúbis” e “Meleagro”. Sua tradução crítica de “Mitos Amazônicos da Tartaruga” de Charles Frederick Hartt demonstra uma aproximação com as culturas indígenas. Como já está claro, Cascudo demonstrou um interesse particular na cultura nordestina, como evidenciado em obras como "Os velhos caminhos do Nordeste" e "Tradições Populares da Pecuária Nordestina". Sua abordagem não se limitou apenas à escrita acadêmica; ele mergulhou nas comunidades que estudava, como evidenciado em trabalhos de pesquisa de campo como "Jangada: uma pesquisa etnográfica" e "Rede-de-Dormir; uma pesquisa etnográfica".

Além de suas incursões acadêmicas, Cascudo também se aventurou na literatura com "Canto de Muro: romance de costumes", mostrando sua habilidade em, não apenas analisar, mas também criar narrativas baseadas nas tradições e costumes que estudava. Muro aqui tem o sentido de quintal; portanto *canto de quintal*. Nesse livro animais de pequeno porte que frequentavam quintais suburbanos como ratos, cobras, escorpiões, morcegos se envolvem numa espécie de saga épica em busca de uma coruja chamada Sofia (tanto o bicho como o nome têm a ideia de conhecimento). Esse parece ter sido o costume na época. Gilberto Freyre, por exemplo, publicou dois romances “Dona Sinhá” e “Filho Padre” que versavam sobre os temas de suas pesquisas.

Este período também testemunhou seu interesse na interseção entre educação e cultura, conforme refletido em sua obra "Universidade e Civilização", que será discutida melhor logo adiante. Ele reconheceu a importância crucial da academia na preservação e disseminação do conhecimento cultural, destacando o papel fundamental da educação na construção da identidade cultural.

5.2.5 Linha do tempo Bibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1961-1970

Figura 12 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1961-1970



Elaborado pelo autor, 2024

1961 Publica com o autor português Vieira de Almeida o “Grande Fabulário de Portugal e do Brasil”. Publica “Ateneu Norte Riograndense”, “Etnografia e Direito” e a biografia “Vida Breve de Auta de Souza, 1876-1901”. Publica tradução crítica, com introdução e notas, de “Paliçadas e gases asfixiantes entre indígenas da América do Sul” de Erland Nordenskiöld.

1963 Publica “Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil”.

1964 Publica “A Cozinha Africana no Brasil” e “Motivos da Literatura Oral da França no Brasil”.

1965 Publica “*Made in África*” e a biografia “Nosso Amigo Castriciano, 1874-1947: reminiscências e notas”.

1966 Publica “Flor de Romances Trágicos”, “Duó” e “Voz de Nessus”.

1967 Publica “História da Alimentação no Brasil”, “Folclore do Brasil” e “Mouros, Franceses e Judeus: três presenças no Brasil”, o primeiro é com certeza um clássico da antropologia brasileira.

1968 Publica “Pequeno Manual do Doente Aprendiz”, “Calendário das Festas”, “Coisas que o Povo diz”, “Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte” “O Tempo e Eu: confidências e proposições”, de caráter biográfico. E “Prelúdio da Cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente do Brasil.

1969 Publica “A Vaquejada nordestina e sua origem” e “Aristófares: viva o seu personagem...”.

1970 Publica “Gente Viva” e “Locuções Tradicionais do Brasil”.

No decurso da década de 1960, Cascudo publica em colaboração com o autor português Vieira de Almeida o “Grande Fabulário de Portugal e do Brasil”. Outros livros como “Motivos da literatura oral da França no Brasil”, “Mouros, Franceses e Judeus” e “Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil”. Deixam mais clara a sua constante afirmação de que a alta cultura europeia penetrou profundamente a cultura popular brasileira.

No entanto esta é sem dúvidas a década mais africanista de Cascudo. Em 1963, atendendo a uma solicitação de Assis Chateaubriand, conhecido jornalista e empresário brasileiro, Luís da Câmara Cascudo empreendeu uma expedição à África com o propósito de investigar os padrões alimentares nas regiões historicamente associadas ao tráfico transatlântico de escravos para o Brasil. Esta expedição, que se estendeu por aproximadamente três meses, abarcou cerca de 20 mil quilômetros pelo continente africano, com ênfase nas comunidades bantas, ou seja; um conjunto de povos que habitavam a África Central nas regiões que hoje compreendem Angola, Congo, Gabão e Cabinda.

Como resultado dessa empreitada, Cascudo produziu algumas de suas obras mais relevantes, como: “*Made in África*”, “História da Alimentação no Brasil” e “A Cozinha Africana no Brasil”.

"Made in África", por exemplo, compreende uma coleção de 28 artigos, além de um apêndice contendo uma pesquisa conduzida por Oscar Ribas sobre o cafuné em Angola. Os artigos abordam uma variedade de temas que exploram as interconexões entre o continente africano e o Brasil. Cascudo (2015), ao introduzir a obra, esclarece que esta não se configura como um relato de viagem convencional, mas sim como uma exploração embasada em informações previamente estudadas. Ao longo dos artigos, o autor examina hábitos alimentares, música, dança e outras manifestações culturais, muitas vezes dialogando com fontes diversas, como médicos, sociólogos, embaixadores e linguistas.

Uma demonstração marcante desse rigor metodológico é evidenciada no artigo dedicado ao "Cafuné". Apesar de Cascudo já ter conduzido uma pesquisa abrangente sobre o tema para o "Dicionário do Folclore Brasileiro", ele busca fontes adicionais para reforçar sua tese de que o hábito do cafuné no Brasil tem suas origens em Angola. Essa abordagem inclui uma análise detalhada da etimologia da palavra, consultas a etnógrafos e especialistas em linguística, como o embaixador brasileiro na Índia e um professor da Universidade de Nova Delhi. Essa prática de buscar constantemente novas informações e perspectivas sobre a origem de determinados aspectos culturais é uma característica recorrente em todos os artigos da obra.

Além da análise etnográfica detalhada, *Made in África* também se destaca pela construção que Cascudo estabelece entre o Brasil e a África. O autor enfatiza as semelhanças entre os dois contextos, frequentemente recorrendo a narrativas de estrangeiros que visitaram o Brasil durante o período imperial e o descreviam como uma "mini-África". A obra de Cascudo busca estabelecer conexões profundas entre os dois continentes, destacando pontos de convergência nas áreas de música, religião e vestimenta.

Cascudo parece ter uma predileção numérica por conexões brasileiras com a Europa, a África e as culturas nativas brasileiras. Nessa ordem. A publicação da tradução crítica de "Paliçadas e gases asfixiantes entre indígenas da América do Sul" de Erland Nordenskiöld, no entanto, como outras traduções e trabalhos originais, revelam que esse foi uma preocupação constante de Cascudo em todas as décadas.

O interesse de Cascudo nas nuances culturais regionais do Brasil também é evidente em seu estudo sobre festividades locais, como apresentado em "Calendário das Festas" e "A Vaquejada nordestina e sua origem". Além disso, sua obra seminal "História da Alimentação no Brasil", discutido melhor depois, destaca-se como um clássico na antropologia brasileira, enfocando não apenas a comida, mas também a sociedade por trás dela. Em paralelo, Cascudo mergulhou em aspectos sociológicos e biográficos, como revelado em "Prelúdio da Cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente do Brasil", mostrando sua habilidade em contextualizar aspectos culturais profundamente enraizados.

Muito embora, no que diz respeito as heranças culturais do Brasil, Cascudo foque suas atenções nas heranças africanas, portuguesas e indígenas. O livro "Mouros, Franceses e Judeus: três presenças no Brasil", de Luís da Câmara Cascudo, é um estudo detalhado sobre a influência cultural desses três grupos na formação da sociedade brasileira. Publicado em 1967, o livro investiga como cada uma dessas comunidades contribuiu para a linguagem, costumes, e outros aspectos culturais do Brasil. Cascudo analisa a herança muçulmana herdada e trazida pelos colonizadores portugueses, a influência cultural francesa, especialmente visível na elite do século XIX, e a presença judaica desde a colonização, destacando o papel significativo dos judeus na economia e cultura brasileiras.

"Pequeno Manual do Doente Aprendiz" o autor redigiu quase inteiro durante uma internação. Em casa só foi feita uma boa revisão de fontes e estilo. O livro trata de curiosidades a respeito de doenças, formas de tratamento, costumes e superstições envolvendo o tema na história.

Entre os livros menos conhecidos, podemos mencionar "Flor de Romances Trágicos", publicado em 1966, explora a presença e a influência dos cancioneros épicos e trágico-amorosos medievais na cultura brasileira. Cascudo investiga como essas narrativas, profundamente enraizadas na tradição ibérica, refletem temas universais como amor, perda e violência ao longo de mais de dois séculos, analisando também suas repercussões na literatura de cordel, um veículo de sabedoria popular e de resistência cultural. Através de uma metodologia que mescla rigor científico e sensibilidade poética, a obra não só preserva, mas também revela as complexas interações entre

literatura, sociedade e história, destacando o papel dos romances trágicos como espelhos das preocupações e valores sociais brasileiros.

Não se limitando à palavra escrita, Cascudo também dedicou esforços à preservação da riqueza linguística do Brasil em "Locuções Tradicionais do Brasil". Este trabalho destaca seu papel fundamental na documentação da cultura oral brasileira, garantindo a preservação de expressões e linguagens que são essenciais para a identidade cultural do país.

5.2.6 Linha do tempo Bibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1971-1986

Figura 13 — Linha do tempo Bibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1971-1986



Elaborado pelo autor, 2024

- 1971** Publica “Ensaio de Etnografia Brasileira”, “Na Ronda do Tempo: diário de 1969” de caráter biográfico, “Sociologia do Açúcar: pesquisa e dedução” e “Tradição, Ciência do Povo”.
- 1972** Publica “Ontem: maginações e notas de um professor de província”.
- 1973** Publica “Civilização e Cultura: pesquisas e notas de etnografia geral” e “Movimento da Independência no Rio Grande do Norte”.
- 1974** Publica “Religião no Povo” e “Prelúdio e Fuga do Real”. Começa a publicação de uma série de livros de caráter personalista batizada como “O Livro das Velhas Figuras”.
- 1975** Publica “Folclore”.
- 1976** Publica a obra “História dos Nossos Gestos: uma pesquisa da mímica no Brasil” e “Mitos Brasileiros”.
- 1977** Publica a “Antologia da alimentação no Brasil”, “Três Ensaio Franceses” e a biografia “O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil (1815-1817)”.
- 1978** Publica “Literatura Oral no Brasil”, “Breve História do Palácio Potengi”, “Mouros e judeus na tradição popular do Brasil” e a tradução de *Contes traditionnels du Brésil* [Contos Tradicionais do Brasil] de Bernard Alléguéde.
- 1980** Publica “Mossoró, Região e Cidade”.
- 1981** Publica uma versão revisada e com notas de “Os Ciganos e Cancioneiros dos Ciganos” de Mello Moraes.

Com a sua morte em 1986, eis aqui alguns livros póstumos dignos de nota, excluídos aqui versões de livros seus publicados como versões infantis ou juvenis:

- 1991** É publicado “A Família Norte-Rio-Grandense do Primeiro Bispo de Mossoró”.
- 1996** É publicado “A Cacimba do Padre em Fernando de Noronha”.
- 1997** É publicado “Os compadres corcundas e outros contos brasileiros”.
- 1998** É publicado “Notícia sobre dez municípios potiguares”, e “O Padre Longino: um tema proibido”.
- 1999** É publicado “Cidade do Natal”, e “O Outro Monteiro Lobato”.
- 2007** É publicado “No caminho do avião: notas de reportagem aérea (1922-1933)”.
- 2008** É publicado “A Casa de Cunhaú: história e genealogia”.

Na última década e meia de sua vida, Câmara Cascudo manteve uma impressionante produção intelectual. Mesmo com uma queda natural de ritmo, sua dedicação interdisciplinar é evidente. Nesta década de 1970 ele publicou coisas relevantes. Todas elas em seus temas de estimação como a etnografia (antropologia), sociologia, até sua investigação da literatura oral e da culinária brasileira.

Um marco importante foi sua série “O Livro das Velhas Figuras”, uma coleção de textos biográficos que preservou histórias de personalidades potiguares, ressaltando seu compromisso em documentar a história local. Depois da morte de Cascudo o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte iniciou a reunião e publicação de textos dispersos do autor que biografavam personalidade potiguares para continuar a coleção. Em 2009 O Livro das Velhas Figuras tinha 699 textos em 10 volumes.

Essa espécie de “mundaneio” cascudeano, enorme em suas ambições, é de muito difícil consulta por só existir em forma física. Se fosse digitalizado, talvez fosse uma fonte mais comum de consulta. Talvez isso venha a acontecer um dia quando toda a obra de Cascudo estiver em domínio público.

Na década de 1980, antes e depois de sua morte, assim como tudo o que saiu nas décadas seguintes, nada de realmente importante foi publicado. Cascudo parece ter podido publicar tudo o que quis e que ele considerasse importante em vida. Mas é interessante notar que a relevância de Cascudo persistiu através de suas publicações póstumas, que variavam desde explorar a história regional até contos brasileiros e temas sociais.

Particularmente notável foi seu trabalho na "Antologia da Alimentação no Brasil", destacando sua atenção meticulosa às práticas culinárias regionais. Além disso, seu estudo sobre gestos e mímica no Brasil em "História dos Nossos Gestos" mostrou sua capacidade de desvendar aspectos aparentemente simples, mas culturalmente ricos, da sociedade brasileira.

Em última análise, as últimas décadas de produção de Luís da Câmara Cascudo não apenas confirmaram sua versatilidade intelectual, mas também sua paixão contínua por preservar e compartilhar a riqueza da cultura brasileira. Seu legado como estudioso e guardião do patrimônio cultural permanece uma parte essencial do panorama intelectual brasileiro, continuando a inspirar gerações de estudiosos e entusiastas da cultura do Brasil.

Na Coluna “Cena Urbana”, de Vicente Serejo, (2007) O autor trata do que ele chama de injustiça percebida pelo autor em relação à exclusão de Câmara Cascudo de uma campanha e livro promovida então pelo Governo Federal intitulado "100 Brasileiros". A campanha, liderada pela Associação Brasileira de Anunciantes, utilizava uma frase de Cascudo, "O melhor do Brasil é o brasileiro", como mote principal para promover a autoestima nacional. No entanto, apesar da inspiração de Cascudo, seu nome foi omitido do projeto final, gerando frustração e indignação para o autor do texto. Ele questiona a exclusão de Cascudo entre os 100 brasileiros selecionados, argumentando que sua obra e contribuições mereciam reconhecimento, especialmente considerando seu impacto no estudo da cultura brasileira. O argumento de Serejo (2007) se torna mais forte quando

ele enumera alguns nomes mais desconhecidos ou de contribuições mais subjetivas e menores.

Para nós, esse tipo de exclusão nos cala fundo. No início de nossa pesquisa para este trabalho, buscamos imediatamente como fonte inicial de pesquisa o Dicionário Biobibliográfico de Autores Brasileiros, organizado pelo Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, localizado em Salvador, Bahia, fora do eixo Rio-São Paulo, e sob a direção de Antonio Paim, que também escreve o prefácio. Este livro lista 404 pesquisadores em ordem alfabética. Cada entrada contém uma breve biografia seguida por uma extensa bibliografia. No entanto, o fato de que na apresentação e no subtítulo se menciona que "Nosso grande projeto, contudo, consiste no Dicionário Bibliográfico, de autores de obras de filosofia, pensamento político, sociologia e antropologia" (Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 1999, p. 20) torna a exclusão de Cascudo aparentemente injustificável.

5.3 CRONOLOGIA BIOBIBLIOGRÁFICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

Nesta seção, propomos uma análise mais detalhada da trajetória de vida e obra de Luís da Câmara Cascudo, examinando de forma simultânea os eventos que marcaram sua vida pública e intelectual. A abordagem **biobibliográfica** adotada neste estudo visa oferecer uma compreensão mais aprofundada dos episódios que moldaram a trajetória deste intelectual brasileiro.

Para atender às necessidades dessa análise mais detalhada, optamos por dividir a análise em décadas, seguindo a mesma estrutura temporal adotada na linha do tempo biográfica previamente apresentada. Nessa abordagem, cada década é minuciosamente examinada, com ênfase nos eventos mais significativos que ocorreram ao longo desses períodos. Ademais, recorreremos à mesma técnica de truncamento, unindo os primeiros e últimos anos de cada década aos anos imediatamente anteriores e posteriores, a fim de proporcionar uma visão mais abrangente e contextualizada dos acontecimentos.

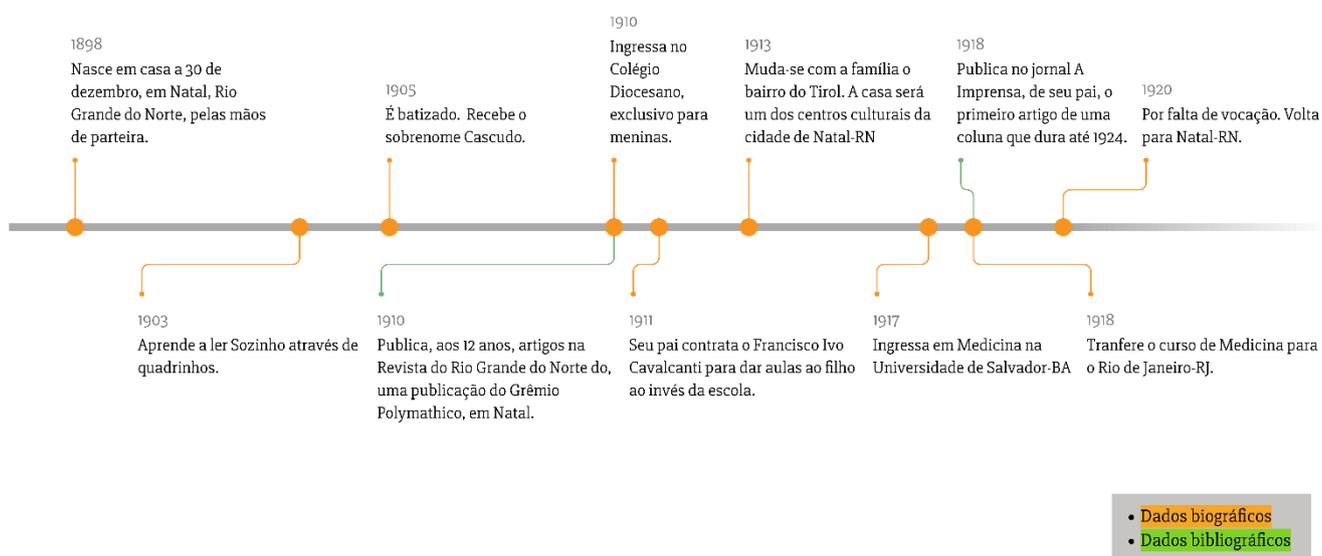
Os pontos de entrada são os mesmos das duas análises anteriores, o que pode soar repetitivo. No entanto, são as análises que diferem, já que elas tentam ser mais abrangentes e com mais contexto histórico.

As fontes primárias utilizadas para embasar esta análise incluem obras fundamentais como "Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio biobibliográfico" de Américo de Oliveira Costa (1969), que oferece uma visão abrangente da vida e obra do autor. Além disso, a correspondência entre Cascudo e Mário de Andrade, publicada por Marcos Antonio de Moraes (2010) sob o título "Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas", oferece insights valiosos sobre as interações intelectuais e pessoais entre esses dois ícones da cultura brasileira. Complementando essas fontes, o "Dicionário crítico: Câmara Cascudo", organizado pelo professor de história Marcos Silva (2003), fornece uma análise aprofundada da produção intelectual de Cascudo, contextualizando-a dentro do panorama cultural e acadêmico de sua época.

É importante destacar que, além dessas obras principais, também nos baseamos em uma variedade de artigos acadêmicos, incluindo contribuições de pesquisadores como Vasconcellos e da professora Vânia Gico, por exemplo, dentre tantos outros, cujas análises e reflexões foram cruciais para a elaboração deste estudo.

5.3.1 Linha do tempo Biobibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1898-1920

Figura 14 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1898-1920



Elaborado pelo autor, 2024

1898 Nasce em casa a 30 de dezembro, em Natal, Rio Grande do Norte, pelas mãos de parteira.

1903 Aprende a ler Sozinho através de quadrinhos.

1905 É batizado em Natal. Seu padrinho é o então Governador do Rio Grande do Norte Augusto Tavares de Lyra. É o primeiro a receber formalmente o sobrenome Cascudo, até então era uma alcunha de família.

1910 Ingressa no Colégio Diocesano Santo Antônio, atual Colégio Marista. À época era uma escola feminina.

Publica, aos 12 anos, artigos na Revista do Rio Grande do Norte, uma publicação do Grêmio Polymathico, em Natal.

1911 Seu pai, voltando de viagem, contrata o Professor Francisco Ivo Cavalcanti para dar aulas ao filho e assim tirá-lo da escola feminina.

1913 Muda-se com a família para a Mansão “Vila Amélia” no bairro do Tirol. A casa será um dos mais importantes dos centros culturais da cidade de Natal.

1917 Ingressa no curso de Medicina na Universidade de Salvador, na Bahia. Atual Universidade Federal da Bahia.

1918 Transfere o curso de Medicina da Bahia para o Rio de Janeiro. Na capital do país ele espera ter maior possibilidade de forma-se e atuar como médico pesquisador, sem sucesso.

Publica no jornal A Imprensa, de seu pai, o primeiro artigo de uma coluna que duraria até 1924.

1920 Abandona o curso de Medicina por falta de vocação e volta para Natal.

Quando Luís da Câmara Cascudo nasceu em 30 de dezembro de 1898, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, era o fim de um ano, de um século e de uma era. Nessa época, a República Brasileira já estava estabelecida desde 1889, influenciando profundamente o cenário político e social do país. O Brasil vivenciava mudanças profundas, com a recente transição de uma monarquia para uma república, o fim da escravidão e uma significativa modernização da sociedade. Esses eventos históricos tiveram um impacto marcante em sua vida, formação e carreira como pesquisador e escritor. As transformações pelo qual o país passava provavelmente influenciaram os interesses e curiosidades de Cascudo, moldando suas inclinações intelectuais e o homem em que se transformaria. O clima de renovação cultural e social da época possivelmente aguçou sua percepção para a importância das tradições populares e da cultura brasileira. O empenho de Cascudo em estudar e documentar as tradições brasileiras através de suas pesquisas e escritos pode ser visto, em parte, como uma resposta ao contexto histórico no qual ele foi criado.

Cascudo aprendeu a ler e escrever ainda na infância, tendo como principal incentivadora sua mãe, Anna Maria, uma mulher culta. Ele sempre enfatizou o papel crucial de sua mãe em seu desenvolvimento inicial como leitor e escritor. Durante uma entrevista, ele expressou que considerava sua mãe como sua primeira escola, destacando que foi ela

quem lhe ensinou as primeiras letras e despertou seu interesse pela leitura, afirmando que sem ela, não seria quem era (Casculo, 1987). Segundo Lima (1993), esse ensino precoce em casa, estimulado pela mãe, deixou um impacto duradouro em Casculo. Em sua biografia, ele menciona que, apesar do incentivo materno, o interesse pela leitura surgiu de forma muito natural para ele.

Em 22 de dezembro do mesmo ano Casculo foi batizado na Capela do Bom Jesus das Dores pelo padre João Maria. Atualmente, a igreja é conhecida como Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. Seus pais, Anna Maria e Coronel Francisco Justino de Oliveira Casculo, eram adeptos do catolicismo e decidiram batizá-lo conforme a tradição religiosa da época (Lima, 1993). Naquele período, de acordo com o Censo de 1890, cerca de 97% da população brasileira era composta por católicos (Neri, 2011). O catolicismo era a religião oficial do país e exercia uma influência marcante na cultura, nas instituições e na vida cotidiana dos brasileiros, tanto dos mais altos quanto nos mais baixos círculos sociais. A decisão de batizar Casculo dentro dessa tradição religiosa refletia a forte presença e importância do catolicismo na sociedade brasileira naquele momento histórico. No entanto, vale ressaltar como essa escolha nos parece heterodoxa, quando se nota os pequenos rituais de magia tomados em paralelo com os rituais da religião oficial. É difícil imaginar que na Irlanda do mesmo período, por exemplo, coisa semelhante pudesse acontecer tão naturalmente.

Como já discutido, a mãe de Câmara Casculo o matriculou no Colégio Diocesano Santo Antônio enquanto o pai estava em uma viagem de negócios. O plano era que, quando o Coronel Casculo voltasse, ele não achasse mais oportuno manter o menino na escola de meninas. Dona Ana Maria tinha receios de que, em um ambiente destinado a meninos, seu filho, sendo sensível e cheio de afeição materna, não se adaptasse bem. Porém, ao retornar da viagem, o Coronel Casculo prontamente retirou o menino da escola para meninas, fazendo uma concessão à mãe, permitindo que Luís fosse educado em casa, em vez de frequentar uma escola exclusivamente masculina. (Oliveira, 1999).

Aos 12 anos, quando o pequeno Luís publicou artigos na Revista do Rio Grande do Norte, uma publicação do Grêmio Polymathico em Natal. De acordo com Costa (2018), esse grupo foi estabelecido por jovens intelectuais do Rio Grande do Norte por volta de outubro de 1897. Dentre os membros fundadores, estavam nomes como Alberto Maranhão, Antônio José de Mello e Souza, Manoel Dantas, Pedro Avelino e Thomaz Gomes, que posteriormente se destacaram na política e cultura potiguar e nacional.

Esses indivíduos eram letrados bacharéis e se identificavam com a forma republicana de governo, especialmente por sua ênfase na promoção de uma cultura estatal.

A Revista do Rio Grande do Norte, por sua vez, era a publicação oficial do grupo, com um caráter literário e teórico, servindo como centro de reflexão para o incipiente republicanismo entre os potiguares. O fato de Luís, proveniente de uma família de políticos tradicionalmente monarquistas (aliás, fato que influenciou seu sobrenome), publicar tão cedo em uma revista com forte inclinação republicana indica que os editores da revista reconheceram a qualidade real de seus textos, e não apenas um favorecimento por compartilharem valores similares.

Para o autor José Rafael de Menezes (1982) a educação doméstica no Brasil do Século passado XIX e XX é uma educação menos institucional e mais uma educação cujo papel central é o da figura que ele chama de mestre-escola.

Para Menezes (1982) o papel que esse modelo de educação teve na formação dos nossos intelectuais até o fim do século passado é mais relevante até do que as universidades e outras instituições tiveram. O autor separa esses tutores, “mestres-escola”, como ele os chama, em cinco categorias: *eclesial*, *doméstico*, *institucional*, *didático* e *preceptor*. Cascudo teve dois desses mestres-escola durante a sua formação infantil, a sua mãe e o tutor contratado por seu pai (nome). Portanto o doméstico e o preceptor.

Em seu livro "Minha formação", Joaquim Nabuco (2019) menciona como os líderes do Brasil de então eram todos “órfãos”, no sentido de que seus pais, dedicando-se integralmente às grandes questões do Brasil, não podiam dedicar muitas atenção pessoal aos seus filhos. De modo que a educação “patriarcal” tendia mesmo a ser matriarcal, na prática. Combina com o texto de Menezes (1982) que atribui ao mestre-escola doméstico um caráter matriarcal, para um fim patriarcal

Em suas memórias "O Tempo e eu", Câmara Cascudo (2008) relata que seu pai, o Coronel Francisco Cascudo, era uma figura conhecida como foreiro, que detém o direito de uso de uma propriedade através de contrato. Ele foi um dos responsáveis pela ocupação da então Cidade Nova, região que corresponde aos atuais bairros de Petrópolis e Tirol, em Natal. O Coronel Francisco Cascudo tornou-se morador do bairro, estabelecendo-se no chamado Principado do Tirol. Uma mansão adquirida em 1913 do arquiteto Herculano Ramos, pagando 20 mil réis pela aquisição. A propriedade esteve

nas mãos da família de Cascudo desde que ele era adolescente. Construída em estilo neoclássico, a casa era cercada por um vasto jardim.

Quando Francisco morreu e Luís se tornou o patriarca da Família, a casa passa a ser chamada de "Vila Amélia", para homenagear a esposa de Francisco e mãe de Luís, Dona Amélia Cascudo. Fosse no tempo do Principado do Tirol ou como Vila Amélia, a casa era um local frequentado por intelectuais e artistas da época, que se reuniam ali para festejar e discutir literatura, arte e cultura em geral. Os saraus realizados na casa eram alguns dos eventos culturais e sociais mais importantes de Natal naquela época. (Cascudo, 2008).

Após a morte de Cascudo, a propriedade experimentou diversas transições de posse até ser comprada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte em 1995. A partir de então, passou a ser utilizada pela rede de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), funcionando como uma biblioteca e espaço para exposições e eventos culturais, mantendo viva sua essência como um ponto de encontro cultural na cidade. Em uma homenagem à bibliotecária e poetisa Zila Mamede, conhecida por sua obra sobre Câmara Cascudo intitulada "50 anos de vida intelectual", o prédio da Biblioteca Central da UFRN foi renomeado em sua honra. A "Vila Amélia" recebeu o status de patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2011, assegurando a conservação e a proteção deste importante marco histórico regional.

Câmara Cascudo ingressou na faculdade de Medicina da Bahia em 1917, aos 19 anos de idade. A escolha de Câmara Cascudo pelo curso foi resultado de um interesse antigo pela área da saúde desde o fim da infância, tendo acompanhado o trabalho de seu pai, que era farmacêutico por formação. Cascudo transferiu o curso da Bahia para o Rio de Janeiro em 1918 por mais de uma razão. Na Bahia, ele havia contraído febre amarela, uma doença infecciosa transmitida por mosquitos, e sua saúde — já frágil — havia sido afetada. No Rio de Janeiro, ele esperava encontrar melhor tratamento. (Costa, 1969).

Apesar de não ter concluído seus estudos em Medicina, a experiência na Bahia foi importante para a formação intelectual de Câmara Cascudo. Ele teve contato com uma série de influências culturais e literárias que o ajudaram a desenvolver sua visão sobre a cultura e as tradições populares brasileiras, tema que viria a se tornar central em seus estudos e pesquisas ao longo de sua vida. (Costa, 1969).

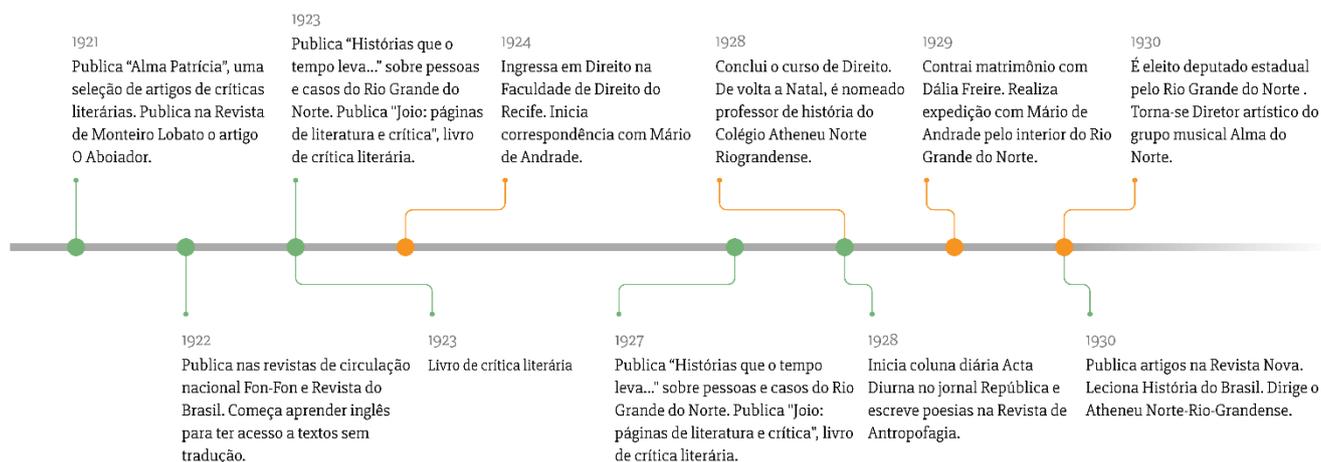
Além dos problemas de saúde adquiridos em Salvador, Câmara Cascudo, desde antes de ingressar no curso de Medicina, pensava em seguir carreira como médico-pesquisador. Não vendo muita possibilidade de atuação no Nordeste e vendo que a sua formação o levaria a clinicar, resolveu mudar o curso para a Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), capital do país e considerada na época a melhor do país em Medicina. Cascudo provavelmente viu nessa transferência uma oportunidade de receber uma formação mais sólida e com mais possibilidades profissionais na principal capital da América do Sul. A mudança para o Rio de Janeiro também permitiu que Cascudo tivesse contato com uma cena cultural efervescente na cidade. No entanto, não houve jeito e Cascudo acabou abandonando curso completamente em 1920 por simples falta de vocação para o que a profissão pedia. (Costa, 1969).

Diante da trajetória singular de Luís da Câmara Cascudo, é possível vislumbrar não apenas um percurso individual, mas também um reflexo das transformações históricas e culturais do Brasil do final do século XIX e início do século XX. Nascido em um período de transição política e social, Cascudo absorveu as influências de uma época marcada pelo fervor republicano e pelos desdobramentos da modernização da sociedade brasileira. Sua educação primária, marcada pelo incentivo materno e pela influência do ambiente familiar, moldou não apenas suas habilidades literárias, mas também seu profundo interesse pelas tradições populares e pela cultura brasileira.

Aqui talvez nos caiba comparar novamente Luís da Câmara Cascudo, no Brasil, e Okakura Kakuzō, no Japão, que desempenharam papéis semelhantes como guardiões das tradições em seus respectivos países, em uma época de rápidas transformações culturais e sociais. Enquanto Cascudo dedicou-se a documentar e preservar a rica tapeçaria do folclore e da cultura popular brasileira, Okakura defendeu a importância das artes asiáticas e das filosofias tradicionais contra a crescente influência ocidental. Ambos os intelectuais buscaram, através de seus escritos e pesquisas, manter viva a essência cultural de seus países, enfatizando a importância de não perder de vista as raízes históricas e culturais em meio à modernização.

5.3.2 Linha do tempo Biobibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1921-1930

Figura 15 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1921-1930



Elaborado pelo autor, 2024

1921 Publica “Alma Patrícia”, uma seleção de artigos de críticas literárias. Publica na Revista do Brasil, pertencente e editada por Monteiro Lobato o artigo O Aboiador.

1922 Publica nas revistas de circulação nacional como Fon-Fon, além da Revista do Brasil. Começa aprender inglês para ter acesso a textos sem tradução.

1923 Publica “Histórias que o tempo leva...” sobre pessoas e casos do Rio Grande do Norte. Publica "Joio: páginas de literatura e crítica", livro de crítica literária.

1924 Optando por uma formação mais próxima das Humanidades, ingressa em Direito na Faculdade do Recife. Era então a melhor formação em Direito do Brasil. Inicia correspondência com Mário de Andrade.

1927 Publica os livros “López do Paraguay” e a antologia “Versos Reunidos” de Lourival Açucena, com introdução e notas.

1928 Conclui o curso de Direito. De volta a Natal, é nomeado professor de história do Colégio Atheneu Norte Riograndense.

Inicia coluna diária Acta Diurna no jornal República e escreve poesias na Revista de Antropofagia.

1929 Contrai matrimônio com Dália Freire, filha do Desembargador da região. Realiza uma Expedição à Praia dos Touros, no Rio Grande do Norte, acompanhado por Mário de Andrade.

1930 É eleito deputado estadual pelo Rio Grande do Norte graças ao capital político do pai, nessa altura governador do Estado. Torna-se Diretor artístico do grupo musical inerudito Alma do Norte.

Publica artigos na Revista Nova. Leciona História do Brasil. Dirige o Atheneu Norte-Rio-Grandense.

Como nos relatam os nossos avós, o Brasil de um século atrás era um Brasil muito diferente. Natal, capital da Província do Rio Grande do Norte era uma cidade que não chegava a 15 mil habitantes em 1920. Em comparação, a menor capital de Estado hoje é Rio Branco, no Acre, com quase 365 mil habitantes em 2022, mesmo cercada de selva (IBGE, 2022). Os problemas urbanos, a cena cultural e as contradições sociais, por mais que sejam relacionáveis aos de hoje, eram completamente outros cem anos atrás.

Considerando isso, é fácil pensar que se destacar como intelectual era tarefa bem mais fácil, mas Moacy Cirne (2003) relativiza essa conclusão fácil. Ele menciona como Natal foi a primeira cidade do Brasil a traduzir e publicar em 1909 o Manifesto Futurista de Marinetti, por exemplo. O poeta italiano publica no jornal francês *Le Figaro* em fevereiro o manifesto que inauguraria o Movimento Futurista na Europa, e, alguns meses depois, Manuel Dantas publica a tradução num jornal local para que a comunidade intelectual local pudesse discuti-lo e digeri-lo. Isso mostra que mesmo sem internet, Natal, como outras zonas de cultura no país não estavam de maneira nenhuma isoladas de um debate nacional ou internacional. A contradição está no fato de que um manifesto publicado em Natal, dificilmente seria conhecido na França, que tinha pouco interesse em qualquer manifestação de cultura acontecida fora da Europa.

Em seu livro de crítica literária, “Alma Patrícia”, Cascudo trata da cena cultural dessa cidade pequena de interior, que é ao mesmo tempo polo de cultura local, e capital da Província. Mas em suas críticas, ele não deixa de analisar de maneira cruzada autores como Nietzsche, Hartmann, Schopenhauer, Montagne e Sainte-Beuve, por exemplo, integrando a cultura local a uma cultura geral.

Cirne (2003) interpreta o foco de Cascudo em autores locais, apesar de sua vasta bagagem intelectual, como um indicativo de provincianismo. Por outro lado, parece-nos que pode haver uma certa imaturidade intelectual na maneira como Cascudo se refere a Rimbaud, chamando-o de “imbecilíssimo”, e é fato que Cascudo não é amplamente reconhecido por suas críticas literárias. Contudo, discordamos da posição de Cirne. Ao nosso ver, o verdadeiro provincianismo estaria em se dedicar exclusivamente à crítica literária global, negligenciando as contribuições locais, ou em se aprofundar na literatura estrangeira sem conhecer a própria literatura nacional. Nesse sentido, uma das maiores virtudes de Cascudo reside em sua capacidade de ser conhecedor tanto do cenário local quanto do geral, buscando integrar ambos em seu trabalho, mesmo que ainda estivesse em desenvolvimento em sua abordagem.

Em 1924, Luís da Câmara Cascudo matricula-se na Faculdade de Direito do Recife, onde se formou em 1928. Durante seus estudos, ele se envolveu ativamente em movimentos literários e culturais na cidade, participando também de publicações locais relacionadas à literatura e cultura popular. A pesquisadora Zila Mamede, em sua bibliografia comentada intitulada “Luís da Câmara Cascudo: 50 Anos de Vida Intelectual (1918-1968)”, lamentou não ter podido ir principalmente ao Recife e a Salvador em busca das publicações de artigos que Cascudo realizou em sua época de estudante, para incluí-las em sua bibliografia (Mamede, 1970).

Após concluir o curso, Cascudo retornou a Natal, onde se tornou professor de história e geografia em escolas locais. A formação em Direito acabou fundamentando a maior parte de seus empregos, seja como burocrata jurídico ou professor de Direito. Essa formação teve grande influência em sua carreira como pesquisador, proporcionando-lhe um esteio em Ciências Humanas e habilidades em pesquisa e análise de fontes históricas. (Costa, 1969).

Em 1924, também se iniciaram as correspondências entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade, quando este último enviou uma carta ao colega escritor em busca de

informações sobre lendas e contos populares do Rio Grande do Norte. Cascudo respondeu prontamente, fornecendo informações detalhadas sobre o tema, o que marcou o início de uma duradoura amizade intelectual entre os dois, que se estenderia por décadas. (Andrade, 2018).

Em 1928, Câmara Cascudo concluiu seu curso de Direito e retornou para sua terra natal. Logo após seu retorno, foi nomeado professor de história no Colégio Atheneu Norte-Rio-Grandense. Nessa época, ele já havia publicado bastante sobre a cultura popular do Estado, o que o tornava um reconhecido estudioso da História e das tradições locais. Como professor no Atheneu, Cascudo teve a oportunidade de compartilhar sua visão sobre a história e a cultura do Rio Grande do Norte com jovens estudantes. Além disso, ele desempenhou um papel importante na reformulação do currículo escolar, incluindo conteúdos que enfatizavam a história e a cultura regional. (Costa, 1969).

Dália Freire, a quem Cascudo carinhosamente chamava de "uma flor sem espinhos" (Cascudo, 1967), era a filha do Desembargador do Estado — sua própria filha, aliás, também seria desembargadora. Educada em escolas tradicionais do Rio de Janeiro e de Recife, Dália era uma mulher culta, de hábitos refinados e figura importante na sociedade natalense. Seu casamento que durou 57 anos, gerando um casal de filhos, e terminou somente com a sua morte. Dália foi uma colaboradora ativa no trabalho de Cascudo como pesquisador, exercendo um papel de secretária e revisora, especialmente auxiliando-o na organização de seus arquivos e anotações, conhecidos pela sua completude e metodismo.

Um ano após a primeira expedição, Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade realizaram uma nova jornada conjunta à Praia dos Touros, no litoral do Rio Grande do Norte, onde encontrava-se fixado desde 1501 um totem que representa o primeiro Marco de Posse colonial do território brasileiro por Portugal. Em 2021 o Marco de Touros foi transferido do Forte dos Reis Magos para o Museu Câmara Cascudo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O monumento em forma de coluna estava guardado na Fortaleza dos Reis Magos (JERÔNIMO, 2021).

Durante essa expedição, que completou a anterior, Mário de Andrade é introduzido às raízes profundas do Brasil. Câmara Cascudo, conhecedor experiente da área, guiou Mário de Andrade pelas aldeias e comunidades locais, apresentando-lhe as diversas práticas e expressões culturais da população. Mário de Andrade registrou suas

observações em um caderno de anotações, posteriormente utilizado principalmente em seu livro "Ensaio sobre a Música Brasileira". Já Câmara Cascudo utilizou as informações e materiais coletados na expedição em diversos de seus trabalhos, como em seu livro "Geografia dos Mitos Brasileiros". (Bandeira, 2023).

Quarenta e cinco anos depois, em 1973, Cascudo publicou "Civilização e Cultura", que apresentou conceitos fundamentais de sua antropologia. Ele defendia que a cultura popular era a base para a cultura erudita, que a segunda era o resultado do refinamento e aprofundamento da primeira. Para ele, nenhuma cultura erudita poderia existir, seja no Brasil, Egito ou Grécia sem antes ter uma rica e autêntica cultura popular que fornecesse suas bases, símbolos, tradições e linguagem. Esse trabalho de séculos de maturação e aperfeiçoamento resultava em uma cultura erudita rica. Sem essa autêntica raiz na sabedoria popular de um povo, nenhuma cultura seria verdadeiramente autêntica, mas apenas uma importação vazia de profundidade. (Bandeira, 2023).

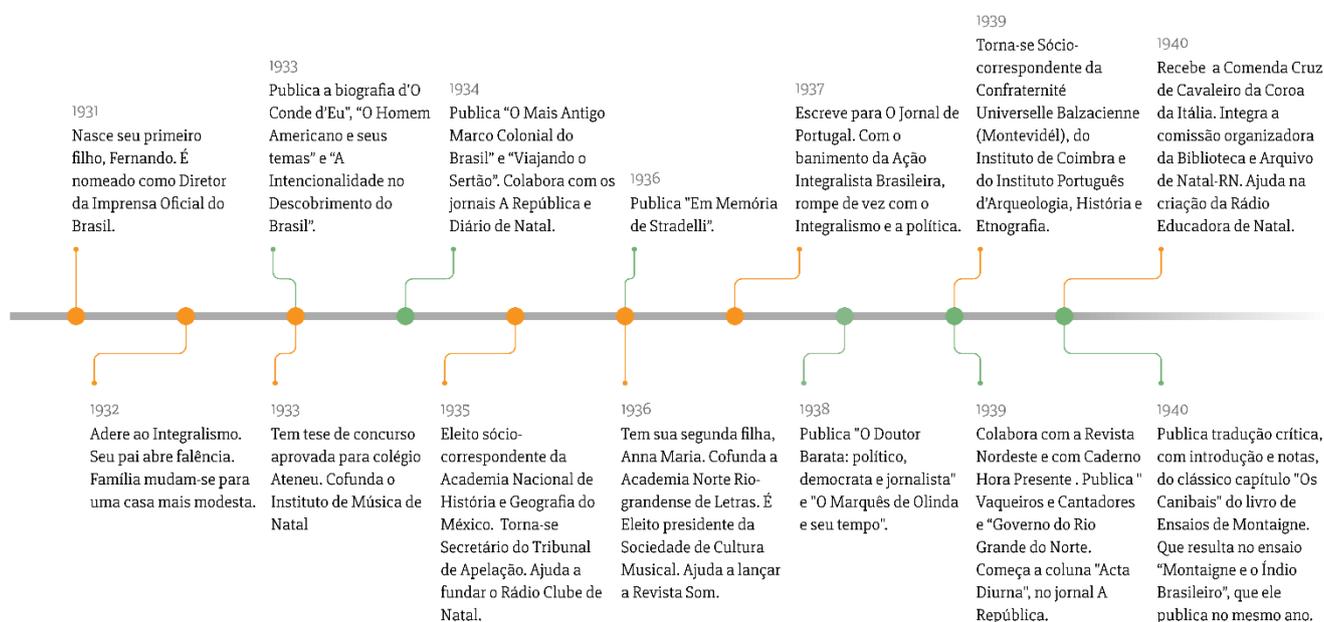
Em 27 de julho é eleito Deputado Estadual pelo Partido Republicano Federal para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte. Sua eleição parece resultado menos de uma ambição política própria e mais do interesse imediato do seu pai, que articulou sua campanha junto com o Governador do Estado, Juvenal Lamartine. Em 1º de outubro os eleitos são empossados, 3 de outubro explode a Revolução de 1930 e em 6 de outubro a Assembleia Legislativa é dissolvida e todos os eleitos são depostos. Cascudo foi Deputado por 5 dias. Mas embora parecesse ter pouca ambição política pessoalmente, era um sujeito engajado politicamente e preocupado com as questões do estado e do país. (Oliveira, 1999)

Diante do quadro histórico delineado, é fascinante observar como o Brasil do século passado se desdobrava em uma teia complexa de transformações sociais, políticas e culturais, contrastando com o panorama contemporâneo. A cidade de Natal, em particular, emerge como um cenário peculiar, onde a efervescência cultural e os debates intelectuais ecoavam mesmo em um contexto aparentemente distante dos maiores centros urbanos. A análise das contribuições de Luís da Câmara Cascudo, nesse contexto, revela não apenas a sua singularidade como intelectual, mas também evidencia a intersecção entre o local e o global na construção do conhecimento e da identidade cultural. Enquanto se discute o alcance de sua obra e suas incursões na esfera política, é inegável o impacto de suas reflexões sobre a cultura popular e erudita, delineando um olhar que transcende fronteiras geográficas e temporais. Nesse sentido, a

figura de Cascudo ressoa como um símbolo de um Brasil em constante mutação, onde as raízes profundas da cultura popular se entrelaçam com os fluxos da modernidade, forjando uma identidade rica e multifacetada. Em última análise, ao nos debruçarmos sobre o legado de Cascudo, somos instados a refletir não apenas sobre o passado, mas também sobre o presente e o futuro de uma nação que se reinventa incessantemente, enraizada em sua história e impulsionada pela busca incessante por compreensão e transformação.

5.3.3 Linha do tempo Biobibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1931-1940

Figura 16 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1931-1940



Elaborado pelo autor, 2024

1931 Nasce seu primeiro filho, Fernando. É também nomeado como Diretor da Imprensa Oficial do Brasil, hoje Imprensa Nacional.

1932 Cascudo adere ao Integralismo. Nesse mesmo ano o seu pai abre falência e eles são obrigados a vender a mansão para um amigo da família e mudam-se para uma casa mais modesta.

1933 Tem tese de concurso aprovada para Colégio Atheneu Norte-Rio-Grandense, atual Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Cofunda o Instituto de Música de Natal.

Publica a biografia d'O Conde d'Eu", e "O Homem Americano e seus temas" e "A Intencionalidade no Descobrimento do Brasil".

1934 Publica "O Mais Antigo Marco Colonial do Brasil" e "Viajando o Sertão". Colabora com os jornais A República e Diário de Natal.

1935 É eleito sócio correspondente da Academia Nacional de História e Geografia do México. Torna-se Secretário do Tribunal de Apelação. Ajuda a fundar o Rádio Clube de Natal.

1936 Tem sua segunda filha, Anna Maria. Cofunda a Academia Norte Rio-grandense de Letras. É eleito presidente da Sociedade de Cultura Musical. Ajuda a lançar a Revista Som.

Publica a biografia "Em Memória de Stradelli".

1937 Escreve para O Jornal de Portugal. Com o banimento da Ação Integralista Brasileira, rompe de vez com o Integralismo e a política.

1938 Publica as biografias "O Doutor Barata: político, democrata e jornalista" e "O Marquês de Olinda e seu tempo".

1939 Torna-se Sócio correspondente da *Confraternité Universelle Balzacienne* [Confraria Universal Balzaciana] (Montevideu), do Instituto de Coimbra e do Instituto Português d'Arqueologia, História e Etnografia.

Colabora com a Revista Nordeste e com Caderno Hora Presente (de São Paulo). Publica "Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará" e "Governo do Rio Grande do Norte: cronologia dos capitães-mores, presidentes provinciais...". Começa a coluna "Acta Diurna", no jornal A República.

1940 Recebe a Comenda Cruz de Cavaleiro da Coroa da Itália, concedida pelo Rei Victor Emanuel. Integra a comissão organizadora da Biblioteca e Arquivo de Natal-RN. Ajuda na criação da Rádio Educadora de Natal.

Publica tradução crítica, com introdução e notas, do clássico capítulo "*Des caniballes*" (Os Canibais) do livro de Ensaios de Montaigne. Que resulta no ensaio "Montaigne e o Índio Brasileiro", que ele publica no mesmo ano.

Nasce seu primeiro filho, Luiz Fernando da Câmara Cascudo (1931-2013). Luís Fernando Formou-se em Direito, como o pai, mas fez carreira como jornalista, exercendo a profissão por 57 anos no Recife (NE10, 2013). O nascimento do primeiro filho deu, segundo ele mesmo, a um sentido de responsabilidade inédito a Câmara Cascudo (1967).

No século XXI, a perspectiva de um bloco comunista global é vista como improvável, embora, durante o século XX, a União Soviética tenha liderado uma aliança de quinze

nações na Europa e Ásia, conhecida como o bloco comunista. Naquela época, países como Vietnã e Cuba também endossavam esse modelo. Nações como Brasil e Alemanha eram consideradas possíveis simpatizantes dessa ideologia. Simultaneamente, movimentos nacionalistas emergiram na Europa, exemplificados pelo movimento Integralista em Portugal. No Brasil, a Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado, adotava uma postura de centralização do poder, visando conter a expansão do comunismo e promover a homogeneização social nacional. Diferentemente do comunismo, que enfatiza a abolição das classes sociais e fronteiras nacionais, o integralismo propunha a valorização das identidades e culturas nacionais, buscando a reforma da civilização por meio de uma abordagem que integrava valores espirituais e nacionalistas. Luís da Câmara Cascudo, entre outros artistas e intelectuais, associou-se ao movimento, considerando-o uma forma de resistência ao comunismo internacional. Essa associação era coerente com os interesses de Cascudo em pesquisar e valorizar as expressões culturais nacionais (Cortez, 1995).

O integralismo defendia uma ideologia nacionalista, autoritária e anticomunista, promovendo a ideia de um Estado forte capaz de unificar todas as classes sociais sob uma mesma nação. Em termos de política econômica, apoiava o intervencionismo estatal e o corporativismo, propondo que o Estado deveria regular a economia para evitar conflitos de classe e promover o bem-estar social. Os integralistas usavam símbolos como a camisa verde, o sigma (a letra grega Σ) como seu emblema, representando seu slogan "Deus, Pátria e Família". Os membros saudavam-se com o grito de "Anauê", uma palavra tupi que significa "você é meu irmão" (Cortez, 1995).

Apesar de ter alcançado uma base de apoio considerável, incluindo a participação de intelectuais e artistas, o movimento nunca chegou ao poder de forma efetiva. Após uma tentativa fracassada de golpe de Estado em 1938, conhecida como a "Intentona Integralista", o governo de Getúlio Vargas reprimiu severamente o movimento, que foi oficialmente dissolvido. No entanto, as ideias e alguns dos ex-membros continuaram a influenciar a política brasileira em formas variadas nas décadas seguintes. (Cortez, 1995).

Desde o início do movimento, Luís da Câmara Cascudo, assim como diversos outros artistas e intelectuais, aderiu a ele. Parecia que ele enxergava nesse movimento a única chance de resistência do país contra a influência comunista internacional. O integralismo, ao valorizar a identidade e a cultura nacionais, se tornou a plataforma

ideal para validar e impulsionar suas pesquisas. Na verdade, como será abordado adiante, muito da visão integralista, mais tarde também associada ao getulismo e, de maneira irônica, à esquerda, deve em grande parte a Cascudo sua perspectiva sobre a cultura e a nação brasileira.

Numa tese Galvão (2010) explora a relação entre a obra de Câmara Cascudo e a música popular brasileira entre as décadas de 1920 e 1960. E como Cascudo contribuiu para a construção de um imaginário sonoro nacional que influenciou a música popular brasileira na época e tem repercussões até hoje. Para Galvão (2010), algumas influências folclóricas como cantos populares, toadas, folias e cocos; influências urbanas, como samba, maxixe e choro; e influências internacionais, como jazz, tango e música clássica europeia, integradas com o trabalho musical de artistas e intelectuais do período, mais o trabalho de Cascudo sobre o folclore influenciaram o surgimento de novas correntes musicais no Brasil.

Dessas correntes, destacam-se o Movimento Armorial, o Tropicalismo e a renovação da Música Popular Brasileira (MPB) na década de 1970. A tese de Galvão (2010) entende que Cascudo defendia a ideia de que a música é um elemento vivo e dinâmico da cultura, que está em constante transformação e evolução. Para ele, a modernidade não deveria ser vista como uma ameaça à tradição, mas sim como uma oportunidade de renovação e enriquecimento da cultura. Cascudo acreditava que a música popular brasileira tinha uma riqueza e diversidade imensa, resultado da mistura de influências culturais diversas, como a indígena, africana e europeia. Ele valorizava a música como expressão autêntica da cultura popular brasileira e defendia a preservação das tradições musicais regionais. Ao mesmo tempo, Câmara Cascudo também tinha uma visão aberta e curiosa em relação à música moderna, como o jazz e o tango, por exemplo. Ele acreditava que a música moderna poderia contribuir para a renovação e enriquecimento da música brasileira, desde que fosse incorporada de forma criativa e respeitando as raízes culturais do país.

Luís da Câmara Cascudo foi agraciado com a Cruz de Cavaleiro da Coroa da Itália, uma das mais altas distinções oferecidas pelo governo italiano, que na época era um estado fascista. Essa honraria era concedida a indivíduos que haviam prestado serviços notáveis à nação italiana em vários campos, incluindo a cultura (Rodrigues, 2014). A conexão de Cascudo com o Integralismo brasileiro pode ter influenciado a recepção dessa distinção, considerando a atuação intelectual do homenageado nesse contexto.

O prêmio, embora reconheça a importância internacional de Cascudo, deve ser compreendido de maneira relativa, assim como talvez também o Prêmio Stalin da Paz — posteriormente renomeado para Prêmio Lenin da Paz após a desestalinização na União Soviética. Este último era um reconhecimento internacional concedido pela União Soviética a indivíduos que contribuíram significativamente para a causa da paz mundial, em contraposição ao Prêmio Nobel da Paz, criado por um capitalista e com um prêmio em dinheiro. Jorge Amado, renomado escritor brasileiro, recebeu o Prêmio Stalin da Paz em 1951. Sua literatura, que frequentemente destacava as injustiças sociais e a luta das classes trabalhadoras e dos marginalizados no Brasil, estava alinhada com os ideais socialistas e anticolonialistas apoiados pela União Soviética durante a Guerra Fria. O prêmio refletiu não apenas o reconhecimento do impacto de sua obra literária, mas também seu engajamento político ativo como membro do Partido Comunista Brasileiro por décadas.

A obra de Jorge Amado, no entanto, transcende barreiras políticas, oferecendo uma rica tapeçaria de humanismo, cultura e crítica social que ressoa com um vasto público. Independentemente das inclinações políticas, seus livros promovem uma profunda conexão emocional através da representação detalhada da vida, lutas e celebrações das classes populares, especialmente na Bahia. Amado celebra a cultura afro-brasileira em suas diversas manifestações — religiosidade, música, culinária e festividades — proporcionando uma visão vibrante da identidade brasileira que atrai interessados em cultura, história e antropologia. Sua abordagem crítica às injustiças sociais e econômicas destaca questões universais de direitos humanos e ética, estimulando a reflexão entre os leitores.

Adicionalmente, o estilo literário de Amado, que mescla realismo, elementos do folclore e do realismo mágico, cativa por sua acessibilidade e engajamento, tornando suas obras atraentes para os amantes da literatura em geral. Sua narrativa também oferece uma perspectiva histórica que ilustra as mudanças na sociedade brasileira ao longo do século XX, servindo como um recurso valioso para quem busca compreender as dinâmicas sociais em diferentes eras. Portanto, mesmo para aqueles que não compartilham das inclinações políticas do autor, as histórias de Jorge Amado são enriquecedoras e relevantes, destacando-se por sua universalidade e apelo humano.

As obras de Luís da Câmara Cascudo e Jorge Amado, embora marcadas por distintas inclinações políticas e ideológicas, oferecem um vasto campo para reflexão e

enriquecimento cultural. É essencial que esses textos sejam assimilados de maneira crítica, reconhecendo as contribuições significativas de cada autor para a cultura brasileira, ao mesmo tempo em que se avaliam os contextos históricos e sociais em que foram escritos. Dessa forma, podemos apreciar plenamente o legado literário e intelectual que deixaram, promovendo um entendimento mais profundo das complexidades da sociedade brasileira.

Aliás, o próprio Jorge Amado já declarou:

Temos muitos escritores importantes, sábios de alta qualidade, artistas magníficos, temos intelectuais de grande valor. Mestres, porém, temos poucos. Mestres no sentido amplo da palavra: construtores da realidade, da verdade brasileira, assim como Luís da Câmara Cascudo, tão jovem aos setenta anos.

Aqui, com minha homenagem de admiração e amizade, quero deixar uma pergunta: quando terei a alegria e a honra de votar em Luís da Câmara Cascudo para a Academia Brasileira? (Amado, 1998, p. --)

Ao explorar a história de Luís da Câmara Cascudo e sua interação com o movimento integralista, é crucial entender os contextos e influências que orientaram suas decisões. O nascimento de seu filho, Luiz Fernando, adicionou novas responsabilidades, potencialmente afetando sua visão e envolvimento com os ideais integralistas, especialmente em um período marcado por turbulências ideológicas e a ameaça do comunismo internacional. Em uma era onde ideologias totalitárias ganhavam força, Cascudo pode ter buscado estabilidade e proteção para os valores nacionais no integralismo, influenciado tanto por pressões sociais e familiares quanto por convicções pessoais.

Como intelectual de seu tempo, as tensões políticas e ideológicas significativamente moldaram o pensamento e as escolhas de Cascudo. Suas ações, embora possam parecer controversas hoje, devem ser vistas dentro do contexto histórico da época. Ao refletir sobre sua relação com o integralismo, é essencial reconhecer as complexidades de suas escolhas, lembrando que ele era produto de seu tempo, e suas decisões devem ser compreendidas em um contexto mais amplo.

Para Oliveira (1982) em seu "Estado Novo: ideologia e poder", O governo de Getúlio Vargas soube habilmente manobrar entre as influências do integralismo e do comunismo

para consolidar seu poder, ao mesmo tempo em que implementava políticas que atendiam a diferentes setores da sociedade brasileira. Muitos dos ativistas desses dois movimentos compuseram o governo Vargas.

Seu governo assimilou vários elementos do comunismo internacional e do integralismo nacional. Ele incorporou, por exemplo, algumas políticas sociais que poderiam ser vistas como inspiradas por ideais de justiça social típicos de regimes de esquerda. Essa apropriação se manifestou principalmente na legislação trabalhista, como a consolidação das leis do trabalho (CLT) em 1943, que introduziu direitos como férias remuneradas, jornada de trabalho de oito horas e regulamentação do trabalho feminino e infantil. Essas medidas visavam não apenas melhorar as condições dos trabalhadores, mas também neutralizar o apelo do comunismo entre as classes operárias urbanas.

Por outro lado, a influência do integralismo no Estado Novo (1937-1945), em particular, exibiu características, como o nacionalismo exercendo grande influência no patrocínio estatal das atividades culturais brasileiras.

Como elemento em comum, as duas ideologias baseavam-se no autoritarismo e centralização do poder, propaganda e controle da informação, mobilização e controle social e até numa espécie de culto à personalidade. O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) é um exemplo de instrumento de controle estatal que reflete a influência dessas duas correntes, promovendo o culto à personalidade de Vargas e enfatizando temas de unidade nacional e valores conservadores.

Essas manobras políticas mostram como Vargas não somente reagiu às correntes ideológicas da época, mas as utilizou estrategicamente para moldar um regime que, ao fim, atendia principalmente a sua agenda de poder e manutenção do controle estatal, refletindo uma síntese pragmática mais do que um compromisso ideológico com qualquer um desses movimentos em particular. Goste-se ou não, Oliveira (1982) aponta que esses foram alguns dos elementos fundamentais responsáveis por modelar o Estado e a Nação brasileira moderna.

5.3.4 Linha do tempo Biobibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1941-1950

Figura 16 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1941-1950



Elaborado pelo autor, 2024

1941 Funda em sua casa a Sociedade Brasileira de Folclore e a usa para estabelecer intercâmbio com uma série de pesquisadores estrangeiros interessados no tema.

1942 Publica tradução crítica, com introdução e notas, de "Travels in Brasil", como Viagens ao Nordeste do Brasil, do inglês Henry Koster (original de 1816).

1944 Integra a *American Academy of Political and Social Science* (AAPSS) fundada em 1889 para promover o progresso das Ciências Sociais Nos Estados Unidos e a *Folklore Society* (FLS) fundada em 1878 para estudar a cultura vernácula tradicional do Reino Unido.

Organiza os livros "Antologia do Folclore Brasileiro", "Os Melhores Contos Populares de Portugal: seleção e estudos" e "Simultaneidade de ciclos temáticos afro-brasileiros".

1945 Integra o seletor grupo de *Folklore of Ireland Society*, formado por 4 pesquisadores de nacionalidades distintas que pesquisavam o tema do folclore. O grupo passa a ter então 5 membros.

Publica "Lendas Brasileiras: 21 Histórias criadas pela imaginação de nosso povo".

1946 Publica a organização dos "Contos tradicionais do Brasil: confrontos e notas".

1947 Dirige a Revista Som. Ajuda a criar o Primeiro Congresso Luso-Brasileiro de Folclore, realizado em Portugal, e representa o Brasil no Congresso da Comissão Internacional de Artes e Tradições Populares em Paris, na França.

Publica "Geografia dos mitos brasileiros" e "História da Cidade de Natal".

1948 Recebe o título de Historiador da Cidade de Natal. Torna-se Conselheiro de honra da Sociedade de Cultura Musical. Recebe o título de Historiador da Cidade do Natal.

Publica "Os Holandeses no Rio Grande do Norte".

1949 Recebe o Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras. É posto no quadro de honra do Clube do Violão, em Natal.

Publica "Consultando São João: pesquisa sobre a origem de algumas adivinhações" e "Os Holandeses no Rio Grande do Norte".

1950 Recebe Medalha do Pacificador do Exército Brasileiro. Torna-se professor de Direito na Universidade do Rio Grande do Norte. Integra a *Asociación Folklorica* de Chile e a *Sociedad Folklorica* de Bolívia.

Ao traduzir e comentar a obra "*Travels in Brasil*", Cascudo não se limitou apenas a traduzir o texto; ele enriqueceu a obra com uma introdução crítica e notas explicativas, que proporcionam um contexto histórico e cultural essencial para a compreensão dos relatos de Koster. A versão de Cascudo, intitulada "Viagens ao Nordeste do Brasil", não apenas preserva o olhar estrangeiro original, mas também o insere dentro de uma perspectiva brasileira informada e crítica. Essa tradução crítica permitiu que um público mais amplo, especialmente falantes de português, tivesse acesso a um documento valioso da história e da cultura nordestina. Além disso, o trabalho de Cascudo reafirmou a importância de entender e valorizar as diversas narrativas sobre o Brasil, contribuindo para a construção de uma memória nacional que reconhece e dialoga com suas múltiplas vozes e perspectivas.

Funda em sua casa a Sociedade Brasileira de Folclore, aproveitando-a como um centro de intercâmbio com diversos pesquisadores estrangeiros interessados no tema. Além disso, ele se tornou membro da *American Academy of Political and Social Science* (AAPSS), estabelecida em 1889 para promover o avanço das Ciências Sociais nos Estados Unidos, e da *Folklore Society* (FLS), fundada em 1878 com o propósito de estudar a cultura vernácula tradicional do Reino Unido. Além disso, ele integrou o seletivo grupo *Folklore of Ireland Society*, inicialmente composto por quatro pesquisadores de diferentes nacionalidades dedicados ao estudo do folclore, expandindo-o para cinco membros.

Essas associações estrangeiras revelam a óbvia penetração de Cascudo entre pesquisadores estrangeiros, mas não só. É conhecida a veia epistolar de Câmara Cascudo tanto estrangeira quanto nacional. Ele era, inclusive fonte de endereços para pesquisadores dentro e fora do Brasil. Esse tipo de totem epistolar, nos parece que era fundamental para a ocorrência de pesquisa no Brasil, considerando um país mal integrado fisicamente e com uma certa deficiência de instituições formais de pesquisa que fossem acessíveis.

Especialmente as epistolas nacionais entre Cascudo e Mário de Andrade foram objeto de estudos e produziram uma série de artigos por parte da pesquisadora Vânia Gico, da UFRN. Como pesquisadora da área da linguagem, Gico (2018) concentra-se na análise das representações da relação de amizade entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade com base nas correspondências trocadas entre eles.

A análise, segundo Gico (2018), revelou que Mário de Andrade construiu representações da amizade com Cascudo destacando aspectos como camaradagem, confiança e compreensão ao longo dos vinte anos de correspondência. Isso foi possível através da observação de recursos linguísticos como escolhas lexicais, expressões referenciais, modificadores, verbos, conectivos e expressões circunstanciais utilizadas por Mário de Andrade ao se referir a Cascudo.

De todo modo, em livro lançado em 2010, Marcos Antonio de Moraes empreendeu um trabalho de compilação que abrangeu vinte anos de correspondências, desde o ano de 1924 até 1944, entre duas figuras tão significativas e representativas da cultura brasileira: Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Além disso, em um artigo posterior, Moraes (2017) ampliou ainda mais o acervo ao incorporar três cartas adicionais que não

estavam devidamente arquivadas, mas encontravam-se entre outros documentos de Cascudo no Instituto Ludovicos.

A partir dessas correspondências, é possível conceber de maneira indireta o movimento modernista brasileiro como um movimento multifacetado, que abrange uma ampla gama de perspectivas e abordagens. Por um lado, há uma vertente nacionalista, que enfatiza a valorização das tradições e identidades brasileiras, buscando afirmar uma cultura genuinamente nacional. Nessa linha, encontramos artistas e intelectuais que se dedicaram a explorar temas e formas de expressão que refletissem a realidade e a diversidade do Brasil, muitas vezes inspirados pelo folclore, pelas manifestações culturais regionais e pelo cotidiano do povo brasileiro.

A amizade entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade é um fascinante exemplo de intercâmbio intelectual e afetivo através da correspondência. Esses dois gigantes da cultura brasileira trocaram cartas por mais de vinte anos, discutindo desde minúcias do folclore e da cultura popular brasileira até detalhes de suas vidas pessoais. Essa rica troca de cartas foi posteriormente compilada e publicada em livro, oferecendo uma janela única para a amizade e colaboração entre dois dos mais proeminentes estudiosos do Brasil. Através dessas cartas, é possível entender não apenas a profundidade de seu relacionamento, mas também como suas ideias e trabalhos foram mutuamente influenciados, enriquecendo significativamente o patrimônio cultural brasileiro (Gico, 2002).

Por outro lado, há uma visão cosmopolita e iberista do modernismo, que se caracteriza pela abertura ao diálogo com outras culturas e tradições, especialmente as latino-americanas e ibéricas. Nessa perspectiva, o movimento modernista brasileiro se insere em um contexto mais amplo de intercâmbio cultural e intelectual, buscando estabelecer conexões e diálogos com outros países e regiões. Nessas duas vertentes é possível encaixar perfeitamente bem a Figura de Cascudo.

Ao longo dos anos seguintes, Cascudo publicou traduções críticas de obras estrangeiras relacionadas ao Brasil, como "Viagens ao Nordeste do Brasil" de Henry Koster, o que mostra sua habilidade não apenas como pesquisador, mas também como mediador cultural entre diferentes países e tradições.

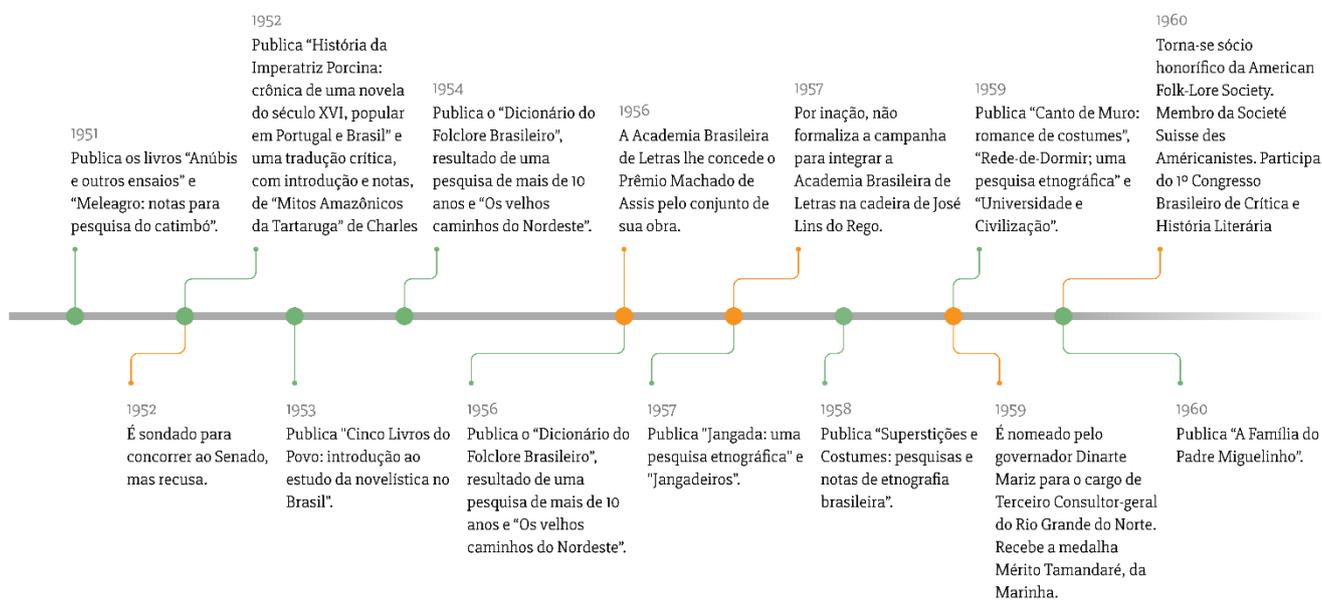
Além disso, sua atuação como representante do Brasil em eventos internacionais, como o Congresso da Comissão Internacional de Artes e Tradições Populares em Paris, mostra seu papel como embaixador da cultura brasileira no cenário mundial.

A participação ativa de Luís da Câmara Cascudo nessas sociedades internacionais e seu papel como um hub de comunicação não apenas enriqueceram seu próprio entendimento e abordagens em relação ao folclore, mas também vitalizaram a pesquisa folclórica, ou de cultura popular no Brasil. Por meio de suas extensas correspondências e colaborações, Cascudo facilitou um intercâmbio valioso de ideias, metodologias e informações etnográficas entre o Brasil e o mundo. Este intercâmbio foi crucial, especialmente em um período em que o Brasil ainda estava desenvolvendo suas próprias instituições acadêmicas e infraestrutura de pesquisa. Através de sua rede, Cascudo não somente ajudou a colocar o folclore brasileiro no mapa acadêmico global, mas também trouxe perspectivas e práticas internacionais para enriquecer os estudos culturais nacionais. Seu trabalho foi, portanto, uma ponte entre o local e o global, ajudando a moldar uma compreensão mais profunda e respeitosa das tradições culturais brasileiras dentro e fora do país.

Em resumo, o fragmento da linha do tempo revela não apenas a dedicação de Luís da Câmara Cascudo ao estudo do folclore brasileiro, mas também sua habilidade em estabelecer conexões e contribuir para o campo a nível nacional e internacional, consolidando seu status como uma das figuras mais proeminentes nos estudos folclóricos do Brasil.

5.3.5 Linha do tempo Biobibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1951-1960

Figura 17 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1951-1960



Elaborado pelo autor, 2024

1951 Publica os livros “Anúbis e outros ensaios” e “Meleagro: notas para pesquisa do catimbó”.

1952 Depois de ter sido deputado estadual à sombra de seu pai, é sondado por um grupo local para concorrer ao Senado Federal pelo Rio Grande do Norte, mas declina. Publica “História da Imperatriz Porcina: crônica de uma novela do século XVI, popular em Portugal e Brasil” e uma tradução crítica, com introdução e notas, de “Mitos Amazônicos da Tartaruga” de Charles Frederick Hartt.

1953 Publica "Cinco Livros do Povo: introdução ao estudo da novelística no Brasil".

1954 Publica o “Dicionário do Folclore Brasileiro”, resultado de uma pesquisa de mais de 10 anos e “Os velhos caminhos do Nordeste”.

1956 A Academia Brasileira de Letras lhe concede o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra.

Publica “Geografia do Brasil Holandês” e “Tradições Populares da Pecuária Nordestina”.

1957 Por inação, não formaliza a campanha para integrar a Academia Brasileira de Letras na cadeira de José Lins do Rego.

Publica "Jangada: uma pesquisa etnográfica" e "Jangadeiros".

1958 Publica “Superstições e Costumes: pesquisas e notas de etnografia brasileira”.

1959 O governador Dinarte Mariz nomeia-o para a posição de Terceiro Consultor-geral do Rio Grande do Norte. Recebe a medalha Mérito Tamandaré, da Marinha.

Publica “Canto de Muro: romance de costumes”, “Rede-de-Dormir; uma pesquisa etnográfica” e “Universidade e Civilização”.

1960 Torna-se sócio honorífico da *American Folk-Lore Society*, dos Estados Unidos. Torna-se membro também da *Société Suisse des Américanistes*, Suíça. Participa do Primeiro Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizada no Recife, Pernambuco. De novo recusa indicação para a Academia Brasileira de Letras.

Publica “A Família do Padre Miguelinho”.

Nos primeiros anos dessa década, o foco de Luís da Câmara Cascudo em suas publicações sobre magia revela uma faceta intrigante de seu trabalho acadêmico. Com obras como "Anúbis e outros ensaios", "Meleagro: notas para pesquisa do catimbó" e "Superstições e Costumes: pesquisas e notas de etnografia brasileira", publicado em 1958, Cascudo se aprofunda nas práticas mágicas e esotéricas. Esses estudos sugerem uma tentativa dedicada de compreender e contextualizar fenômenos culturais frequentemente marginalizados pela academia tradicional da época.

Por inação, não formaliza a campanha para integrar a Academia Brasileira de Letras na cadeira de José Lins do Rego. Em 1956, a Academia Brasileira de Letras reconhece sua significativa contribuição para a literatura e a cultura brasileira, concedendo-lhe o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra.

As eleições para a Academia Brasileira de Letras (ABL) são cercadas por processos e tradições que exemplificam o encontro entre o literário e o político na cultura brasileira. Fundada em 1897 por figuras como Machado de Assis, a ABL é composta por 40

membros efetivos e perpétuos, conhecidos como "imortais", cuja eleição se dá apenas com a abertura de uma vaga pelo falecimento de um membro. Os interessados em uma cadeira devem ser reconhecidos no campo das letras ou áreas culturais afins, e precisam formalizar suas candidaturas para iniciar o processo eleitoral. Segue-se então uma fase de campanha que, embora discreta, é intensamente política. Os candidatos procuram garantir apoio entre os membros atuais através de encontros, correspondências e demonstrações de suas contribuições culturais, em um jogo de influências que reflete tanto o prestígio pessoal quanto as conexões intelectuais e sociais. A eleição propriamente dita ocorre em uma sessão secreta onde apenas os imortais votam, sendo necessário obter a maioria absoluta dos votos para se eleger. Caso isso não ocorra na primeira votação, novas são realizadas até que um candidato vença. Uma vez eleito, o novo imortal é formalmente recebido na Academia em uma cerimônia de posse que inclui um discurso seu e saudações de membros veteranos.

Apesar da aura de celebração da literatura, as eleições da ABL não estão isentas de críticas. Elas são por vezes vistas como reflexo de dinâmicas de poder e influência mais do que mérito literário puro, levantando acusações de conservadorismo e elitismo.

No entanto, a não formalização da candidatura de Cascudo em 1957 para integrar a ABL na cadeira de José Lins do Rego, num momento em que ele já gozava de maior prestígio não parece ser uma postura de modéstia ou reserva, como ele faz parecer em algumas entrevistas. E também, quando se considera a enorme quantidade de filiações e prêmios internacionais do autor (Melo, s.d.).

Ao final de sua vida, Cascudo aparentemente guardava uma certa mágoa não expressa publicamente em relação à Academia Brasileira de Letras, devido à hesitação desta em reconhecer plenamente o foco folclórico, ou de cultura popular, do seu trabalho intelectual. Nesse aspecto, ele pode ser comparado a Monteiro Lobato, que formalizou sua candidatura à Academia Brasileira de Letras em duas ocasiões: em 1922 e 1926. Nessas ocasiões, Lobato esperava que obras suas, como "Urupês", fossem suficientes para sua consideração. No entanto, segundo uma reportagem da Revista Época de 2018, que se baseou em correspondências de intelectuais tornadas públicas, as votações pareciam ser determinadas principalmente por uma espécie de "ritual de beija-mãos", envolvendo campanhas de cartas implorativas aos membros da academia por votos (Bortoloti, 2018).

Lobato participou desse ritual com reservas uma das vezes e mesmo assim não foi eleito. Quando foi indicado mais tarde, já idoso e amplamente reconhecido, ele recusou formalizar sua indicação através de carta de aceitação da indicação para concorrer a uma cadeira. A reportagem mencionou outras personalidades conhecidas, como Lima Barreto e Jorge de Lima, que se envolveu em cinco campanhas com fervor, e Mario Quintana, que, em sua primeira tentativa, não resistiu à pressão da campanha e precisou ser internado numa clínica psiquiátrica. Quintana foi derrotado por Eduardo Portella, ministro da Educação do governo militar de João Baptista Figueiredo (Bortoloti, 2018).

Outra matéria da mesma revista revelou que, em 1940, Oswaldo de Andrade liderou uma grande campanha para ingressar na instituição. Essa campanha era campanha mesmo, com anúncios em jornais e rádios de São Paulo. Ele também fez diversas denúncias sobre o que chamava de "cambalacho", ou seja, as operações obscuras que guiavam as eleições. Segundo ele, apenas com um processo eleitoral honesto e amplamente divulgado a instituição poderia escolher os verdadeiros contribuidores à cultura para renovar seus membros, livrando-se da "paralisia senil" que guiava a instituição, segundo ele. Apesar do engajamento popular que a sua campanha política despertou, de quarenta votos possíveis ele recebeu apenas um. (Bortoloti, 2016)

De qualquer modo, não nos parece que seja correto determinar os critérios de eleição para a instituição a partir da ótica dos perdedores entre as décadas de 1920 a 1950. Cascudo, por exemplo, jamais falou abertamente sobre o tema e nós não fomos capazes de encontrar documentação que tratasse o tema diretamente, nos restando especular que talvez existisse mesmo no alvorecer de sua vida um pouco de mágoa e orgulho ferido.

Numa entrevista ao Roda Viva, João Ubaldo Ribeiro (2012), em suas observações sobre a seleção para a Academia Brasileira de Letras, aponta para uma espécie de "sabedoria tradicional" na seleção de seus membros que muitas vezes é subestimada por críticos externos. Segundo ele, a ABL sempre buscou manter uma composição diversa, incluindo figuras de diferentes esferas da sociedade brasileira, como um clérigo, um militar e um político. Essa prática evidencia um esforço da Academia em espelhar a multifacetada tapeçaria social do Brasil, reconhecendo que a literatura e a cultura não são domínios exclusivos de literatos de carreira, mas sim um campo onde diversas perspectivas e experiências contribuem para o enriquecimento do debate cultural. A seleção dos imortais, portanto, não apenas diversificaria as opiniões dentro da Academia, mas também refletiria um entendimento mais amplo de que a cultura é um

espaço de diálogo entre diferentes setores da vida nacional. Além disso, estratégias assim ajudariam a preservar a própria instituição, garantindo que ela permaneça relevante e representativa e protegida dos diversos grupos e interesses da sociedade brasileira, fortalecendo seu papel como uma entidade cultural fundamental.

Além disso, sua incursão na política, embora breve, reflete sua relevância e influência dentro da sociedade potiguar. Embora tenha declinado a oportunidade de concorrer ao Senado Federal, sua sondagem para tal posição evidencia o reconhecimento de sua figura como alguém capaz de representar os interesses do estado.

Mesmo em 2024, livros inéditos de Cascudo continuam sendo publicados. Um exemplo disso é "Ruas da Cidade do Natal", de Luís da Câmara Cascudo, cuja publicação está prevista pela EDUFRN para agosto de 2024. Datilografado em 1956 e originalmente prometido ao então prefeito Djalma Maranhão, o manuscrito oferece um panorama detalhado da cidade, abrangendo 463 logradouros.

Cascudo não apenas catalogou as ruas e seus nomes, mas também investigou a evolução dos treze bairros e as mudanças nos nomes das vias ao longo do tempo. Este enfoque detalhado nas camadas históricas da cidade indica uma tentativa de Cascudo de documentar e preservar a memória coletiva e a identidade cultural urbana de Natal. Ao fazer isso, o livro se posiciona como uma ferramenta analítica que transcende a simples coleção de fatos, proporcionando insights sobre como as estruturas urbanas podem servir como arquivos vivos da história social e cultural.

A publicação de "Ruas da Cidade do Natal" não apenas adiciona à bibliografia de Cascudo, mas também contribui significativamente para o corpo de conhecimento sobre o desenvolvimento urbano brasileiro. Este trabalho fornece um recurso essencial para estudiosos e entusiastas da cultura, ao mesmo tempo que fortalece o vínculo entre passado e presente, incentivando uma apreciação mais profunda do patrimônio cultural natalense. Assim, o lançamento deste livro reflete um esforço contínuo para valorizar e disseminar a rica tapeçaria cultural de Natal, desempenhando um papel crucial na educação e na preservação da história local.

5.3.6 Linha do tempo Biobibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1961-1970

Figura 18 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1961-1970



Elaborado pelo autor, 2024

1961 É promovido a professor catedrático de Direito Internacional Público da Universidade do Rio Grande do Norte, atual Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Publica com o autor português Vieira de Almeida o “Grande Fabulário de Portugal e do Brasil”. Publica “Ateneu Norte Riograndense”, “Etnografia e Direito” e a biografia “Vida Breve de Auta de Souza, 1876-1901”. Publica tradução crítica, com introdução e notas, de “Paliçadas e gases asfixiantes entre indígenas da América do Sul” de Erland Nordenskiöld.

1963 Realiza grande expedição à África, que resultará principalmente no livro em “*Made in Africa*”, mas marcará profundamente também “História da Alimentação no Brasil” e “A Cozinha africana no Brasil”. É criada a Medalha Cultural Câmara Cascudo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Publica “Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil”.

1964 É eleito sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Apoia o início do regime militar brasileiro. Em Natal é criado o Prêmio Literário Câmara Cascudo.

Publica “A Cozinha Africana no Brasil” e “Motivos da Literatura Oral da França no Brasil”.

1965 Publica “*Made in África*” e a biografia “Nosso Amigo Castriciano, 1874-1947: reminiscências e notas”.

1966 Publica “Flor de Romances Trágicos”, “Duó” e “Voz de Nessus”.

1967 Torna-se Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e aposenta-se da instituição que havia dado em 1965 o seu nome ao Instituto de Antropologia da Universidade.

Publica “História da Alimentação no Brasil”, “Folclore do Brasil” e “Mouros, Franceses e Judeus: três presenças no Brasil”, o primeiro é com certeza um clássico da antropologia brasileira.

1968 Publica “Pequeno Manual do Doente Aprendiz”, “Calendário das Festas”, “Coisas que o Povo diz”, “Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte” “O Tempo e Eu: confidências e proposições”, de caráter biográfico. E “Prelúdio da Cachaça: etnografia, história e sociologia da aguardente do Brasil.

1969 Publica “A Vaquejada nordestina e sua origem” e “Aristófanis: viva o seu personagem...”.

1970 É agraciado com o Prêmio Brasileiro de Literatura pela Fundação Cultural do Distrito Federal.

Publica “Gente Viva” e “Locuções Tradicionais do Brasil”.

A viagem à África em 1963 não apenas ampliou o conhecimento sobre as culturas africanas, mas também deixou sua marca nas obras subsequentes, como “História da Alimentação no Brasil” e “A Cozinha africana no Brasil”. Em relação a este último livro, Oliveira (2017) considera Cascudo como um agitador cultural local, que elaborou uma antropologia nativa influenciada por teorias do final do século XIX e pelo regionalismo modernista. Sua vasta produção bibliográfica contribui para a compreensão das expressões culturais populares, especialmente na alimentação, como símbolos da identidade brasileira tradicional. Cascudo inovou ao investigar as tradições alimentares do povo, priorizando o cotidiano e interpretando as escolhas alimentares

como influenciadas por ditames sociais e simbólicos. Ao explorar o paladar como princípio de interpretação, ele aproximou seus estudos das abordagens contemporâneas, destacando a diferença entre comida e fome. Sua análise da culinária brasileira reflete a mistura histórica do país, buscando mapear as contribuições das três matrizes étnicas na história alimentar do Brasil.

Para Oliveira (2017), o livro "A Cozinha africana no Brasil" é uma perfeita representação de como intelectuais "provincianos", como Cascudo, misturavam a cultura popular com as estruturas de poder em declínio, projetando funcionalmente no passado relações entre expressões folclóricas e formas antigas de poder.

Entretanto, parece haver uma simplificação excessiva das complexas relações entre cultura popular e poder. Críticas como essas parecem surgir de uma incompreensão do propósito da literatura e do papel do autor. Autores que retratam o mundo de forma realista não estão necessariamente endossando ou aprovando as realidades que descrevem, mas sim buscando refletir a complexidade da experiência humana e social. Criticá-los por isso seria como culpar o mensageiro pela mensagem.

Em 2017 foi lançada a série documental "História da Alimentação no Brasil", baseada no livro de Câmara Cascudo, foi produzida pela CINEBRASIL TV e está disponível no Amazon Prime Video. Dirigida por Eugenio Puppó, a série explora as tradições culinárias brasileiras resultantes da mistura entre indígenas, africanos e portugueses. Com depoimentos de chefs, artistas e estudiosos do Brasil e de Portugal.

Durante os anos de 1943 a 1962, Cascudo percorreu o Brasil, entrevistando uma variedade de pessoas, incluindo ex-escravizados, frequentadores de feiras, especialistas e donas de casa. Ele visitou domicílios de diferentes perfis, estudou a cultura indígena, consultou uma vasta bibliografia e viajou à África para investigar as origens de diversos pratos brasileiros. Essa extensa pesquisa permitiu a ele descobrir a procedência de ingredientes, utensílios, temperos e receitas, oferecendo compreensões sobre a formação da nossa cultura alimentar através de conexões históricas e geográficas.

A equipe da série tentou imitar Cascudo, viajando por várias cidades brasileiras e portuguesas, retratando a diversidade culinária de cada região. Os episódios têm certa semelhança com a estrutura do livro, destacando ingredientes essenciais e aspectos culturais, mostrando como a comida é um elemento central nas relações sociais. O

Instituto Ludovicus - Luís da Câmara Cascudo é creditado como um dos mais importantes apoiadores intelectuais da série.

O legado de Luís da Câmara Cascudo, particularmente evidenciado pela série documental "História da Alimentação no Brasil", baseada em seu trabalho e disponível na Amazon Prime Video, sublinha a relevância duradoura de suas pesquisas para o público contemporâneo. Ao enfatizar a combinação das influências indígenas, africanas e portuguesas na cozinha brasileira, a série não apenas homenageia Cascudo, mas também ressalta a alimentação como um fenômeno cultural profundo que vai além da nutrição. Esta abordagem serve como resistência cultural contra a globalização das dietas e reafirma a importância das tradições locais, tanto para a memória histórica quanto para a afirmação da identidade nacional.

"Cidade Invisível", uma série de ficção criada por Carlos Saldanha e desenvolvida por Raphael Draccon e Carolina Munhóz, é distribuída pela Netflix e estreou em fevereiro de 2021. Embora não seja diretamente baseada nas obras de Luís da Câmara Cascudo, nem o credite formalmente, a série é notavelmente influenciada pelos temas abordados pelo autor. O enredo concentra-se em um policial ambiental que, no curso de investigar a conexão entre a morte misteriosa de sua esposa e o aparecimento de um boto-cor-de-rosa morto em uma praia do Rio de Janeiro, descobre um mundo oculto habitado por entidades mitológicas do folclore brasileiro. Este cenário evidencia uma clara inspiração nos estudos de Cascudo sobre o folclore e as tradições culturais brasileiras, refletindo a pervasividade e a relevância de seu legado intelectual na mídia contemporânea.

Além disso, o trabalho de Cascudo e a adaptação de suas obras em formatos modernos ilustram como as novas tecnologias podem revitalizar e disseminar conhecimento histórico-cultural. As críticas, como as mencionadas por Oliveira (2017), que apontam para uma idealização nas relações entre cultura popular e formas de poder, destacam a necessidade de uma revisão crítica das obras de Cascudo. No entanto, essas críticas também reforçam o papel de suas análises em entender a dinâmica da sociedade brasileira, mostrando que Cascudo foi um intelectual crucial para debates sobre cultura, poder e identidade, cujas observações continuam a enriquecer as discussões sobre a formação cultural do Brasil.

Em livros como "Religião no povo", "Anúbis", "Tradição, Ciência do Povo", "Superstições e Costumes", "Meleagro" e até o pequeno "Pequeno Manual do Doente Aprendiz", mas na verdade por toda a sua obra e numa série de artigos, Cascudo

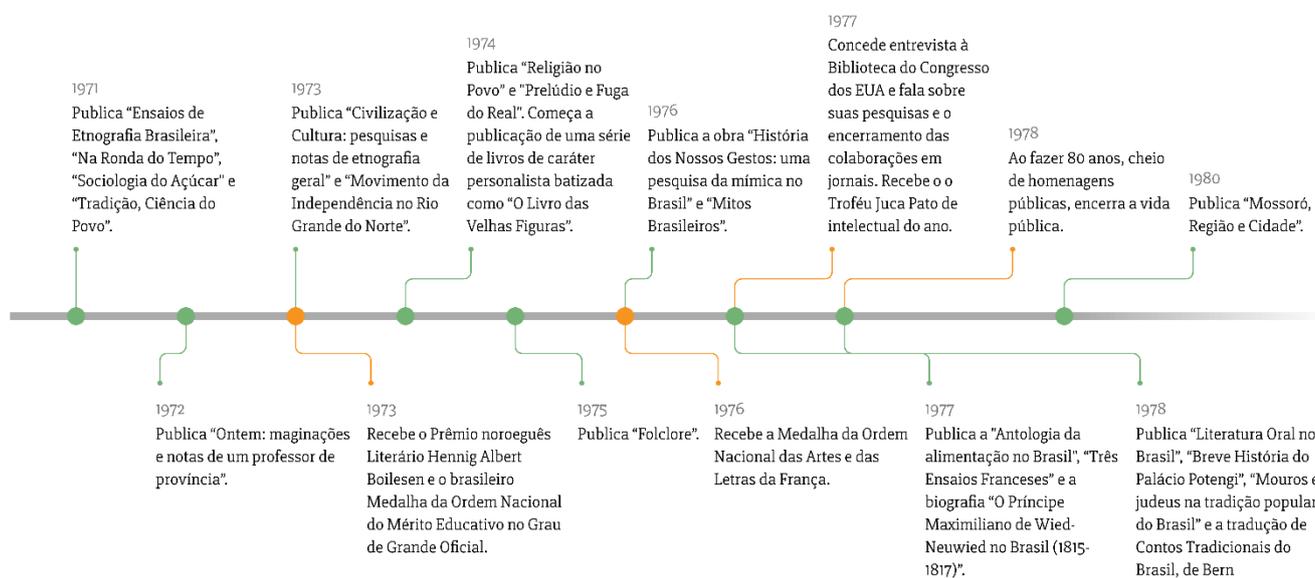
abordou a influência de práticas e conhecimentos tradicionais de cura de origem indígena e africana na medicina popular brasileira. Ele explorou o uso de ervas medicinais, rituais de cura e conhecimentos sobre o corpo e a saúde transmitidos por essas culturas. Cascudo fala de religião, superstições e crenças populares, muitas das quais têm origem nas tradições indígenas, africanas e europeias. Suas posições de que algumas das práticas mágicas muito populares no Brasil hoje tem origem grega e romana, não podendo serem encontradas na África e entre os indígenas brasileiros, são especialmente impopulares hoje.

Especialmente em livros como “Viajando o sertão”, “Vaqueiros e Cantadores”, “Literatura Oral no Brasil”, “Coisas que o Povo diz”, “Motivos da Literatura Oral da França no Brasil” e “Made in África”, Cascudo explorou a influência das línguas indígenas, africanas e europeias no vocabulário e nas expressões utilizadas na língua portuguesa falada no Brasil. Ele identificou palavras e expressões que foram incorporadas ao português brasileiro, enriquecendo-o com expressões regionais e populares.

Em "Gente Viva", Cascudo apresenta uma coletânea de crônicas que descrevem uma variedade de figuras que o autor conheceu ao longo de sua vida. Diferentemente de suas obras mais conhecidas que se concentram em folclore e etnografia, este livro foca nas pessoas — tanto figuras ilustres quanto comuns — oferecendo uma visão introspectiva de suas personalidades e contribuições culturais. Através de sua narrativa em "Gente Viva", Cascudo utiliza sua prosa para capturar e destacar traços característicos dos indivíduos retratados, revelando suas idiossincrasias e a importância de suas vidas dentro de um contexto cultural mais amplo. As crônicas servem não apenas como biografias, mas como estudos de personagens que refletem aspectos variados da sociedade brasileira. Cada retrato é enriquecido por referências históricas e culturais, evidenciando a habilidade de Cascudo em entrelaçar o pessoal com o coletivo, permitindo que histórias individuais iluminem temas sociais mais amplos. Assim, "Gente Viva" pode ser visto como um complemento essencial às obras mais teóricas de Cascudo, proporcionando uma análise das camadas sociais do Brasil através de narrativas pessoais.

5.3.7 Linha do tempo Biobibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1971-1980

Figura 19 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1971-1980



Elaborado pelo autor, 2024

- 1971** Publica “Ensaio de Etnografia Brasileira”, “Na Ronda do Tempo: diário de 1969” de caráter biográfico, “Sociologia do Açúcar: pesquisa e dedução” e “Tradição, Ciência do Povo”.
- 1972** Publica “Ontem: maginações e notas de um professor de província”.
- 1973** Publica “Civilização e Cultura: pesquisas e notas de etnografia geral” e “Movimento da Independência no Rio Grande do Norte”.
- 1974** Publica “Religião no Povo” e “Prelúdio e Fuga do Real”. Começa a publicação de uma série de livros de caráter personalista batizada como “O Livro das Velhas Figuras”.
- 1975** Publica “Folclore”.
- 1976** Publica a obra “História dos Nossos Gestos: uma pesquisa da mímica no Brasil” e “Mitos Brasileiros”.
- 1977** Publica a “Antologia da alimentação no Brasil”, “Três Ensaio Franceses” e a biografia “O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil (1815-1817)”.
- 1978** Publica “Literatura Oral no Brasil”, “Breve História do Palácio Potengi”, “Mouros e judeus na tradição popular do Brasil” e a tradução de *Contes traditionnels du Brésil* [Contos Tradicionais do Brasil] de Bernard Alléguede.
- 1980** Publica “Mossoró, Região e Cidade”.

A análise do fragmento da linha do tempo da vida pessoal de Luís da Câmara Cascudo durante a década de 1970 e início dos anos 1980 revela um período de intensa atividade intelectual e publicação prolífica. Cascudo continuou a explorar diversos aspectos da cultura brasileira e a contribuir significativamente para o campo dos estudos folclóricos e antropológicos.

Durante esses anos, ele publicou uma série de obras que abordavam uma variedade de temas, desde ensaios de etnografia brasileira até reflexões sobre a religião popular e a civilização. Suas obras refletem um profundo interesse pela cultura popular e uma dedicação em documentar e analisar suas manifestações em diferentes aspectos da vida cotidiana.

O livro *Civilização e Cultura*, uma das obras mais importantes do acervo elaborado por Cascudo, foi também um dos mais cuidadosamente elaborados. Pode-se dizer que é o resultado direto de sua disciplina de Etnografia, ministrada na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Norte (atual UFRN) entre 1955 e 1962. Na verdade, muitos dos livros de Luís da Câmara Cascudo podem ser atribuídas a esta disciplina. Isso porque esse era um tema caro a ele como pesquisador.

Mas esse livro, mais diretamente, foi pensado como uma espécie de conclusão do seu trabalho de leccionação. Dos sete anos de disciplina, seis foram dedicados à elaboração do texto, que ainda como manuscrito, foi disputado por Assis Chateaubriand (fundador

do MASP) que queria publicá-lo através da sua Sociedade de Estudos Brasileiros Dom Pedro II, e a Imprensa Estadual de Pernambuco, que Cascudo acabou escolhendo.

No entanto, concluído em 1962, dois anos depois ainda não havia sido publicado. O então reitor da Universidade de Brasília, Zeferino Vaz, solicitou a Cascudo uma obra original para divulgação da pesquisa científica brasileira e Cascudo requisitou à Imprensa Estadual o manuscrito para publicá-lo. Foi quando se constatou com certeza que o manuscrito havia sido perdido. Como o sumário havia sido previamente publicado, Cascudo o usou numa campanha na busca pelo original. Só o encontrou 9 anos depois. Na verdade, quem o encontrou foi a bibliotecária Zila Memede, que o endereçou ao Instituto Nacional do Livro em 1971, que se encarregou de entregá-lo a Cascudo como estava; amassado, rasurado e faltando páginas. Mas foi enfim publicado em 1973, pela Livraria José Olympio.

No livro em questão, Cascudo examina como as civilizações se desenvolvem e como a cultura é influenciada por esses processos. É aqui que ele apresenta cultura erudita e popular como complementares, com uma refinando os elementos dados por outra sem que nenhuma possa ser considerada necessariamente superior.

Ele explora como a cultura popular se entrelaça com as mudanças sociais, políticas e econômicas ao longo do tempo. Cascudo aborda temas como a evolução das tradições, os efeitos da globalização cultural, as influências entre diferentes culturas e a importância da preservação das raízes culturais locais. É uma reflexão profunda sobre a relação complexa entre a civilização, que muitas vezes é associada a avanços tecnológicos e organização social, e a cultura, que abrange os valores, crenças e expressões artísticas de um povo.

Vânia Gico, outra bibliotecária bibliógrafa especialista em Cascudo, salienta como na altura da publicação desse livro, lançado com atraso, Cascudo também publicou em forma de folheto o discurso *Universidade e Civilização*. Entre os dois livros há uma divergência entre os termos civilização. No primeiro Cascudo considera Civilização como o todo e cultura como a parte. A soma das culturas de um país, seriam a civilização como um todo. A civilização tem endereço físico, reside no povo e no seu Estado. Cultura pode ser objeto de exportação, através da língua, da literatura, do Direito, etc.

No entanto, no discurso *Universidade e Civilização*, proferido em 1959 em virtude da inauguração da UFRN, juridicamente fundada no ano anterior a partir da Universidade da Rio Grande do Norte e publicado como livro individual em 1988 e depois de novo em 2019 por ocasião da celebração de 60 anos da mesma universidade. Nesse discurso, cultura deixa de ser um órgão da civilização, por assim dizer, e passa a ser uma coisa maior que esta, caída de moda.

Mesmo que pouco, o manuscrito do livro *Civilização e Cultura* (1962), é posterior ao discurso *Universidade e civilização* (1959). De modo que a evolução parece se dar ao contrário. *Civilização*, que num primeiro momento parecia um conceito caído de moda, parece voltar a ter importância fundamental para o autor depois de sentar-se para redigir o manuscrito do livro, ou talvez até durante a sua revisão para publicação depois dos anos de manuscrito perdido. Essa hipótese é menos provável, já que o livro foi publicado com o mesmo sumário que havia sido publicado como prévia do livro antes da perda do manuscrito, indicando que as revisões anos depois, não seriam profundas.

Esse livro é, portanto, uma concisão das suas definições de cultura, folclore, “cultura popular”, que ele passou a preferir ao invés de folclore, por sua conotação simplista e reducionista, antropologia e etnografia com as quais ele trabalhava. Pode-se dizer que é um dos livros fundamentais para a compreensão de Cascudo.

Outro livro importante, “*História dos Nossos Gestos*” foi o livro que levou o autor desta pesquisa a conhecer o autor que é objeto dessa pesquisa. Descoberto por acaso na biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco, o livro imediatamente capturou a atenção do autor, revelando-se fascinante por conta própria, sem depender do reconhecimento ou da autoridade do autor, que na época era desconhecido para ele.

Em cada página deste livro é possível constatar e reconhecer a si mesmo como um membro legítimo de um povo através dos gestos feitos uma vida inteira sem nenhuma reflexão. Paradoxalmente, a constatação traz consigo um sentimento de ser único que é confusa. Depois de conhecê-lo é natural perguntar-se como este livro não é, ao lado de obras como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, *O Povo Brasileiro* de Darcy Ribeiro ou *Raízes do Brasil*, de Buarque de Holanda, um livro que todo brasileiro conhece, mesmo sem tê-lo lido. Ir mais adiante e pesquisar o autor do livro, é cair no clichê simbólico de quem esbarra num pedaço de gelo solto em mar aberto, mergulha para conferir seu tamanho, mas perde o ar antes de chegar ao seu final, seja para baixo

ou para os lados, pois deparou-se com uma montanha de gelo, um pedaço de continente de gelo que se desgrudou e se tornou um país de gelo que navega sem par.

Muito embora esse tipo de etnografia como disciplina acadêmica esteja fora de moda, parece permanecer ainda como uma matéria de curiosidade popular. No filme "Bastardos Inglórios"¹⁸, dirigido por Quentin Tarantino, por exemplo, uma trama fictícia de guerra que se passa durante a Segunda Guerra Mundial e segue várias tramas paralelas que convergem, há uma cena que se tornou icônica pela tensão que carrega.

Na cena, um grupo de oficiais ingleses e americanos (e uma atriz alemã, espiã) trajados como oficiais alemães, estão infiltrados num bar alemão na zona de guerra bebendo e cantando noite adentro. Entusiasmado, o inglês vira-se para o garçom e pede mais três cervejas indicando a quantidade usando os dedos indicador, médio e anelar. Um enorme silêncio tenso paira sobre todo o bar onde eles estão. Os oficiais alemães o percebem, a atriz o percebe e o público o percebem, mesmo sem saber ainda a razão, mas os espiões não. A tensão segue até culminar num intenso tiroteio em que quase todos morrem.

Acontece que quando o oficial esticou os dedos para sugerir três bebidas, o fez como um alemão jamais faria. Os alemães começariam a contar a partir do polegar até o dedo médio, não do indicador até o anelar. Só muito depois eles descobririam o que os entregou. A cena, interessante como é, levou para a cultura-pop novos debates sobre identidades nacionais e a legitimidade ou não de pesquisá-la. Esse tipo de pesquisa, acadêmica ou meramente curiosa, acaba nos levando quase que inexoravelmente para o colo da etnografia.

Muito embora o livro "História dos Nossos Gestos" tenha sido escrito por Cascudo como uma obra antropológica, mais precisamente etnológica, a pesquisadora do campo das Letras Ilza Matias de Sousa (2000), num artigo bastante enaltecido ao autor, o interpreta como uma obra melhor arranjada como pertencente ao campo da semiótica, ao lado de obras como do francês Roland Barthes e do americano Charles Sanders Peirce. Parece uma maneira inteligente de fugir de um labirinto de cactos, que seria o debate sobre a pertinência ou não desse tipo de pesquisa, sem renunciar à pesquisa em si, cujo valor não se pode negar.

¹⁸ *Inglourious Basterds*, no original, lançado em 2009 nos EUA.

No livro *História dos Nossos Gestos* são descritos, interpretados e rastreados, o que, para Sousa (2000), torna o livro eminentemente sobre linguagens. Sem se importar com a questão etnográfica, a autora entende que no momento em que o livro foi concebido no Brasil, na década de 1970, a antropologia vivia um momento de crise e reviravolta promovida pelo francês Claude Lévi-Strauss. A psicanálise de Jacques Lacan, rearticulava na Europa o modo como o comportamento humano era compreendido. Além de outras mudanças promovidas por outros autores. Desse modo, Sousa (2000) oferece como chave de leitura *Cascudo* interpretado à luz de Roland Barthes, para quem a análise dos signos e sua aplicação em diversas áreas influenciam a compreensão em diferentes contextos culturais, enfatizando a interpretação e a cultura como parte fundamental desse processo.

Talvez tenha escapado à autora que o mesmo Barthes (2004) citado aqui mesmo num capítulo anterior, é conhecido pelo argumento de que o autor de uma obra literária não deve ser considerado como a fonte única e definitiva de significado em um texto. Ele contesta a ideia tradicional de que o autor é o detentor supremo da interpretação de sua obra e propõe uma abordagem mais descentralizada da criação de significados. O fato de a autora ter alcançado essa interpretação, mesmo sem perceber inicialmente, demonstra uma notável convergência de pensamentos, quase uma sintonia fina, que vai além de uma simples pesquisa bibliográfica menos rigorosa.

Já "*Mitos Brasileiros*" foi mais um dos muitos opúsculos do autor, um folheto de 24 páginas, publicado primeiro como um artigo que condensa tudo o que foi tratado em *Geografia dos Mitos Brasileiros* em nova linguagem dentro do periódico *Cadernos de Folclore*. E só depois publicado como separata.

Além disso, *Cascudo* demonstrou um interesse particular pela história e tradições do Rio Grande do Norte, como evidenciado em suas pesquisas sobre o movimento da Independência no estado e a história do Palácio Potengi. Esses estudos regionais contribuíram para uma compreensão mais abrangente da cultura brasileira, ao mesmo tempo em que valorizavam a identidade local.

Sua incursão na biografia, como no caso da obra sobre o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, mostra sua habilidade em trazer à tona figuras históricas pouco conhecidas e explorar seu impacto na sociedade brasileira.

Cascudo também continuou a investigar temas específicos, como a mímica no Brasil e os mitos brasileiros, ampliando ainda mais o escopo de sua pesquisa e contribuindo para o enriquecimento do conhecimento sobre a cultura nacional.

Muito embora nós tenhamos considerado os livros "O tempo e eu" e "Na ronda do tempo" os únicos de caráter biográfico. Talvez seja mais preciso acrescentar a esta lista o livro "Ontem: maginações e notas de um professor de província", publicado por Luís da Câmara Cascudo em 1972. Esta é uma obra que se distingue em sua bibliografia por ser profundamente introspectiva e pessoal. Neste livro, Cascudo reflete sobre suas experiências e observações como um intelectual e professor vivendo fora dos grandes centros urbanos do Brasil. O autor compartilha memórias, anedotas e reflexões acumuladas ao longo de sua vida, oferecendo um olhar nostálgico e ao mesmo tempo crítico sobre o passado e as mudanças culturais e sociais de sua época. As "maginações", um jogo de palavras que evoca tanto imaginação quanto magia, revelam a habilidade de Cascudo em tecer narrativas que capturam a essência da vida cotidiana e da história local, ressaltando a riqueza das tradições e do folclore brasileiro. O subtítulo "notas de um professor de província" reforça o ponto de vista de alguém profundamente enraizado em sua comunidade local, mas com uma perspectiva ampla e erudita. Este livro é um testemunho da capacidade de Cascudo de conectar o local ao universal, demonstrando sua habilidade em narrar histórias que são ao mesmo tempo particulares e representativas de uma experiência brasileira mais ampla.

5.3.8 Linha do tempo Biobibliográfica de Câmara Cascudo, anos entre 1981-1986

Figura 20 — Linha do tempo Biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo, 1971-1980



Elaborado pelo autor, 2024

1981 Publica uma versão revisada e com notas de “Os Ciganos e Cancioneiros dos Ciganos” de Mello Moraes.

1982 Recebe a Medalha da Ordem das Artes e das Letras (da França) e a Medalha do Mérito Aeronáutico, no Grau de Grão-Mestre, pela Força Aérea do Brasil.

1983 Ele é agraciado com a Medalha Peregrino Júnior, concedida pela União Brasileira de Escritores. Além disso, a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), através do Instituto Nacional do Folclore, dedica um ano inteiro a Cascudo.

1984 É agraciado com a Medalha de Mérito Massangana, concedida pelo então Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj).

1986 Encanta-se. Em 30 de julho, na cidade de Natal, depois de uma internação por problemas renais, Cascudo morre em casa em decorrência de um ataque cardíaco.

Nessa última década o trabalho de Cascudo estava concluído. Nada de novo surge e nem ninguém espera que surja. Como acontece frequentemente com muita gente que escreve, no fim da vida Cascudo estava mais interessado em rever seu trabalho do que em escrever coisas novas. É um sinal de uma vida de trabalho completa, nos parece. Uma trajetória marcada por uma dedicação incansável à pesquisa, à preservação da cultura e ao reconhecimento de suas contribuições tanto no Brasil quanto internacionalmente. Seus últimos anos foram marcados por honrarias e reconhecimentos de seu trabalho.

Ao receber a Medalha da Ordem das Artes e das Letras da França e a Medalha do Mérito Aeronáutico, Cascudo foi reconhecido não apenas por sua excelência acadêmica, mas também por seu impacto cultural e social. A concessão dessas medalhas demonstra o alcance global de suas contribuições e seu papel na promoção da cultura brasileira no cenário internacional.

Além disso, as honrarias recebidas da União Brasileira de Escritores e da Fundação Joaquim Nabuco destacam sua importância dentro do contexto nacional. A dedicação de um ano inteiro a Cascudo pela Fundação Nacional de Artes também é uma homenagem significativa à sua influência e legado no campo do folclore e da cultura brasileira.

Quanto à relação de Luís da Câmara Cascudo com a academia, Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras, chamou Luís da Câmara Cascudo em alguma publicação sua de um provinciano incurável, por causa do seu interesse sincero e devotado à cultura popular brasileira. Isso porque, como defendido em sua obra "Civilização e Cultura", Cascudo atribuía à humanidade dois caracteres: enquanto universal fisiologicamente, era regional psicologicamente. Para ele, os temas e dramas humanos, embora universais,

adquiriam em cada localidade formas regionais que encapsulavam diferentes aspectos simbólicos. Símbolos psíquicos, costumes alimentares, entre outros (Bezerra, 2009).

Cascudo interessava-se pelo que havia de mais universal na cultura humana, mas abordava-a a partir das suas manifestações particulares no Brasil, tanto as trazidas quanto as originadas ou modificadas aqui. Não que essas manifestações formassem um conjunto harmônico abarcando todo o Brasil. Pelo contrário, o país era tão vasto que, apesar da unidade cultural, as manifestações que Cascudo procurava e explicava eram mais regionais do que a nacionalidade permitia. Ele se interessava por toda ela, mas especialmente pelas do Rio Grande do Norte. E se o seu interesse com relação à cultura local era um interesse focado na cultura popular, isso se devia à sua percepção de que a cultura brasileira não havia ainda gerado uma cultura erudita autenticamente sua. E que, portanto, era necessário conhecer a cultura do povo brasileiro e a cultura erudita universal, para então ser capaz de a digerir e a eruditizar. Sem isso não haveria cultura genuína, mas somente uma casca de erudição típica de uma colônia, que não compreende profundamente todas as sutilezas de uma cultura externa e nem refina ou compreende a sua própria cultura local.

Portanto, entre Cascudo e alguns outros intelectuais do Brasil do século XX havia tensões quanto à visão do homem e da cultura. Enquanto para a intelectualidade europeia do século XX as "raças" humanas estavam em desequilíbrio, com algumas sendo claramente superiores, como a história da Europa no século passado nos demonstra, temas psicológicos, como em Freud e Jung, pendiam para uma universalidade simbólica.

Para Cascudo, as raças tendiam para uma universalidade, enquanto os símbolos, embora remetessem a aspectos universais, adquiriam formas regionais. Essa abordagem soava heterodoxa entre a intelectualidade brasileira do século passado, que lia com atraso as obras que construíram lentamente o cenário que culminou em várias tentativas de extermínio de raças inteiras no coração da civilização ocidental.

Comparativamente a essa literatura, é irônico que Afrânio Peixoto tenha rotulado Cascudo de provinciano de maneira pejorativa. Cascudo, é claro, abraçou o epíteto e se descreveu usando essas palavras em muitas ocasiões. É justamente em "Civilização e Cultura" que Cascudo explica seu ponto de vista, sua abordagem regional do universal e como ela é, para ele, a única sensata. Somente através da cultura regional é possível

abarcara a cultura universal. Com essa abordagem, Cascudo parecia almejar posicionar o Brasil no mapa das grandes culturas humanas, não apenas como objeto de pesquisa, mas como produtor de pesquisa e como uma nova perspectiva de pesquisa. (NEVES, 2002).

Quando, na década de 1990, Paulo Arantes escreveu "Um Departamento Francês de Ultramar", descrevendo o clima intelectual na São Paulo dos anos 1960 que foi responsável pela fundação do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo para ser o coração de uma universidade de elite do Brasil e sua pretensão de ser um legítimo departamento de filosofia francesa ultramarina, isso mostra que, pelo menos até a publicação de Cascudo pela editora paulista José Olympio em 1973, a concepção de universidade brasileira ainda estava distante da de Cascudo. Na verdade, na dedicatória deste livro, ele escreveu que dedicava a obra aos professores provincianos do Brasil universitário de então. O livro de Arantes (1994) que descreve uma saga acontecida na década de 1960, é, nesse sentido, contemporâneo ao primeiro manuscrito do livro de Cascudo (2017) "Civilização e Cultura, que como vimos, foi escrito na década de 1960, mas perdido pelos editores originais e reescrito no começo da década de 1970, como vimos no comentário anterior.

Cascudo não estava sozinho nessa perspectiva. Fica evidente nas cartas trocadas entre ele e Mário de Andrade, assim como em muitas publicações individuais deste, que essa era uma perspectiva compartilhada pelos dois, assim como mais alguns outros intelectuais. E que foi essa a semente do movimento moderno brasileiro, muito embora pareça não ter sido compreendido por intelectuais, artistas e jornalistas que viam e produziam uma miscelânea confusa de impulsos atribuídos a um mesmo movimento artístico e intelectual.

A conclusão de Matheus Silveira Lima (2008) num artigo a respeito do "percurso intelectual de Luís da Câmara Cascudo" nos parece acertar bem na veia:

O período em que Luís da Câmara Cascudo atua como pesquisador e intérprete do Brasil é, possivelmente, o mais prolífico da história intelectual do país. Um momento de descobertas e de aprofundamento das questões políticas, econômicas e culturais. Nesse sentido, a obra de Cascudo está imbuída da tentativa de dar resposta menos aos desafios da modernização do país, temática cara ao período em questão, e mais em apresentar as características de uma cultura que,

diante da modernidade, poderia mudar, extinguir-se ou descaracterizar-se, sem antes ter sido conhecida.

Essa perspectiva que permeia a conduta de Câmara Cascudo teve a virtude de torná-lo o personagem que, em grande medida, apresentou o país a si mesmo a partir das suas particularidades mais corriqueiras e cotidianas, fazendo dele um pensador não só ilustre, mas, para além desse fato, uma espécie de autoridade sobre o folclore e a cultura nacional, raras vezes se encontrando autores que hajam cumprido papel similar em outros países. O prestígio de Câmara Cascudo transcende a academia e sob certos aspectos ganha ares de vulto da nação, levando-o, inclusive, a ter a efígie em uma cédula da moeda nacional na década de 1980.

Talvez as características de sua obra, extensivamente descritiva e com pouca influência das ideologias de seu tempo, tenham contribuído para apaziguar maiores resistências à *démarche* de Cascudo. Entretanto, essa mesma característica — descritiva e apartada dos embates em torno da interpretação do Brasil — acabou contribuindo para colocá-lo muito cedo em um panteão, o que fez com que sua obra tenha sido pouco estudada e problematizada, sendo até mesmo negligenciada pelas ciências sociais. Os poucos estudos realizados sobre Cascudo trazem, sem dúvida, contribuições importantes, mas são ainda insuficientes para responder às inúmeras questões que aparecem da vasta obra do autor, o que só será possível com o adensamento de investigações que se centrem nos aspectos mais especializados da infinidade de textos que o autor deixou como legado e que enfrentem, mesmo errando, as (imensas) possibilidades de interpretação da realidade abertas por ele. (Lima, 2008, p.188-189).

Quanto à universidade contemporânea brasileira: é claro que a atmosfera na universidade Brasileira mudou e que uma perspectiva mais ou menos como a de Cascudo é agora a perspectiva mais popular. Mas é difícil precisar o quanto Cascudo e a sua obra foram os responsáveis por essa mudança de mentalidade, seja de maneira direta ou de maneira indireta.

Talvez, ao menos para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos parece que haja grande influência da perspectiva cascudiana. Em 21 de março de 1959, por ocasião

da instalação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e em nome das Congregações de todas as Faculdades, Cascudo (2018) pronuncia um discurso chamado "Universidade e Civilização". Este discurso foi reeditado nas celebrações dos 30 anos de fundação da UFRN, em 25 de junho de 1988, e novamente em 2018, em homenagem aos seus 60 anos. Na sua fala, Câmara Cascudo aborda os esforços na construção e na fundação daquela Universidade, estabelecendo paralelos entre a nova instituição e a tradição europeia dos séculos XII e XIII, identificando possíveis vestígios através de estruturas, rituais e outras manifestações. Ele também destaca as dificuldades de acesso e manutenção do ensino, discutindo os custos envolvidos e os privilégios associados ao processo de obtenção do conhecimento.

Nesse livro póstumo, Cascudo (2018) enfatiza a missão da universidade na formação de profissionais e na promoção do desenvolvimento humano através da partilha de observações e experiências, onde os professores, como "veteranos da campanha de sonhar e sofrer", não apenas transmitem o conhecimento dos livros, mas também compartilham suas impressões pessoais do mundo e da sensibilidade. Ele argumenta que as lições de uma universidade devem ir além do aspecto funcional da formação profissional, estimulando a curiosidade epistêmica em direção ao "júbilo criador" e encorajando a busca de conhecimentos que transcendem os limites da instituição.

O autor também discute as mudanças na cultura e seus elementos, concebendo a cultura como um conjunto de técnicas, doutrinas e práticas, bem como um patrimônio tradicional de normas, doutrinas e hábitos transmitidos e enriquecidos ao longo das gerações. Ele argumenta que a cultura não está fadada à perda, mas sim à transformação. Da mesma forma, a civilização, como um índice diferencial que reflete a marca coletiva e visível ao longo das eras, revela a identidade nacional e a capacidade de fusão, coesão e adaptabilidade das culturas.

Cascudo sugere que a universidade deve se fundamentar na mutabilidade da cultura, sem perder de vista os valores da civilização aos quais está historicamente ligada, através de vestígios ainda presentes e que se incorporam ao seu *ethos*.

Seja como for, nos parece que ainda é tempo e permanece relevante compreender a obra, e para compreendê-la bem, a vida do autor Luís da Câmara Cascudo. Como definiu Gilton de Oliveira no subtítulo da sua biografia, Luís da Câmara Cascudo é "um homem chamado Brasil".

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aparentemente, a Documentação e a Ciência da Informação, devido à sua natureza intrínseca, têm desenvolvido ou, pelo menos, aprimorado ferramentas que, além de sua simplicidade e versatilidade, servem tanto como infraestrutura para pesquisas futuras, como também representam uma pesquisa relevante em si mesma sobre um indivíduo tão popular quanto superficialmente compreendido. Além disso, as discussões contemporâneas reforçam que as dimensões documentais, conectadas com outras, instauram um novo momento para os estudos da Documentação. Logo, a vida e obra do autor, Luís da Câmara Cascudo, estabelecem um ponto de partida para discussões teóricas e incursões metodológicas que sinalizam este momento e possibilitam um incremento às iniciativas existentes. Por fim, também considerando o que foi mencionado antes a respeito da “babilônia” de publicações de e sobre Cascudo e essa atmosfera de tensão entre organização e caos documentais, parece-nos oportuna a tarefa de enumerar as contribuições biobibliográficas do autor, ao mesmo tempo em que apontamos as potencialidades e as lacunas dos mapeamentos anteriores da vida e da obra do autor.

Ao examinar a extensa e multifacetada produção bibliográfica sobre Luís da Câmara Cascudo, torna-se evidente que sua importância transcende os limites da mera erudição histórica ou literária. A variedade de abordagens e tipologias documentais apresentadas reflete não apenas a complexidade de sua obra, mas também a riqueza de sua contribuição para a compreensão da cultura brasileira em suas múltiplas camadas.

As autobiografias de Cascudo, como "O Tempo e Eu: confidências e proposições", "Na Ronda do Tempo: diário de 1969" e também "Ontem: imaginações e notas de um professor de província", oferecem insights valiosos não apenas sobre sua vida pessoal, mas também sobre suas visões e reflexões acerca do Brasil e de sua cultura. As biografias elaboradas por autores como Diógenes da Cunha Lima e Gilson Oliveira ampliam ainda mais nossa compreensão sobre os contextos históricos, sociais e intelectuais nos quais Cascudo estava inserido, lançando luz sobre suas influências e legados.

As bibliografias e biobibliografias compiladas por estudiosos como Zila Mamede, Vânia Gico e Américo de Oliveira Costa representam preciosos recursos para pesquisadores interessados em explorar a obra de Cascudo de maneira mais sistemática

e abrangente. Elas não apenas catalogam suas obras, mas também oferecem análises críticas e contextualizações que enriquecem nossa compreensão sobre seu significado e impacto.

Além disso, outras fontes como as cartas trocadas entre Cascudo e Mário de Andrade, bem como dicionários críticos dedicados à sua obra, revelam a amplitude e a profundidade de seu diálogo com outros intelectuais e a relevância de sua produção para o debate cultural brasileiro.

A nós soa estranho que somente as cartas entre Cascudo e Mário de Andrade tenha sido publicadas em forma de livro. Sendo ele um conhecido missivista, há cartas com pesquisadores e personalidades do mundo todo. Uma coleção com toda essa correspondência em forma de livro, mesmo sem apelo comercial, seria interessante para revelar e até ensinar como formar e alimentar uma rede de contribuição entre pesquisador num mesmo país e fora dele.

Diante da análise das biografias disponíveis sobre Luís da Câmara Cascudo e de sua própria produção literária autobiográfica, é possível notar lacunas significativas que demandam uma abordagem crítica e aprofundada por parte dos pesquisadores. A falta de um intérprete que explore de forma profunda e ampla a vida e obra de Cascudo, sem se deixar levar apenas por sentimentos de admiração ou proximidade pessoal, evidencia a necessidade de uma pesquisa que vá além do mero relato de episódios anedóticos ou do tom sentimental que permeia algumas obras biográficas. Assim como a falta de uma catalogação completa de seus artigos ou de alguém que catalogue toda a sua correspondência intelectual, nacional e internacional, além das cartas trocadas com Mário de Andrade.

A presente pesquisa, ao revisar e analisar as diversas biografias e obras autobiográficas de Cascudo, lança luz sobre essa carência, destacando a importância de uma abordagem crítica e embasada que possa oferecer uma compreensão mais abrangente e profunda desse importante autor brasileiro. Ao enfatizar aspectos biográficos e bibliográficos muitas vezes negligenciados, busca-se suprir parte das lacunas existentes, proporcionando uma visão mais completa e contextualizada de sua vida e produção intelectual.

A trajetória biobibliográfica de Luís da Câmara Cascudo revela-se como um campo vasto e complexo, cuja análise demanda um esforço metódico e multifacetado. Ao

longo das décadas, diversas obras foram dedicadas a mapear sua vida intelectual e sua produção literária, cada uma contribuindo de maneira única para a compreensão desse ícone da cultura brasileira. No entanto, é evidente que lacunas persistem, mesmo nas obras mais abrangentes e elogiadas.

As críticas direcionadas às bibliografias existentes ressaltam, em particular, a limitação temporal de algumas delas, bem como a ausência de uma abordagem mais abrangente e atualizada. A obra monumental de Zila Mamede, por exemplo, celebrada por sua extensão e profundidade, abrange apenas os primeiros cinquenta anos da vida intelectual de Cascudo, deixando de fora um período significativo de sua produção. Da mesma forma, a continuação desse trabalho por Vânia Gico, embora valiosa, ainda reflete essa limitação temporal.

A novidade trazida por esta pesquisa reside não apenas na identificação dessas lacunas, mas também na proposta de supri-las. Ao reunir e analisar criticamente as diversas bibliografias e fontes disponíveis, além de destacar a importância do trabalho do Instituto Câmara Cascudo na compilação online de sua produção, este estudo lança luz sobre os desafios e oportunidades de se compreender integralmente a vida e obra desse importante intelectual brasileiro.

No entanto, é necessário reconhecer que mesmo essa compilação online, embora abrangente, carece de uma contextualização e análise, especialmente no que diz respeito aos aspectos biográficos e literários de Cascudo. Portanto, há um convite implícito para futuras pesquisas a aprofundar ainda mais esse campo, preenchendo as lacunas deixadas pelas obras existentes e oferecendo uma compreensão mais completa e atualizada da figura de Luís da Câmara Cascudo e de seu legado para a cultura brasileira. Isso porque o nosso trabalho não deixou de ser um trabalho superficial, na medida em que optou por ser abrangente e servir como guia geral para futuros pesquisadores.

Em suma, a análise das obras de Américo de Oliveira Costa, especialmente "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo" e "Seleta de Luís da Câmara Cascudo", oferece uma visão valiosa sobre a vida e obra do renomado folclorista potiguar. Costa desempenha um papel crucial ao apresentar Cascudo a novos leitores e guiar pesquisadores mais experientes através de uma cuidadosa seleção e análise dos textos do autor. No entanto, sua abordagem não é isenta de críticas, especialmente no que diz respeito à profundidade da bibliografia sobre Cascudo e à perspectiva elogiosa adotada em seu ensaio biobibliográfico.

Além das contribuições de Costa, obras como o "Dicionário Crítico Câmara Cascudo", organizado por Marcos Silva, e "Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Cartas 1924-1944", organizado por Marcos Antonio de Moraes, são consideradas essenciais para uma compreensão abrangente da vida e do legado intelectual de Cascudo. No entanto, é importante reconhecer a vasta e variada fortuna crítica que continua a se expandir, explorando diferentes aspectos da vida e obra de Cascudo, bem como reinterpretando seu legado à luz das questões contemporâneas.

Dessa forma, a pesquisa realizada destaca a relevância contínua de Câmara Cascudo como figura central no estudo da cultura e do folclore brasileiros, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de uma abordagem crítica e contextualizada para compreender sua contribuição no contexto do século XXI.

Portanto, a conclusão deste trabalho reforça não apenas a importância de Luís da Câmara Cascudo como figura central na construção da identidade cultural brasileira, mas também a necessidade de se adotar uma abordagem interdisciplinar e documentalmente fundamentada para compreender plenamente seu legado. Ao estabelecer esse diálogo entre Documentação, Ciência da Informação e outras áreas do conhecimento, podemos não apenas preservar e disseminar seu vasto patrimônio intelectual, mas também enriquecer nosso entendimento sobre a complexidade e a diversidade da cultura brasileira.

A vida e obra de Luís da Câmara Cascudo representam um marco na história intelectual do Brasil. Seus últimos anos foram marcados por reconhecimentos e honrarias, tanto nacional quanto internacionalmente, destacando sua dedicação incansável à pesquisa e preservação da cultura brasileira. Cascudo, embora tenha sido rotulado por alguns como provinciano, tinha uma perspectiva única sobre a cultura, vendo-a como uma interseção entre o universal e o regional. Sua abordagem pioneira influenciou não apenas a academia, mas também a visão do Brasil como uma cultura rica e multifacetada. Apesar de sua obra descritiva e afastada das ideologias de sua época, Cascudo permanece uma figura emblemática, cujo legado continua a ser explorado e valorizado, especialmente no contexto da universidade brasileira contemporânea.

A análise das contribuições culturais e intelectuais de Luís da Câmara Cascudo revela um panorama complexo de interações entre a produção acadêmica e as correntes políticas de seu tempo. Suas relações com o Integralismo e o recebimento de algumas honrarias, num período conturbado da história do mundo, como por exemplo a

mencionada Cruz de Cavaleiro da Coroa da Itália no período fascista, são aspectos que exigem uma interpretação cautelosa e contextualizada de seu legado. No entanto, assim como Jorge Amado, cujo trabalho foi reconhecido internacionalmente em contextos ideológicos específicos, Cascudo também navegou em um ambiente marcado por intensas disputas ideológicas. Contudo, é imperativo reconhecer que, apesar das possíveis influências ideológicas, o valor de sua obra transcende essas circunstâncias, oferecendo uma contribuição genuína e duradoura à cultura brasileira.

Cascudo, estudioso incansável da cultura popular brasileira, deixou um legado que se estende muito além das suas possíveis alianças políticas. Seu trabalho sobre folclore, mitos, ritos e práticas sociais do Brasil é uma fonte inestimável de conhecimento e compreensão da identidade nacional. Essa obra deve ser avaliada com uma apreciação crítica que separa o intelectual de suas eventuais escolhas políticas. Afinal, como qualquer figura histórica, Cascudo foi um produto de seu tempo, enfrentando desafios e dilemas que são, por vezes, difíceis de serem completamente compreendidos pelas gerações posteriores.

Portanto, ao refletirmos sobre o legado de Luís da Câmara Cascudo, devemos nos esforçar para adotar uma abordagem equilibrada, reconhecendo seus méritos acadêmicos e culturais sem ignorar as complexidades de suas escolhas e do contexto em que viveu. Ao fazermos isso, não apenas honramos sua memória de maneira mais autêntica e respeitosa, mas também promovemos um entendimento mais profundo das dinâmicas entre cultura, política e ideologia no Brasil do século XX. Em última análise, o legado de Cascudo, embora possa ser relativizado em alguns aspectos, possui um valor real e substancial, moldando significativamente a forma como compreendemos e valorizamos a rica tapeçaria cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Da Costa. Um Perfil Autêntico. In: **Província**, n. 2. Natal: Fundação José Augusto, 1968. 157 p.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Consultando o Cascudo: gêneros textuais, escrita de si e interpretação do Brasil no Dicionário do Folclore Brasileiro de Luís da Câmara Cascudo. **Escrita da História**, n. 3, p. 14-30, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/33520341/Dossi%C3%AA_Consultando_o_Cascudo_Durval_Muniz_de_Albuquerque_J%C3%BAnior. Acesso em: 09 jan 2023.
- AMADO, Jorge. Mestre Cascudo, tão jovem. in **Revista Província** 2. 2. ed. fac-similar. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, Fundação José Augusto, IHGRN, 1998. 148 p.
- ANDRADE, Benedita Vieira de. Cartas de Mário de Andrade a Câmara Cascudo: representações discursivas de amizade. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 18, p. 21-33, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/6G3zpxxJKJLw5rQTRvVgWyG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- ARAÚJO, André Vieira de Freitas et al. A Bibliografia entre o local e o global: perspectivas históricas e aplicadas. **Em Questão**, v. 25, p. 1-5, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/96805/54475>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Asas de Sófia**: ensaios cascudianos. Natal: EDURN. 1997.
- ARTIGOS. In: LUDOVICOS, **Instituto Câmara Cascudo**. Natal: Instituto Câmara Cascudo. [2020?]. Disponível em: <http://www.cascudo.org.br/biblioteca/obra/decascudo/artigos/>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6029: **Informação e documentação**: Livros e folhetos. Rio de Janeiro, p. 162. 2006.
- BANDEIRA, Milena Buarque Lopes. **Câmara Cascudo e Mário de Andrade**: diálogos latino-americanos no modernismo brasileiro. 2023. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/32bffd73-153e-4c1c-aece-b39171c30f6b>. Acesso em: 26 mar. 2023.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. O rumor da língua, v. 2, p. 57-64, 2004.
- BEZERRA, Marcel. Câmara Cascudo. Um Provinciano Cosmopolita que descobriu o brasileiro. In: **Revista Nordeste Vinte Um**. Fortaleza: Editora Assaré Ltda., Ano I, No. 3, julho 2009.
- BORTOLOTTI, Marcelo. O beija-mão na Academia Brasileira de Letras: Cartas e bilhetes de grandes escritores brasileiros revelam manobras de bastidor nas eleições da

- Academia Brasileira de Letras. **Época**, [S. l.]. 2018. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2018/03/o-beijamao-na-academia-brasileira-de-letras.html>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BORTOLOTI, Marcelo. Quem foi o autor do único voto para Oswald de Andrade na Academia Brasileira de Letras: Uma carta mostra agora que o autor não foi quem a história contava MARCELO BORTOLOTI. **Época**, [S. l.], 25 nov. 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2016/11/quem-foi-o-autor-do-unico-voto-para-oswald-de-andrade-na-academia-brasileira-de-letras.html>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BRENNAND, Francisco. Francisco Brennand, mestre dos sonhos. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 113—124, 2012. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v16i2p113-124. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44892>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- BRITANNICA, Encyclopaedia et al. **Encyclopædia britannica**. 1993.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História Da Literatura Ocidental**. Brasília: Senado Federal, 2008.
- CARVALHO, Flávia Medeiros de. **O dicionário do folclore brasileiro: um estudo de caso da etnoterminologia e tradução etnográfica**. 2013. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/14651/1/2013_FlaviaMedeirosdeCarvalho.pdf. Acesso em: 09 jan 2023.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma patricia: crítica literária**. Natal: Fundação José Augusto, 1998.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1965
- CASCUDO, Luís da Câmara. Aos 80 anos, um homem que não diz "amém" nem vai "atrás do andor". **Diário de Pernambuco**, Panorama, Secção D, Página Um, Recife, Domingo, 3 de dezembro de 1978. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_15&pagfis=4235 Acesso em: 20 dez. 2022.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e cultura**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2017.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global Editora, 2015.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in África**. São Paulo: Global Editora, 2015.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **O tempo e eu: confidências e proposições**. Natal: EDUFRN, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião no povo**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Universidade e civilização**. Natal, RN: EDUFRN, 2019. 50 p.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO. **Dicionário Biobibliográfico de Autores Brasileiros**: Filosofia, Pensamento Político, Sociologia, Antropologia. Salvador, Brasília: CDPB, Senado Federal, 1999. 506 p.

Centro Nacional De Folclore E Cultura Popular. **Revista Brasileira de Folclore**. In: Revista Brasileira de Folclore. [S. l.]: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, [2018]. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=48. Acesso em: 9 dez. 2022.

CERN, A. **A short history of the Web**. 2022. Disponível em: <https://home.cern/science/computing/birth-web/short-history-web>. Acesso em: 23 out. 2023.

CHACON, Vamireh. **Gilberto Freyre**: uma biografia intelectual. Brasiliana, 1993.

CIRNE, Moacy. Câmara Cascudo, um brasileiro feliz. LIMA, Diógenas da Cunha. **Ciência e Trópico**, Recife, ano 1, v. 28, p. 105-107, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/730/470>. Acesso em: 11 jul. 2023.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. **Câmara Cascudo, o jornalista integralista**. CCHLA-UFRN, 1995. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/pesquisadores/luiz_gonzaga_cortez/livro_cascudo_integralista.pdf. Acesso em: 26 mar. 2023.

COSTA, Bruno Balbino Aires da. Afirmar a existência intelectual do Rio Grande do Norte no campo da literatura nacional”: um ensaio sobre a criação do Grêmio Polymathico e da Revista do Rio Grande do Norte. *in* **Capítulos de história intelectual do Rio Grande do Norte**. Natal: IFRN, 2018. p.313 a 340. <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1669/Cap%C3%ADtulos%20de%20Historia%20Intelectual%20do%20RN%20-%20E-Book.pdf?sequence=5&isAllowed=y>

DA MATA, Diogo Xavier; SALDANHA, Gustavo Silva. A vida íntima das sombras. InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 10, n. 2, p. 71-91, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/152268> Acesso em 19 de agosto de 2021

DE SOUSA, Ilza Matias. Câmara Cascudo e a história dos nossos gestos: o homem, um signo. **Revista Cronos**, v. 1, n. 1, p. 41-48, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/10719>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DO JC ONLINE. **Morre o jornalista Gildson Oliveira**: Potiguar, ele trabalhou muitas décadas em Pernambuco e ganhou o Prêmio Esso. In: Jornal do Commercio. Recife, 12

nov. 2014. Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/11/12/morre-o-jornalista-gildson-oliveira-155714.php>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FREITAS, Edilson Santos de. **Luís da Câmara Cascudo**: o folclorista — sua contribuição ao Folclore brasileiro nas décadas 40/50. 1999. Disponível em: <http://ftp.editora.ufrn.br/bitstream/123456789/277/1/2mara%20cascudo%20%20o%20folclore%20e%20sua%20contribui%c389cadas%20de%2019401950.pdf> Acesso em 5 de setembro de 2020.

GALVÃO, Cláudio Augusto Pinto. **Alguns compassos**: Câmara Cascudo e a música (1920/1960). Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20062011-111223/pt-br.php>. Acesso em: 30 mar. 2023.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Câmara Cascudo e Mário de Andrade**: uma sedução epistolar. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional—Mário de Andrade, v. 30, p. 110-127, 2002.

GICO, Vânia de Vasconcelos. Civilização e Cultura. *in* SILVA, Marcos. **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva/USP/Fapesp, 2003. p.34-38.

GICO, Vânia. **Luís da Câmara Cascudo**: bibliografia comentada, 1968/1995. EDUFRN, 1996.

GOMES, Salatiel Ribeiro. **Vaqueiros e cantadores**: a dezafricanizada cantoria sertaneja de Luis da Câmara Cascudo. Padê: Estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos (encerrada), v. 1, n. 1, 2008. Disponível em:

<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pade/article/view/341>. Acesso em: 22 mar. 2022.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HONRARIAS. In: LUDOVICOS, **Instituto Câmara Cascudo**. Natal: Instituto Câmara Cascudo. [2020?]. Disponível em: <http://www.cascudo.org.br/biblioteca/vida/honrarias/>. Acesso em: 14 ago. 2020.

III Encontro Nacional Cultura e Tradução (ENCULT). Cascudo leitor de Montaigne: a tradução como diálogo. 2014. (Encontro). Por Regina Lúcia de Medeiros

Instituto Brasileiro De Bibliografia; Documentação. **Quem é quem na biblioteconomia e documentação no Brasil**. IBBD, 1971. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/991> Acesso em: 11 maio. 2020.

JERÔNIMO, Geraldo. Principal monumento histórico do RN, Marco de Touros é transferido do Forte dos Reis Magos para museu. **G1 Rio Grande do Norte**, [S. l.], 4 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do->

<norte/noticia/2021/02/04/principal-monumento-historico-do-rn-marco-de-touros-e-transferido-do-forte-dos-reis-magos-para-museu.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2023.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. Uma relação desvelada: a interação entre a Biblioteca Nacional e o Instituto Internacional de Bibliografia sob a égide dos ideais de Paul Otlet, Henri La Fontaine e as ações de Manoel Cícero Peregrino da Silva. In: **Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação**, 15., 2014, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ANCIB, 2014. p. 91-109. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt1>. Acesso em: 22 nov. 2014.

KAKUZO, Okakura; BLEILER, E. F. O livro do chá. São Paulo: Pensamento 2008.

KROEFF, Marcia Silveira; MATTOS, Miriam CCMM; MADALENA, Críchyna da Silva. Paul Otlet. **As contribuições de Paul Otlet para a Biblioteconomia**. Florianópolis: Editora ACB, 2018.

LIMA FILHO, Diógenes da Cunha. **Bibliografia de Luís da Câmara Cascudo**. Oficinas Gráficas da Impr. Universitária de Rio Grande do Norte, 1965.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: Com vivência**. Natal: Caravela Selo Cultural e 8 Editora, 2015.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo: Um Brasileiro Feliz**. Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 2ª Edição, 1993.

LIMA, Matheus Silveira. Percurso intelectual de Luís da Câmara Cascudo: modernismo, folclores e antropologia. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 34, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2242>. Acesso em: 17 out. 2022.

LINARES COLUMBIÉ, Radamés. **Ciencia de la información: su historia y epistemología**. Bogotá: Rojas Eberhard, 2005.

LYRA, Carlor. **Depoimentos**. Memória viva de Câmara Cascudo, 1998. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>. Acesso em: 17 de set. de 2020.

MACHADO, Charliton dos Santos José; FIALHO, Lia Machado Fiuza; DE VASCONCELOS, Larissa Meira. Pelos fios das memórias do livro e da leitura: o arquivo Zila da Costa Mamede. **Holos**, v. 5, p. 333-346, 2013. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1721>. Acesso em: 17 out. 2022.

MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968: bibliografia anotada**. Fundação José Augusto, 1970.

MEDEIROS, Gislainy Alencar. **Luís da Câmara Cascudo: a produção histórica de uma subjetividade integralista (1910-1940)**. (Dissertação Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2005. Disponível em:

[https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/39814/1/DISSERTA%
c3%87%c3%83O%20Gislainy%20Alencar%20Medeiros.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/39814/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Gislainy%20Alencar%20Medeiros.pdf). Acesso em: 04 out. 2021.

MEDEIROS, Regina Lúcia de. Cascudo leitor de Montaigne: a tradução como diálogo. **Cultura e tradução**. v. 2 n. 1 (2014)

MEDEIROS, Regina Lúcia de. Cascudo leitor de Montaigne: a tradução como diálogo. **Cultura e tradução**. v. 2 n. 1, 2014

MELO, Silva. Luis da Câmara Cascudo, IN **Província**. Natal: Fundação José Augusto, s.d., 148p.

MELO, Veríssimo de. Mestre Américo de Oliveira Costa. **Tribuna do Norte**, Natal, 25 ago. 1996. Memória. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=887946841286108&set=ms.c.eJw9zNEJADAIQ8GNStXUXP0XK1Tq5~%3BFcJBZSgbQCfKkNc6VtfUe7vpN1nJw9u5~%3Bx~_wtDtW0TxQ~---.bps.a.887946817952777. Acesso em: 5 jan. 2024.

MENEZES, José Rafael de. **O mestre-escola brasileiro**. Recife: Conselho Municipal de Cultura [da Prefeitura do Recife], 1982.

MORAES, Marcos Antonio de et al. **Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Cartas, 1924-1944**. São Paulo: Global, 2010.

MORAES, Marcos Antonio de. Mário de Andrade da Câmara Cascudo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 249-254, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/5pT9QGvLj43hqYhYGsq75Tr/>. Acesso em: 17 out. 2022.

NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. Edições Câmara, 2019.

NE10, JC. Morre o jornalista Fernando Cascudo. 2013. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/09/23/morre-o-jornalista-fernando-cascudo-98427.php>. Acesso em: 30 mar. 2023.

NERI, Marcelo. (2011), **Novo mapa das religiões**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps/religiao/>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.

NEVES, Margarida de Souza. Artes e ofícios de um provinciano incurável. In: **Revista Projeto História 24 — Artes da História e outras linguagens**. São Paulo: EDUC, 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10613>. Acesso em: 13 jul. 2023.

OLIVEIRA, Gildson. **Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil**. Brasília Jurídica, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; DE CASTRO GOMES, Ângela Maria. **Estado Novo: ideologia e poder**. São Paulo: Zahar Editores, 1982.

OLIVEIRA, Luiz Antonio; CAVIGNAC, Julie. Na cozinha com Câmara Cascudo: história, etnografia e folclore nos estudos da alimentação no Brasil. **ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 4, n. 7, p. 225 a 236-225 a 236, 2017. Disponível

em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/5169>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ORTEGA, Cristina Dotta; DE LARA, Marilda Lopes Ginez. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. In: **Nuevas perspectivas para la difusión y organización del conocimiento: actas del congreso. Servicio de Publicaciones**, 2009. p. 528-544.

Disponível em:

<https://cip.brapci.inf.br/download/45489#:~:text=Inicialmente%2C%20a%20propuesta%20de%20Otlet,%2C%20ensino%2C%20cultura%20e%20lazer..> Acesso em: 13 jul. 2023.

OTLET, Paul et al. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro: teoria e prática**. 2018. Disponível em:

http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/32627/1/LIVRO_TratadoDeDocumenta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em 13 de setembro de 2022

OTLET, Paul. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática**. Brasília: Briquet de lemos, 2018.

PEDROZA, Ciro José Peixoto. **Que rádio é essa?** Radiofusão Universitária em Natal-RN. 2019.

RIBEIRO, João Ubaldo. Entrevista. *in: Roda Viva*. São Paulo: TV Cultura, 23 jul. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DrIWXpNgRzE>. Acesso em: 03 jan 2023.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. **As ordens honoríficas e a Independência do Brasil: o papel das condecorações na construção**. 2014. Tese de Doutorado. PUC-Rio. Disponível em: <https://urlless.in/5tYxk>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva. O “fabuloso” antílope de Suzanne Briet: a análise e a crítica da análise neodocumentalista. In: **Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação (ENANCIB) 13.**, 2012, Rio de Janeiro. Anais [...] Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1011837_2014_completo.pdf. Acesso em: 04 jan. 2024.

SALDANHA, Gustavo Silva; DA MATA, Diogo Xavier. O discurso biobibliográfico em Gabriel Peignot: notas sobre o sujeito e o autor na Modernidade bibliológica. **Em Questão**, v. 25, p. 159-175, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92421>. Acesso em: 04 mar 2023.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Luis Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16934>. Acesso em 5 de setembro de 2022.

SANTOS, Maria das Graças de Aquino. **Câmara Cascudo e seus "animais escritos" no Canto de Muro**. 2018. 177f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro

- de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/27192/1/C%C3%A2maraCascudo_animais_Santos_2018.pdf. Acesso em 5 de setembro de 2020.
- SANTOS, Paola. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ciência da Informação**, v. 36, n. 2, p. 54-63, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/sHj8wYXXTRMRfG9KZXnSVXD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2023.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. **História social**, n. 24, p. 51-73, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5661206/mod_resource/content/1/Lili%20Schwarcz%20Biografia%20ge%CC%82nero%20e%20problema.pdf. Acesso em: 11 dez 2022.
- SENADO NOTÍCIAS. **Câmara Cascudo: o narrador do folclore brasileiro**. 2008. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2008/12/10/camara-cascudo-o-narrador-do-folclore-brasileiro>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- SEREJO, Vicente. Cascudo injustiçado. **Jornal de Hoje**, edição vespertina, Natal, 25 out. 2007. Cena Urbana, p. 4.
- SILVA, Giane da Paz Ferreira; GALINDO, Marcos; DA SILVEIRA, Murilo Artur Araújo. Documentação no Brasil: presença do pensamento de Paul Otlet na Revista do Serviço Público. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 9, n. 2, p. 223-245, 2023. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/6259>. Acesso em: 12 mar 2022.
- SILVA, Marcos. **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2003.
- SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da. Bibliografias em Pernambuco: panorama histórico (1960-2018). **Em Questão**, v. 25, p. 89-104, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/93154>. Acesso em: 04 jan 2023.
- SOUZA, Itamar. **Câmara Cascudo: vida & obra**. Diário de Natal, Natal, RN, n. 2, p. 06, 1998.
- SPENCE, Jonathan D. **Em busca da China moderna: quatro séculos de história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TANIZAKI, Junichiro. **Em louvor da sombra**. Editora Companhia das Letras, 2007.
- TRIVISIOS, Augusto NS. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa, p. 133, 1987.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. O Ensaio de Luís da Câmara Cascudo na interpretação da Cultura Brasileira. **Revista Cronos**, v. 1, n. 1, p. 27-40, 2000.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/10718>. Acesso em: 04 mar 2023.

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZAHER, Célia Ribeiro; GOMES, Hagar Espanha. Da bibliografia à ciência da informação: um histórico e uma posição. **Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 1972. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1>. Acesso em: 04 mar 2023.